

4º BEC

50 Anos

ENTRE O MALHO E O FUZIL

O EXÉRCITO BRASILEIRO NO OESTE BAIANO



João
escrito
militar
Paulista
de fev
de Of
Em
Batal
nos s
cendári
releva
local,
ações
linha
quais

De
de Te
Histó
Afro-
merec
Come
corres
Orden
Ap
aprov
Polici
Mans
Colég
Costa
Ap
heran
histó
Baian

JOÃO PINHEIRO
IGNEZ ALMEIDA PITTA

**ENTRE O MALHO E O FUZIL:
O EXÉRCITO BRASILEIRO NO
OESTE BAIANO**

Barreiras

2ª Edição

Irmãos Ribeiro
2022

REVISÃO

Sthefanne Karollyne Alves dos Reis

CAPA

Cabo Amílcar Peres VEIGA Neto (1ª Edição - 2012)

Cabo MANOEL Henrique NETO (2ª Edição - 2022)

PREFÁCIO

Tenente-Coronel OLYNTHO Alves Gomes de Sá (1ª Edição - 2012)

Coronel Miguel Rotundo Barra GAZOLA (2ª Edição - 2022)

DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL

1º Tenente R/2 João Paulo PINHEIRO Lima

IMPRESSÃO

Editora e Gráfica Irmãos Ribeiro

FOTOS

4º BEC; e outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

PINHEIRO, João; PITTA, Ignez Almeida.

Entre o malho e o fuzil: o Exército Brasileiro no Oeste Baiano. 2ª edição.
Barreiras: Irmãos Ribeiro, 2022.

A história da Força Terrestre no Oeste Baiano, com destaque ao 4º BEC.

ISBN: 978-65-991334-8-0

Todos os direitos reservados

Pode ser reproduzido no todo ou em parte, desde que citada a fonte.

1º Ten R/2 Pinheiro/ Sd PM João Pinheiro - Prof. Esp. em História Militar

Historiador nº 0000002/BA

E-mail: profpinheirohistoria@hotmail.com

Instagram: joaopaulopinheirolima

DEDICATÓRIA

*A todos os filhos do
4º Batalhão de Engenharia de Construção,
o mais antigo berço das nossas tradições militares.*

*Aos meus discentes, filhos e filhas do Colégio da
Polícia Militar de Barreiras, o mais inovador berço
da nossa educação moral e cívica.*

04
SUMÁRIO

CANÇÃO DO 4º BEC

- Pág. 06 -

AGRADECIMENTOS

- Pág. 07 -

PREFÁCIO (1ª e 2ª Edição)

- Pág. 08 -

PALAVRAS DO AUTOR

- Pág. 12 -

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA MILITAR OESTINÇA ANTES DO 4º BEC

- Pág. 15 -

CAPÍTULO 2

BREVE PANORAMA:

DA ENGENHARIA MILITAR AO 4º BEC

- Pág. 35 -

CAPÍTULO 3

A ODISSEIA DA BRASÍLIA-SALVADOR

- Pág. 56 -

CAPÍTULO 4

OUTRAS OBRAS

- Pág. 86 -

CAPÍTULO 5
OUTRAS MISSÕES

- Pág. 103 -

CAPÍTULO 6
O PATRONO GENERAL ARGOLO

- Pág. 120 -

CAPÍTULO 7
A MAIOR OBRA: O SERVIÇO MILITAR

- Pág. 132 -

PALAVRAS FINAIS

- Pág. 146 -

GALERIA DOS COMANDANTES

- Pág. 148 -

APÊNDICE

- Pág. 152 -

NOTAS

- Pág. 185 -

REFERÊNCIAS

- Pág. 192 -

APOIO CULTURAL

- Pág. 214 -

CANÇÃO DO 4º BEC

Letra: 1º Tenente Luz
Música: Capitão Pimentel

Batalhão do Soldado Operário
 Que nas mãos traz o malho e o fuzil
 Ele vê que a Bandeira é o sacrário
 Da riqueza e honradez do Brasil

Tropa jovem que canta e trabalha
 Vence a seca de rubros clarões
 Pois a Pátria é maior que a fornalha
 Deste sol que flagela os sertões

REFRÃO

Para frente, marchar sem parar
Para frente, para frente,
O soldado nunca deve recuar
Que a ordem de Deus é marchar!

Assim somos na paz ou na guerra
 Nosso peito é cadinho de fé
 Quando surge a alvorada na serra
 Sempre o sol nos encontra de pé

A despeito das rudes jornadas
 Nosso lema é na paz construir
 Mais açudes, caminhos e estradas
 Para o sangue da Pátria nutrir

REFRÃO

Para frente, marchar sem parar
Para frente, para frente,
O soldado nunca deve recuar
Que a ordem de Deus é marchar!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e posteriormente a toda a minha colossal família, tanto a de sangue quanto a afetiva, dispersa do litoral brasileiro aos sertões nordestinos, desde o interior do Pernambuco, Ceará e Maranhão, às vastas e acolhedoras solidões baianas de Barreiras, Santa Rita de Cássia e Mansidão. Neste propósito, honrosamente destaco os meus pais Vera Pinheiro e Frederico Lima, além de Layne, Layanne, Layla, e João Pinheiro Segundo.

Deixo um agradecimento sincero a minha nova família de farda, a Polícia Militar da Bahia, em especial aos filhos do 10º Batalhão de Ensino, Instrução e Capacitação; aos correligionários da 86ª Companhia Independente; e a Família Colégio da Polícia Militar Professor Alexandre Leal Costa.

Gratulo igualmente a família do Exército Brasileiro, nas figuras do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife, 7º Batalhão de Engenharia de Combate, e claro, do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, em especial o Coronel Gazola, atual comandante; os tenentes Haroldo, Anselmo, Vítor, Mayara, Madureira e Tâmilis, amigos de longa data; Sargento Jéssica, Rosânia e Ericka Amorim; o Cabo Manoel Neto; os soldados Caio Pereira, Felipe Araújo e Gedson; os servidores civis Durvalino e Edilma; e ao Capitão Luiz, que tão proficientemente conduz a minha antiga Seção de Comunicação Social, local onde fui mais feliz no exercício do serviço militar.

E como não poderia deixar de ser, registro um agradecimento especial a toda a equipe dos hotéis de trânsito dos oficiais, subtenentes e sargentos do 4º BEC, que tão bem me receberam para transformar o sonho desta segunda edição em uma sublime realidade: o Cabo Robert e os soldados Junio; Donizete; Neilson; Valadão; Dias; A Lopes; J Júnior; Mariano; Lins; Menezes; e Borges Reis; todos conduzidos por um grande líder e amigo: o Sargento Batista.

Manifesto também a minha gratidão aos confrades historiadores; aos colaboradores culturais da Academia Barreirense de Letras, do Museu Municipal Napoleão Macêdo, e do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural de Barreiras (SPHAM); bem como aos amigos pessoais Carlos Tito, Valdimiro José, e Sthefanne Reis, a primeira a ler este livro.

Decerto, a lista seria infindável, mas não pretendo estender-me para não cansar o leitor, que viajará por mais duas centenas de páginas.

Àqueles que não foram citados, e porventura se ofendam, registro as minhas sinceras desculpas. A todos que de alguma maneira colaboraram com as pesquisas necessárias à produção desta obra, o meu muitíssimo obrigado!

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Na busca por realçar a história do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, neste momento tão especial de sua trajetória, decidiu-se atualizar um trabalho outrora realizado pela historiadora e amiga Ignez Pitta.

Em 2002, ela foi responsável pelo lançamento do livro “*O Exército em Barreiras*” que homenageava o 4º BEC e seus 30 anos na Cidade.

Dez anos depois, a história do Batalhão não precisa ser recontada, mas, apenas atualizada, com o único objetivo de reavivar nas nossas mentes as contribuições das duras jornadas iniciadas no Ceará e materializadas em várias partes do país.

Criado no ano de 1955, na Cidade cearense de Crateús, o 4º Batalhão de Engenharia, nasceu com vocação ferroviária e, logo, se responsabilizou pela construção das estradas de ferro que ligavam as cidades de Crateús a Solonópolis, no Ceará; e Oiticica a Castelos Altos, no Piauí.

Em 1972, já com a designação atual, foi transferido para o Município de Barreiras, na Bahia, com o objetivo de estabelecer a ligação entre Salvador e a Capital Federal. Foram mais de 700 km, vencidos em 10 anos, com o suor de 5.000 homens, em uma empreitada que nos enche de orgulho.

Neste contexto, convidei a Senhora Ignez Pitta para, mais uma vez, nos ajudar nesta tarefa, agora com o apoio do Tenente João Paulo Pinheiro Lima – militar dedicado e estudante de História – com o objetivo de auxiliá-la e acrescentar ao livro uma visão interna, de alguém que vive e entende as nuances da caserna.

De leitura agradável, com um vocabulário coloquial, os autores buscaram transmitir não somente os fatos históricos, mas também, o valor sentimental das experiências vividas por aqueles que participaram da história desta Unidade como integrante, ou mesmo, como testemunha ocular das transformações ocorridas na região do Oeste Baiano.

As histórias de vida de cada um, ao longo de tantos anos, alicerçaram e compuseram as estruturas do nosso BEC. Talvez, neste campo, esteja a maior riqueza desta Unidade. Mais do que estradas e açudes, o 4º BEC construiu vidas. Trouxe-lhes novos sentidos e outros

horizontes. Os tijolos que formam as suas harmoniosas linhas arquitetônicas são feitos de renúncia e amor.

Na qualidade de Comandante, carrego a responsabilidade de seguir os passos dos meus predecessores, grandes chefes, que com muita dedicação e inteligência bem conduziram esta Unidade. Mas, sem exagero, carrego algo mais; levo a responsabilidade de liderar uma instituição que marcou e modificou a vida de milhares de pessoas, sempre atentas às estradas percorridas pelo seu Batalhão.

Com certeza este pequeno livro não faz jus ao valor desta Unidade. Talvez, os erros sejam inúmeros e que, com certeza, este trabalho precisará de aperfeiçoamentos. Mas, de forma singela, peço que as falhas porventura cometidas sejam relevadas. Convido-os para lançar os olhos para o passado e, perceber que os valores antes defendidos, continuam sendo professados. Convido-os, enfim, para, juntos, relembarmos momentos marcantes de uma história fascinante.

Barreiras-BA, 31 de julho de 2012.

TENENTE-CORONEL OLYNTHO ALVES GOMES DE SÁ
- 29º Comandante do 4º BEC -

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Ao longo de toda a sua existência, desde a epopeia de Crateús-CE até a sua transferência para Barreiras-BA, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção notabilizou-se pela construção de ferrovias, estradas, açudes, poços, barragens, aeroportos, viadutos, pontes, passarelas e diversos outros trabalhos executados não apenas na região do Oeste Baiano, mas também em outros estados brasileiros, engrandecendo o nome desta Organização Militar da Arma de Engenharia através das décadas.

Com a finalidade de homenagear a trajetória do “Batalhão do Soldado Operário”, que hoje completa cinquenta anos de pleno sucesso no Oeste Baiano, convidei o 1º Tenente R/2 Pinheiro para atualizar a história deste aquartelamento por intermédio de uma segunda edição do livro ENTRE O MALHO E O FUZIL: O EXÉRCITO BRASILEIRO NO OESTE BAIANO, escrito no ano de 2012, com a participação da Sra. Ignez Pitta, grande historiadora local e responsável pelo lançamento do trabalho precursor “O Exército em Barreiras” (2002).

Esta obra atual, além de corrigir os erros das edições anteriores, também traz um panorama dos nossos heróis militares regionais, uma contextualização com os principais fatos da história do Brasil, e acrescenta mais dez anos de inegável êxito às páginas deste livro, revelando que de fato o tempo não para.

Ademais, estas páginas estão finalizadas por um apêndice que desvenda as minúcias do serviço militar através de pequenas biografias de grandes militares, tão simples quanto fascinantes, que tiveram as suas trajetórias profundamente modificadas pelo Batalhão do Soldado Operário. De fato, este é o nosso maior legado: mais do que Operações Militares e Obras de Cooperação, o Batalhão General Argolo transformou vidas, semeou o amor à pátria, inseriu jovens no mercado de trabalho, além de colaborar com o desenvolvimento regional e nacional.

Como atual Comandante, agradeço o entusiasmo desinteressado dos autores, pois nesta data especial, carrego a responsabilidade de bem representar o Exército Brasileiro e os meus predecessores, exímios líderes que, com muita dedicação, comprometimento e inteligência, conduziram o 4º BEC ao patamar que está hoje, mas sempre alicerçados pelo seu maior patrimônio: homens e mulheres que labutam diuturnamente,

II

abnegados e com o espírito inquebrantável para o cumprimento das mais diversas missões impostas à instituição.

Hoje, o 4º BEC retomou a sua vocação ferroviária, pois está encarregado de uma das maiores obras do Sistema de Engenharia do Exército - SSEX: a implantação da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL), obra de extrema relevância para o país, e que permitirá o desenvolvimento do nosso pujante Oeste Baiano. Um desafio imposto ao Batalhão do Soldado Operário, e que certamente será transposto, graças a competência dos nossos integrantes.

Como entoado na canção do 4º BEC: “O soldado nunca deve recuar, que a ordem de Deus é marchar”, convidamos a marcharmos juntos em direção ao passado, a fim de relembarmos fatos, momentos marcantes da nossa história, com a certeza de que os ideais e valores morais e cívicos defendidos há mais de cinquenta anos, permanecem diariamente praticados.

“Batalhão do Soldado Operário – A Ordem de Deus é Marchar!!!”

Barreiras-BA, 03 de julho de 2022.

CORONEL MIGUEL ROTUNDO BARRA GAZOLA
- 34º Comandante do 4º BEC -

PALAVRAS DO AUTOR

Dez anos se passaram desde a primeira edição desta obra, e muita coisa aconteceu: casamento; paternidade; amizades; afastamentos; novos livros; reedições; inúmeras missões, e acima de tudo, infindáveis emoções que não se encerraram com o meu licenciamento das Forças Armadas no primeiro semestre de 2018.

Atualmente, avaliando toda a plenitude da minha essência reestruturada no decorrer da última década, posso declarar que, além do Senhor Frederico Lima e da Senhora Vera Pinheiro, que muito bem me educaram, tenho como pai o Exército Brasileiro, e como mãe a Polícia Militar da Bahia! Hoje, externo igual deferência a ambas as instituições que nutrem o meu espírito militar, e acima de tudo, me guiaram para o fiel exercício da vocação de um servidor público, que é puramente servir: sou servo da sociedade, empregado do cidadão de bem, subalterno ao Além São Francisco, vassalo da Bahia e subordinado ao Brasil! Servir, servir, e apenas... servir!

Em oito anos dedicados às Forças Armadas como oficial temporário, colecionei muitas alegrias, e como era de se esperar, também algumas tristezas e decepções, que melhor alimentaram o aprendizado do que o rancor. E com tamanha experiência, e sem qualquer intuito de ofender os irmãos que ainda vestem a farda verde-oliva, respeitosa e opinio que o Exército pode não ser o melhor emprego do mundo, mas certamente é a melhor escola que eu conheço.

Em janeiro de 2010, poucos dias antes de ingressar nas fileiras castrenses do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife (CPOR-R), eu assistia no cinema o grande sucesso *Avatar*, e deparei-me com uma cena que jamais me saiu da memória, quando o protagonista Jake Sully, veterano das Forças Armadas afirmou “Não existe o ex-fuzileiro. Você pode estar fora, mas nunca perde o jeito!” (AVATAR. Direção de James Cameron. Produção EUA: Lightstorm Entertainment, 2009. 1 DVD. 162 min.)

Jake Sully tinha razão: uma vez militar, sempre militar. Você pode sair da farda, mas a farda nunca sairá de você. E foi ciente de que um bom soldado jamais recua à sua missão, que não pude declinar quando, em 04 de março de 2021, o Coronel Gazola convidou-me para a reedição deste livro, em celebração ao cinquentenário da histórica

transferência do 4º Batalhão de Engenharia de Construção para a cidade de Barreiras.

A oportunidade não poderia ser mais propícia para ampliar e transmitir os meus conhecimentos, mas acima de tudo, reformar aquela obra outrora lançada em 31 de julho de 2012, às pressas, sem revisão e com pouca sutileza impressa em seus trezentos exemplares. Naquela ocasião, realizada apenas para não deixar o aniversário dos 40 anos passar despercebido, indubitavelmente a qualidade do trabalho foi comprometida, por se tratar de algo corriqueiro, executado em pouco menos de três meses.

Todavia, peço perdão pela falta de modéstia, mas os méritos passados também não podem ser retirados. E me refiro não apenas a minha capacidade, ou a da amiga e coautora Ignez Pitta, mas sobretudo a importância do então Comandante do 4º BEC, o Tenente-Coronel Olyntho, por vislumbrar em mim um historiador militar apaixonado, que jamais condenaria ao esquecimento as tradições do nosso querido Batalhão do Soldado Operário, reacendendo em todos os personagens desta epopeia o orgulho de pertencer a esta instituição altruísta.

Graças não apenas aos meus ex-comandantes, mas sobretudo a todos aqueles com quem tive a plena satisfação de compartilhar as experiências da caserna, seja a cáqui ou a verde-oliva, hoje eu sou um Pinheiro completamente diferente daquele de uma década atrás: mais qualificado como profissional, maduro como pessoa, pronto para mui humildemente redimir-se das falhas passadas, e acima de tudo, preparado para humanamente incorrer em novos erros.

Desejo então aos nossos leitores que desfrutem desta obra com a sensibilidade cívica de um bom cidadão, pronto para honrar o nosso país, e reconhecer a importância desta grande escola chamada Exército Brasileiro, hoje representada na figura do seu mais ilustre professor do cerrado baiano: o 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

PÁTRIA! BRASIL!

Barreiras-BA, 03 de julho de 2022.

1º TENENTE R/2 JOÃO PAULO PINHEIRO LIMA
- Soldado PM João Pinheiro -

ENTRE O MALHO E O FUZIL: O EXÉRCITO BRASILEIRO NO OESTE BAIANO

“Manter permanente capacitação profissional para executar operações de engenharia de construção, ações de defesa externa e GLO, e em caráter emergencial apoiar ações de defesa civil.”
- Missão do 4º BEC -



*Figuras de abertura: entradas do 4º BEC.
Fonte: 1º Tenente R/1 Wilbert.*

CAPÍTULO 1
A HISTÓRIA MILITAR OESTINA
ANTES DO 4º BEC

*“O Exército pode passar cem anos sem ser usado, mas não
pode passar um dia sem estar preparado.”*

- Rui Barbosa -

Antes de iniciar esta obra, é necessário que o nosso leitor atente para duas observações, bem explanadas já no título deste livro.

A primeira delas é que, apesar de mencionarmos esporadicamente alguns episódios sucedidos em Crateús-CE, o foco principal deste trabalho é a atuação do 4º Batalhão de Engenharia de Construção desde o ano de 1972, quando então transferido para o Oeste Baiano. Tanto pela carência de fontes, quanto pelo curto tempo de pesquisa, deixamos a Fase Crateús como uma doce sugestão a ser investigada mais profundamente pelas próximas gerações de historiadores.

A segunda observação é a de que o título se refere ao Exército Brasileiro em geral, cuja atuação de personalidades militares nesta região antecede a trajetória do 4º BEC no Oeste Baiano.

Decerto, são fatos que atravessam de maneira memorável grandes episódios da História do Brasil, e em cujas nuances nos debruçaremos agora neste capítulo.

O VETERANO DA GUERRA DO PARAGUAI

Augusto César Torres Barrense nasceu em 28 de outubro de 1840, em São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande, hoje apenas Barra-BA, município que ainda preserva nas suas ruas, praças, casarões e monumentos as reminiscências da localidade que é o berço da história do Além São Francisco.

Antes de completar vinte anos, o jovem ingressou no curso de medicina da Universidade da Bahia, em Salvador. Quando o ditador paraguaio, Solano López, declarou oficialmente guerra ao Brasil em 13 de dezembro de 1864, o aluno sextanista de medicina atendeu prontamente ao chamado cívico do Imperador D. Pedro II, sendo um

dos 9.164 baianos a incorporarem nos Corpos de Voluntários da Pátria (CVP), antes mesmo de concluir o curso.

A pressa em servir ao país antes de trancar a matrícula da graduação, redundou na sua jubilação em 1866. Ainda que sem o diploma, e renegado pelo meio acadêmico, o jovem atuou como médico da Tríplice Aliança, arriscando a própria vida para atender a brasileiros, uruguaios e argentinos que lutavam contra a tirania de Solano López na América do Sul.

Sua dedicada atuação no Teatro de Operações rendeu-lhe a patente de Major Honorário do Exército Nacional, além das condecorações da Ordem de Cristo, Ordem da Rosa e Medalha do Mérito Militar do Paraguai. Seu ato de abnegação, sacrifício e heroísmo em meio ao perigo e a insalubridade dos pântanos paraguaios sensibilizou a Sua Majestade imperial, que considerou aquela participação na guerra como Estágio Oficial, resultando na publicação retroativa da sua colação de grau em 12 de abril de 1867, quando o mesmo ainda se encontrava “em combate”.

Com o término deste conflito que rendeu aproximadamente meio milhão de mortos, e prestigiado por ter contribuído na vitória brasileira, o Dr. Augusto Torres retornou a sua terra natal com cerca de cem barrenses veteranos, após uma epopeia de cinco anos, onze batalhas e surpreendente nenhuma baixa pelos seus conterrâneos.

Foi então que na noite de 23 de junho de 1890, véspera de São João, o Dr. Augusto Torres escutou o pipocar de busca-pés, cuja intensidade dos estrondos renasceram as próprias recordações dos campos de batalha, motivo pelo qual proferiu a sua célebre frase: “tanto fogo assim, só se viu na tomada do Forte Curuzu!”

Dois anos após esta reflexão inspiradora, o povo barrense passou a festejar a vitória brasileira durante as festas juninas, transformando a Barra em uma praça de combate. Desta forma, honravam os atos de heroísmo dos seus voluntários da pátria ao encenarem uma guerra, criando assim uma nova manifestação cultural, conhecida como “a batalha (ou desfile) dos fortes”.

Nesta dramatização, os participantes da homenagem se dividiam em grupos batizados com os nomes das grandes batalhas do maior conflito da América do Sul. Foi através deste ato simbólico, criado para enaltecer os heróis locais, que surgiram importantes clubes como o

Curuzu (1892), Humaitá (1894) e Riachuelo (1908)¹, responsáveis por desfilarem pelo município como se travassem batalhas teatrais, em todo “23 de junho”, véspera da missa de São João Batista. As cinco horas de fogos de artifício, trazendo susto, tensão e medo, fazem o público realmente acreditar estar vivendo uma guerra, reacendendo as lembranças dos combates travados no Sul do continente.

Certamente, é uma manifestação digna de registro como patrimônio cultural imaterial da Barra!

Segundo Leandro Fortes (2010):

“A criação, em 1892, do clube Forte União do Curuzu foi consequência da reflexão do doutor Augusto César Torres. O médico ajudou na formação do grupo que pretendia manter viva a memória dos heróis barrenses na Guerra do Paraguai. Construiu-se um forte na Rua do Latoeiro, hoje Rua do Curuzu, com um enorme mastro na praça central, tudo de madeira. Em pouco tempo, a agremiação virou uma atração na cidade. Dois anos depois, foi erguido outro clube, também com nome de batalha. O Forte Cultural União Humaitá adotou as cores verde e amarela e logo virou um rival de peso. Em 1908, surgiu a terceira associação, cheia de pompa. O Forte Riachuelo importou tecido da França para fazer fardas vermelhas e brancas. Desde então, São João em Barra é fogo contra fogo, busca-pé contra busca-pé. Uma reconstituição lúdica dos combates da Tríplice Aliança contra o ditador paraguaio Solano López.

O desfile dos clubes chega a levar mais de 10 mil visitantes a Barra, um município de 45 mil habitantes. Os foliões se acotovelam para ver o combate simulado dos 1.000 soldados. Os combatentes usam luvas de couro puxadas até o cotovelo para segurar um cano de bambu cheio de pólvora, limalha de ferro e barro. Ao

fim de um jorro de faíscas, a mistura explode na mão do folião. O barro que se solta do fundo do busca-pé sai com a força de uma bala.”²

Paulo Oliveira (2017) ainda complementa que:

“Assim como no futebol, surgiu uma imensa rivalidade por questões geográficas, familiares e classes sociais. A disputa para ver quem tem maior poder de fogo já fez muitos feridos e, pelo menos, um morto em todos estes anos. No entanto, Barra mantém a tradição”³

Após regressar dos pântanos paraguaios, e fazer renome como médico em Campo Largo-BA (hoje Cotegipe), e Conceição do Norte-GO (hoje Tocantins), no final do século XIX o Dr. Augusto Torres se estabelecerá no recém-emancipado município de Barreiras. Assim como nas localidades anteriores, este baiano seria o primeiro médico a habitar o município, cujos serviços foram prestados aos cidadãos provenientes das mais distintas regiões, como o Tocantins, Sul do Piauí, e as localidades ribeirinhas do Rio São Francisco.

Perfeitamente integrado à vida no novo município, o Dr. Augusto Torres ainda entraria para a história local ao ser eleito pelo Conselho Municipal como o 4º Intendente (Prefeito) de Barreiras, notabilizando-se por seu trabalho em prol do município, que durante a sua gestão (1900-1904) foi elevado à categoria de cidade com a promulgação da Lei nº 449 de 19 de maio de 1902, graças à sua articulação com o Governador Estadual Severino Vieira. Deve-se também a ele a denominação da Rua Humaitá, a primeira de Barreiras, em homenagem aos seus bravos compatriotas que tombaram numa das mais notáveis batalhas no Paraguai.

Renomado pelo seu trabalho médico e político, ainda exerceria o cargo de Senador Estadual, à época como representante regional do Oeste da Bahia. Após sofrer a triste perda do filho, passou o resto dos seus dias dedicando-se à medicina e à política local, mas sem muito sucesso nesta última, pelo fato dos seus novos rivais lhe negarem as vitórias políticas naqueles conturbados tempos marcados

pelo coronelismo da república oligárquica. No entanto, faz-se importante destacar que ainda chegou a ser nomeado Interventor Estadual, após a mudança de cenário provocada pela Revolução de 1930.

Este oficial da reserva ainda contribuiu com a cultura e a formação da identidade barreirense ao criar a Tipografia Rio Grande, uma das primeiras da cidade, de modo que após realizar tantos feitos, seria pomposamente saudado pelo povo barreirense no dia 28 de outubro de 1940, com uma ampla festa para celebrar o seu centenário.

Respeitado pela nova terra que aceitara como sua, e com quase cento e um anos de idade, o Dr. Augusto César Torres Barrense faleceria às 17 horas e 30 minutos de 18 de setembro de 1941, data em que a nação brasileira celebrava o 76º aniversário da Retomada de Uruguaiana-RS, episódio que marcou um forte revés na máquina de guerra paraguaia, consolidando um cenário de virada nos rumos daquele conflito.

O dia do seu funeral, até então o maior de Barreiras, tornara-se feriado municipal. Toda a cidade comparecera para lhe render as últimas homenagens, desde os mais humildes e amigos, até os abastados e adversários políticos.

Em 1954, próximo à Rua Humaitá e a Rua das Palmeiras, logradouro onde residira, foi inaugurada uma praça com o seu nome, ornamentada com um busto produzido no Rio de Janeiro-RJ, e oferecido pelo então Ministro da Educação e Cultura, Dr. Antônio Balbino de Carvalho Filho.

O Dr. Augusto Torres sempre se mostrou um compatriota apaixonado pela nação brasileira, e orgulhoso em ter incorporado às fileiras da Força Terrestre. O convite para a sua missa de sétimo dia citaria a sua participação na última Guerra do Prata, a patente e as condecorações de que ele tanto se orgulhara, revelando que estava imortalizado na memória do povo barreirense como um herói nacional.

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado da América do Sul, trazendo um desastroso saldo de aproximadamente meio milhão de mortos, dos quais destes, setenta e cinco mil brasileiros. Por ter se voluntariado a servir ao Brasil, o Major Augusto César Torres Barrense é um símbolo de civismo, coragem e resignação.

A trajetória de vida do primeiro militar barreirense, pouco explorada e ainda desconhecida pelos militares locais, eleva-o à categoria de herói regional que, tal como Caxias, Tamandaré, Barroso, Osório, Mallet, Argolo, Sampaio, Vilagran Cabrita e Antônio João, ilustres patronos das Forças Armadas, arriscou a vida para defender a honra, a soberania e a integridade da pátria brasileira.



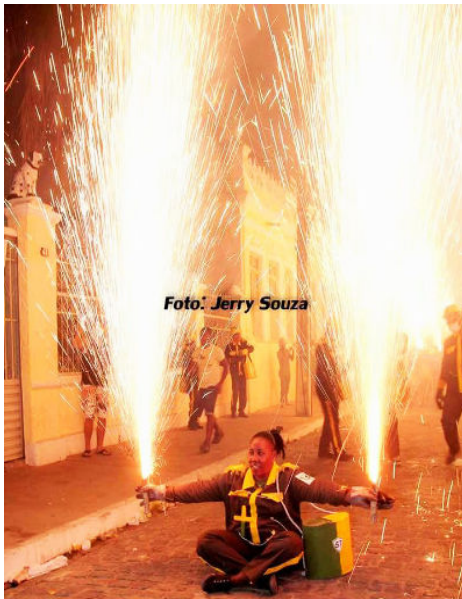
Figuras 1.1 & 1.2: centenário do Dr. Augusto Torres, em Barreiras.

o aniversariante está destacado ao centro, com o terno preto. / busto do Dr. Augusto Torres, no Centro Histórico de Barreiras.

Fonte: Museu Municipal Napoleão Macêdo / 1º Tenente R/2 Pinheiro.



*Figuras 1.3 & 1.4: desfile da linha de fogo do Curuzu, um dos mais tradicionais clubes do município da Barra.
Fonte: Gizele Almeida.*



*Figura 1.5: uma moça desfila na linha de fogo do clube Humaitá.
Fonte: Jerry Souza.*

O POVOAMENTO, A GUARDA NACIONAL E O CORONELISMO

A Cidade de Barreiras deve a sua aurora ao Rio Grande, maior afluente do Rio São Francisco, obstinadamente explorado por volta de 1825, quando barqueiros subiam o curso d'água até chegarem numa barreira de pedra que impediam a continuidade da navegação. “Com o trajeto impedido de progredir a barco, construíram um porto naquele local, batizado, não sem motivo, de Porto das Barreiras. Fazendas surgem nos arredores, além do povoado de Buracão no Arraial da Penha.” (PINHEIRO, 2019, p.35).

Com a descoberta da borracha de mangabeira na região durante a década de 70 do século XIX, milhares de imigrantes foram atraídos no afã de enriquecerem com a extração do látex, a fim de produzir e explorar a referida borracha.

“Para dinamizar o comércio, um lugarejo não tardaria a ser construído nas imediações do cais. Despontava, então, o Povoado de São João, chamado pelos goianos de São João das Barreiras. Com o tempo, perderia o nome católico, e conquistaria a emancipação precocemente, no dia 26 de maio de 1891. O crescimento não parava!” (IDEM, 2019, p.36)

Com a emancipação, tomaram posse os primeiros prefeitos da cidade, geralmente com títulos de coronéis da Guarda Nacional, instrumento militar criado pelo Padre Feijó em 18 de agosto de 1831, quando da sua atuação como regente do Império do Brasil.

Esta nova Força, decerto, passou por diversas transformações ao longo da sua existência, mas por ora, cabe destacarmos apenas que estava composta por militares diferentes, que compravam ou ganhavam as cartas patentes para legitimar a sua autoridade local perante a população mais humilde, caracterizando-se assim por forte base municipal e alto grau de politização. Os títulos variavam de acordo com os postos militares, de modo que os mais importantes se tornavam coronéis.

Com o golpe da proclamação da república em 1889, o Brasil logo entraria em uma fase da sua história conhecida como República Oligárquica (governo de poucos), profundamente marcada pelo fenômeno conhecido como coronelismo, posto que os coronéis da Guarda Nacional se notabilizaram por atuar e influenciar as eleições locais através de uma forte prática intimidatória.

Naqueles tempos, não havia o voto secreto, pois o sufrágio era declarado abertamente perante os demais eleitores, de modo que se alguém votasse contra os interesses do coronel influente na região, estaria fadado à morte por um dos seus jagunços. Em uma terra sem lei, onde o coronel comandava a vida pública local, diversos crimes políticos permaneceram impunes!

Ao se analisar a história política barreirense até 1930, constatamos o quanto o poder estava concentrado nas mãos das poderosas famílias locais, cujas prefeituras foram majoritariamente ocupadas por estes coronéis.

Sendo assim, os primeiros anos da República Velha são marcados por resultados eleitorais absurdos, sem a presença de uma oposição contundente e ferindo qualquer ideia de democracia, como por exemplo na reeleição do Presidente Rodrigues Alves em 1918, consumada com 99% dos votos.

A Guarda Nacional foi oficialmente extinta em 1922, mas as patentes militares continuaram a ser distribuídas por um bom tempo:

“Apesar de sua desmobilização, o Presidente da República, Arthur Bernardes, continuou a emitir Cartas-patentes de oficiais da Guarda Nacional, temos casos de cidadãos que prestaram compromisso de lealdade à corporação em 06 de agosto de 1924, cumprindo a determinação da Carta-patente de 2 de janeiro de 1924, assinada pelo Presidente da República e o Secretário da Guerra, com o seu registro ocorrendo na Secretaria de Estado da Guerra, em 04 de fevereiro de 1924. Diplomas estes, de elevado visual artístico, feitos mesmo para impressionar a quem a eles tivesse acesso, justificando a

intenção de consolidar o poder do patenteado junto a sua comunidade.”⁴

Com a Revolução de 1930, e a conseqüente posse do candidato derrotado Getúlio Vargas, o novo presidente tratou de desmontar paulatinamente o sistema da República Oligárquica ao adotar novas práticas, como a instituição do voto secreto pela Constituição Federal de 1934. Hoje, cada cidadão brasileiro pode votar de consciência livre, embora é inegável que o coronelismo prossegue de uma forma velada nas mais diversas regiões do país, onde determinadas famílias possuem influência local, e os seus membros revezam-se no poder.

Mas para além das questões políticas, tratemos agora dos assuntos militares!

Aqueles jagunços que alimentavam a máquina eleitoral da república oligárquica, seja nas eleições municipais, estaduais ou federais, constituíam a base das tropas do coronel. Em caso de conflitos externos ou internos, como a Guerra do Paraguai ou os ataques de cangaceiros, poderiam ser mobilizados de forma rápida e eficaz, mas enquanto nada acontecia, dirigiam as suas vidas particulares normalmente, como uma força militar de reserva. Segundo Pinheiro:

“Embora o Exército e a Guarda Nacional pudessem atuar em conjunto, como sucedeu-se na Guerra do Paraguai, eram forças distintas. Há uma diferença enorme entre confiar um fuzil a alguém versado nas artes militares, e armar quem nunca foi instruído para tal, empregado apenas para fazer número e contar com a própria sorte.” (PINHEIRO, 2019, p.42)

Diante destas circunstâncias, era necessário que o Brasil formasse uma Força de reserva forte, bem treinada, e moderna, que atendesse aos interesses cívicos da nação, e não apenas a um seletos grupo político, motivo pelo qual Barreiras foi contemplada ainda na década de 20 com a chegada do Tiro de Guerra 128.



Figuras 1.6 & 1.7:

*Coronel Martiniano Caparosa, 1º intendente (prefeito) de Barreiras /
Coronel Abílio Wolney, liderança local, e a sua tropa de jagunços.*

Fonte: Museu Municipal Napoleão Macêdo / Idem.

O TIRO DE GUERRA 128

As origens do Exército Brasileiro em Barreiras remontam a muito antes da chegada do 4º Batalhão de Engenharia de Construção à cidade, ou mesmo da sua criação, em Crateús-CE no ano de 1955.

O Tiro de Guerra 128, destinado a promover o serviço militar nesta região, estabeleceu-se por doze anos, de 1926 a 1938, cujo histórico é perfeitamente atestado pelos seus livros de atas, relatórios, relações dos convocados em treinamento e seu desempenho, bem como dos armamentos e munições que chegavam de Salvador-BA. Estas minuciosas fontes, retratando o que foi esse primeiro e importante trabalho aqui realizado pelo Exército Brasileiro, revelam-se importantes documentos históricos de Barreiras, hoje arquivados no Museu Municipal Napoleão de Mattos Macedo.

O Tiro de Guerra 128 contava sempre com a presença de um sargento do Exército que, apoiado pela Junta do Alistamento Militar, formada por homens da cidade, convocava e alistava os recrutas da nossa região, ministrando-lhes todo o treinamento, como a prática do uso de armas e aperfeiçoamento na precisão dos atiradores, inerente ao militar que trabalha em função da segurança da Pátria. Também mantinha a Escola do Soldado, transmissora da parte teórica e moral da função militar, igualmente documentada em livros, no Museu.

Até então, fazia-se apenas o alistamento, como é comprovado pelos editais de convocação publicados pelo jornal Correio de Barreiras, de 1908. Somente alguns jovens alistados eram enviados para cumprir o serviço militar em Salvador, como o fez Alcibias Almeida, natural de São Desidério, em 1920, e também o índio Sebereba, da Missão de Aricobé, em Angical. Mas eram poucos esses que iam à capital, e assim foi importante haver-se implantado aqui o Tiro de Guerra 128, dando oportunidade a um grande número de rapazes que ali aprendiam muito, como Edgard de Deus Pitta, natural de Casa Nova-BA, região bastante seca da Bahia. Este moço, na qualidade de pai da coautora desta obra, sempre falava com orgulho e admiração do que aprendeu no serviço militar, realizado em 1927, o mesmo ano em que emigrou para Barreiras, onde foi convocado ao chegar, com 17 anos.

A importância do Tiro de Guerra 128 foi tamanha para a história barreirense, que ali prestou o serviço militar o Senhor Eurypedes Lacerda

Pamplona, único barreirense homem a integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial.

O Tiro de Guerra 128 tinha grande atuação social e se integrava aos eventos da vida da comunidade, com a sua presença e banda de música. O local em que os reservistas praticavam os exercícios de tiro era no estande da encosta da Serra do Mimo, numa clareira até hoje visível - motivo pelo qual o lugar ainda é chamado Serra do Estande.

Para a tristeza da sociedade regional, o Tiro de Guerra 128 cessou as suas atividades em 1938, no governo do Presidente Getúlio Vargas, quando a região foi declarada área rural, portanto, isenta da prestação do serviço militar. Paradoxalmente, na mesma época também foi fechado e transferido de Barreiras o Aprendizado Agrícola, pertencente ao Ministério da Agricultura.

O serviço militar em nossa região só foi reintroduzido em 1973, com a vinda do 4º BEC para Barreiras, tornando-se um valioso fator de inclusão social e educação para os nossos jovens, preparando-os para a vida profissional, assim como para a defesa da nação.



*Figura 1.8:
Soldados do Tiro de Guerra 128, com a sua banda de música
em frente a Igreja São João Batista.*

Fonte: Napoleão Macêdo.

DOIS BARREIRENSES NA 2ª GUERRA MUNDIAL

ARACY ARNAUD SAMPAIO

Aracy Arnaud Sampaio nasceu em 19 de outubro de 1917, numa Barreiras que ainda despontava. Esta cidadã foi sobrinha-bisneta do cearense Brigadeiro Antônio de Sampaio, herói da Guerra do Paraguai notabilizado na Batalha de Tuiuti, a maior pugna campal da América Latina, sucedida em 24 de maio de 1866.

Mesmo falecendo dias depois, em decorrência dos três ferimentos adquiridos nesta batalha, em cuja data ironicamente celebrava cinquenta e seis anos de idade, foi justamente pela sua atuação na última Guerra do Prata que o Brigadeiro Sampaio eternizaria o seu nome em nossa história militar, como o Patrono da Infantaria Brasileira.

Vinte e um ano depois, uma parcela dos seus familiares radicou-se em Barreiras, sob a liderança do patriarca Joaquim Raulino Sampaio, e após mais trinta anos nasceria ali uma baiana para honrar as tradições militares da família: Aracy Arnaud Sampaio.

Certamente, uma descendência tão nobre não poderia vir sem grandes conseqüências. Neste sentido, a jovem cresceu sob forte sentimento patriótico da família, sem imaginar que a influência da Guerra do Paraguai na história barreirense não se limitaria apenas ao legado do Major Augusto César Torres Barrense.

Ao concluir os estudos colegiais, a filha de Antonio de Assis Sampaio e Josefina Arnaud Sampaio ingressou na faculdade de Ciências Econômicas, em Salvador-BA, mas desistiu após o segundo ano para matricular-se no curso de Enfermagem Voluntária Socorrista da Cruz Vermelha Brasileira.

Aracy diplomou-se em 1942, mesmo ano em que o nosso país fora vítima de uma série de torpedeamentos pelos submarinos nazifascistas, motivo pelo qual a barreirense prontamente optou por tratar dos sobreviventes na capital baiana.

Em 31 de agosto daquele ano, em resposta a ofensa alemã, o Presidente Getúlio Vargas declarou guerra às potências do Eixo Berlim-Roma-Tóquio, reconvocando milhares de reservistas para a formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Naquela época, a sociedade machista não estava preparada para receber mulheres nas Forças Armadas, mas ainda assim, abriram o voluntariado para aquelas que

desejassem servir como enfermeiras. Aracy foi uma das setenta e três mulheres que responderam ao chamado da nação, demonstrando qualidades como coragem, humildade, abnegação, companheirismo e determinação.

A jovem realizou o curso de adaptação na 6ª. Região Militar, granjeando a 1ª. colocação, e sendo notícias em jornais que enfatizaram o fato dela ser uma Sampaio. Sua convocação oficial para a FEB deu-se pela Portaria 7.018, no dia 9 de agosto de 1944.

Nas vésperas de partir para a guerra, nossa febianinha embarcou para o Rio de Janeiro, em um navio comboiado por dois destróieres. Na Cidade Maravilhosa, participou do garboso desfile expedicionário com as outras setenta e duas mulheres, na Avenida Rio Branco, sob os olhares atentos e preocupados de milhares de brasileiros. Em 19 de outubro daquele ano, data em que completava vinte e sete anos de idade, partiu com dezoito colegas em um avião da Força Aérea Brasileira, em direção ao Teatro de Operações da Itália.

Vale lembrar que as mulheres brasileiras embarcaram para a Europa na condição de civis, mas pelo fato de as enfermeiras norte-americanas ostentarem o posto de oficiais militares, esta situação foi estendida às brasileiras, transformando a baiana do oeste na 2º Tenente Aracy Sampaio.

No conflito, a sertaneja foi classificada na Enfermaria de Cirurgia e Clínica Médica E-22, do 7º Hospital, em Livorno, tratando dos sessenta oficiais feridos e mutilados das Nações Aliadas que sempre ocupavam aquela seção. Além de enfermeira, Aracy mostrava-se amiga e serviçal dos companheiros de farda, escrevendo para as suas famílias, lendo histórias, e cantando para amenizar o sofrimento vivenciado no *front*, sendo apontada pelo próprio Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da 1ª Divisão Expedicionária, como elemento de destaque e exemplo perfeito de enfermeira de guerra.

A Tomada de Monte Castelo, uma história escrita à sangue pelos nossos pracinhas, lotou o hospital de heróis brasileiros, trazendo os mais conturbados dias da enfermeira. Mesmo prestando apoio hospitalar, Aracy Sampaio não estava isenta de perigo. O local era constantemente alvo da artilharia inimiga. Em uma das explosões, estilhaços das janelas caíram em cima dos feridos, mas ainda que trêmula do susto, a jovem não hesitou em limpar os pacientes, procurando

transmitir toda a tranquilidade que podia. Em um outro episódio sangrento, uma mina implantada arditamente pelos alemães durante a retirada do hospital terminou por explodir, deixando-a irremediavelmente surda do ouvido esquerdo.

Em maio de 1945, nossa febiana seria surpreendida com apitos, buzinas, músicas e gritos, que averbados em várias línguas anunciavam alegremente o fim do maior conflito da humanidade. Tomada de alegria pela vitória, orgulho pela participação brasileira, e tristeza por ter que se separar dos seus colegas de ideal e infortúnio, a jovem logo embarcaria em outro avião no mês de junho de 1945, de volta para o amado Brasil.

Em decorrência da perda da audição, Aracy Sampaio foi impedida de continuar no serviço regular do Exército, sendo licenciada pela Portaria 8.411, que também reconheceu os seus relevantes serviços, ao passo em que a condecorou, pelo Exército Brasileiro, com a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra, e pelo Exército Estadunidense, com o distintivo “USA Meritorium Service”.

Ainda no Rio de Janeiro, conheceu Carlos Martins de Barros, por quem se apaixonou, casou e teve seis filhos.

Esta barreirense dedicou o resto da vida a cuidar da família, e dos pracinhas que mais pesadamente carregavam os traumas do conflito, participando inclusive das diretorias de associações de ex-combatentes da FEB, em Belém-PA e Brasília-DF.

Aos noventa anos de idade, Aracy Arnaud Sampaio faleceu em Brasília, vitimada por uma leucemia, no dia 08 de setembro de 2008, data em que se realizava uma convenção dos veteranos na capital federal. O seu exemplo de patriotismo, sacrifício, coragem e determinação, mas principalmente da alegria de viver, mesmo após ter convivido lado a lado com a morte, o caos e a destruição, continua inspirando mulheres por todo o Brasil.

Hoje, o seu legado está eternizado no documentário *Pelos Olhos de Aracy*⁵, vencedor de vários prêmios; em acervos espalhados por diversos museus, como o Napoleão Macêdo (Municipal/Barreiras-BA), General Argolo (4º BEC/ Barreiras-BA), e da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB/Brasília-DF); além de em livros que citam a sua história, como o **Vozes da Guerra**, e o **Tiro, Guerra e Mito: a história de um barreirense na Segunda Guerra Mundial**, a biografia solo de mais um conterrâneo que conheceremos a seguir.



*Figuras 1.9 & 1.10: Aracy jovem/ Aracy aos 90 anos de idade.
Fonte: E-referências.*

EURYPEDES LACERDA PAMPLONA

Eurypedes Lacerda Pamplona nasceu em 10 de junho de 1919, na antiga casa nº 29 da Rua Barão de Cotegipe. O jovem era o quinto dos sete filhos de Manoel Pamplona, guarda-fio do telégrafo, e Arlinda Lacerda, dona de casa e administradora de um hidrômetro do observatório meteorológico da cidade.

Com 18 anos incompletos, incorporou-se ao Tiro de Guerra 128, aprendendo lições de civismo, educação moral, boa conduta, além das instruções militares. Formou-se então atirador da reserva de 2ª. classe, na turma de 1937.

Em 1939, mesmo ano em que eclodiu a Segunda Guerra Mundial, o jovem mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou em lojas de armarinhos e tecidos, como a Costa Pacheco e a Sedas Brasil. Em 31 de agosto de 1942, após os afundamentos dos nossos navios mercantes pelos submarinos nazifascistas, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo Berlim-Roma-Tóquio. Dois dias depois, na pensão onde residia,

Eurypedes Pamplona recebia a carta que o reconvocaria às Forças Armadas.

Nesse contexto, nascia a ideia da criação da Força Expedicionária Brasileira, o instrumento militar nacional destinado a cooperar com as Forças Aliadas na missão de destruir o inimigo comum.

Pamplona incorporou-se inicialmente ao 2º Regimento de Infantaria, o Dois de Ouro, onde passou por rigoroso adestramento e foi promovido à graduação de cabo. No dia 23 de novembro de 1944, o seu navio de transporte *General Meighs* zarparia da Baía da Guanabara com 4.691 militares do Quarto Escalão de Embarque, em direção a guerra. A missão era repelir as forças nazistas na Itália, em conjunto com o IV Corpo do V Exército de Campanha Estadunidense.

Em meados de dezembro, sob o rigoroso inverno europeu, nosso expedicionário baixou no 7º Hospital em Livorno, mesmo local onde serviu a 2º Tenente Enfermeira Aracy Sampaio, também barreirense. Seus dias no hospital eram perturbadores. Os canhões troavam constantemente, cada dia mais próximos.

Em janeiro de 45, participou de instruções juntamente com outros pelotões que muito em breve seguiriam para o front. Escalado agora como membro da 9ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, o pracinha foi escolhido para atirador da metralhadora Ponto 50. Sua tarefa seria rechaçar os alemães e dar cobertura para o avanço aliado em terreno inimigo.

No memorável 12 de fevereiro de 1945, após longas marchas, o Cabo Pamplona teve o seu batismo de fogo em Belvedére, prestando importante contribuição na conquista do objetivo final.

Em 21 de fevereiro, apoiou em segundo escalão a Tomada de Monte Castelo, mais renomada conquista da FEB. No mês de março, o jovem aproveitou para reverenciar os seus irmãos de farda no Cemitério de Pistóia, mortos no cumprimento do dever.

No dia 14 de abril, viveria os mais tenebrosos dias da sua vida em Montese. A batalha se tornara um verdadeiro inferno de fogo, fumaça, sangue e bombardeios. Mas as tropas brasileiras não desistiam, cada vez mais conquistavam terreno e faziam prisioneiros. E foi assim que, por todas as cidades em que passavam, os brasileiros foram sempre bem recebidos com flores e aplausos de italianos eternamente gratos.

No dia 04 de maio de 1945, o cabo receberia a mais esperada notícia: Adolf Hitler, líder nazista, havia cometido suicídio. O comando

das forças alemãs na Itália havia se rendido. A guerra da Força Expedicionária Brasileira havia acabado!

No inesquecível 17 de setembro, Pamplona e os seus companheiros desembarcaram emocionados no Rio de Janeiro, ovacionados por uma multidão delirante, pronta para recepcionar os novos heróis que desfilaram garbosamente pela Avenida Rio Branco. Em 30 do mesmo mês, foi licenciado do serviço ativo para ingressar novamente na reserva do Exército Nacional, regressando definitivamente a sua cidade natal pouco tempo depois.

Com a chegada do 4º Batalhão de Engenharia de Construção a Barreiras, em 1972, Eurypedes Pamplona passou a ser reverenciado por esta organização militar como um herói de guerra, mas de forma tímida e local. Todavia, a sua fama expandiu-se a partir do ano de 2015, com o lançamento da 1ª edição da sua biografia *Tiro, Guerra e Mito*, de autoria do 1º Tenente R/2 Pinheiro⁶ (historiador militar e coautor desta obra).

Com a sua trajetória imortalizada nas páginas de um livro, o expedicionário tornou-se uma celebridade conhecida não apenas pelo segmento militar, mas por toda a cidade de Barreiras, e até mesmo pelo Brasil, motivo pelo qual recebeu diversas premiações das mais distintas instituições do país. Desta forma, estas diversas entidades colaboraram indiretamente para a formação de um acervo, hoje transformado no Museu do Cabo Pamplona, na residência do próprio herói.

A sua fama expandiu-se a tal ponto que, em 11 de setembro de 2020, foi recebido pessoalmente pelo Presidente Bolsonaro, juntamente com o seu biógrafo, no salão do aeroporto de Barreiras.

A Segunda Guerra Mundial trouxe para a humanidade um desastroso saldo de 55 milhões de mortos, 35 milhões de feridos, 20 milhões de órfãos e 190 milhões de refugiados. O Brasil foi o único país da América do Sul a enviar tropas para o combate.

Por ter lutado e sobrevivido ao pior conflito da história, Eurypedes Pamplona certamente é uma relíquia no Brasil. O aposentado centenário hoje simboliza os tantos jovens humildes que durante meses viveram a experiência da guerra, em busca de um mundo melhor. A sua história de vida, bem como a postura inabalável - mesmo com a dor dos anos - é um exemplo de civismo não apenas para o Exército Brasileiro, mas principalmente aos cidadãos do nosso país, fortalecendo o seu mito de herói reverenciado pela nação.



Figuras 1.11/1.12 & 1.13: Eurypedes Pamplona na 2ª Guerra Mundial / Presidente Bolsonaro, Eurypedes Pamplona, e o Tenente R/2 Pinheiro / Palestra no Colégio da Polícia Militar (CPM-Barreiras).

Fonte: Eurypedes Pamplona/ Palácio do Planalto/ CPM-Barreiras.

CAPÍTULO 2

BREVE PANORAMA: DA ENGENHARIA MILITAR AO 4º BEC

“Destinadas à defesa dos povos e dos interesses e necessidades deles, entre nós, desde o “achamento” e a “invenção” do Brasil, as nossas forças armadas se tornaram mais que o “braço forte”; tornaram-se a “mão amiga” que socorre e, principalmente, constrói.” (DARÓZ, 2010, p.100)

ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS: ENTENDENDO O EXÉRCITO BRASILEIRO

A imagem básica comumente associada ao Exército Brasileiro é a de uma instituição padronizada: todos os que vestem a farda seriam soldados, e os integrantes de cada batalhão exerceriam o mesmo tipo de atividade. Esta visão, certamente estereotipada, sempre permeou o imaginário popular que, alheio à vivência na caserna, pouco conhece sobre as nuances da instituição.

Decerto, cada militar em etapa de formação primeiramente é submetido a um período de capacitação básica, momento em que são adestrados nas técnicas e doutrinas inerentes a todo militar. Terminado este período de instrução, estes jovens são apresentados à conhecimentos específicos, que os habilitarão a ingressar em setores conhecidos como Armas, Quadros e Serviços, responsáveis por atuar de maneira integrada para o fiel cumprimento das operações bélicas.

A primeira Arma e a mais antiga de todas na história da humanidade, é a tão conhecida infantaria. Esta é a Arma do combate aproximado a pé, ainda que se utilizando de meios de transporte terrestres, aéreos ou aquáticos para o deslocamento. Na ofensiva, a infantaria avança sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo. Na defensiva, mantém o terreno, impedindo o avanço inimigo pelo contra-ataque. É considerada uma Arma Base, pois as outras tropas devem lhe prestar apoio.

A segunda Arma é a renomada Cavalaria, também considerada uma Arma base. Se em tempos remotos os cavalarianos entravam em ação sobre a montaria animal, hoje atuam além da vanguarda, reconhecendo, protegendo e engajando o inimigo com os seus meios

blindados e mecanizados. Caracteriza-se pela alta mobilidade, elevado potencial de fogo, ação de choque, proteção blindada e um amplo e flexível sistema de comunicações.

A terceira Arma, agora de apoio ao combate, é a Artilharia, que na Antiguidade Grega sobreveio lançando objetos, seja por arremesso ou através da energia obtida pelo tensionamento de cordas e arcos. Hoje, essa ciência é célebre pelos seus canhões, obuseiros, foguetes e mísseis que fornecem um apoio de fogo às armas bases, destruindo ou neutralizando os alvos que ameacem o êxito das operações.

A quarta Arma, sobre a qual nos deteremos mais adiante, por ser o principal foco desta obra, é a Engenharia.

A quinta e a última Arma é a de Comunicações. É uma:

“[...] Arma do Comando, **proporcionam as ligações necessárias aos escalões mais altos que exercerão a coordenação e o controle de elementos subordinados antes, durante e após as operações.** Além disso, atua no controle do espectro eletromagnético por meio das atividades de Guerra Eletrônica para impedir ou dificultar as comunicações do inimigo, facilitar as próprias comunicações e obter informações. **[os grifos são nossos]**

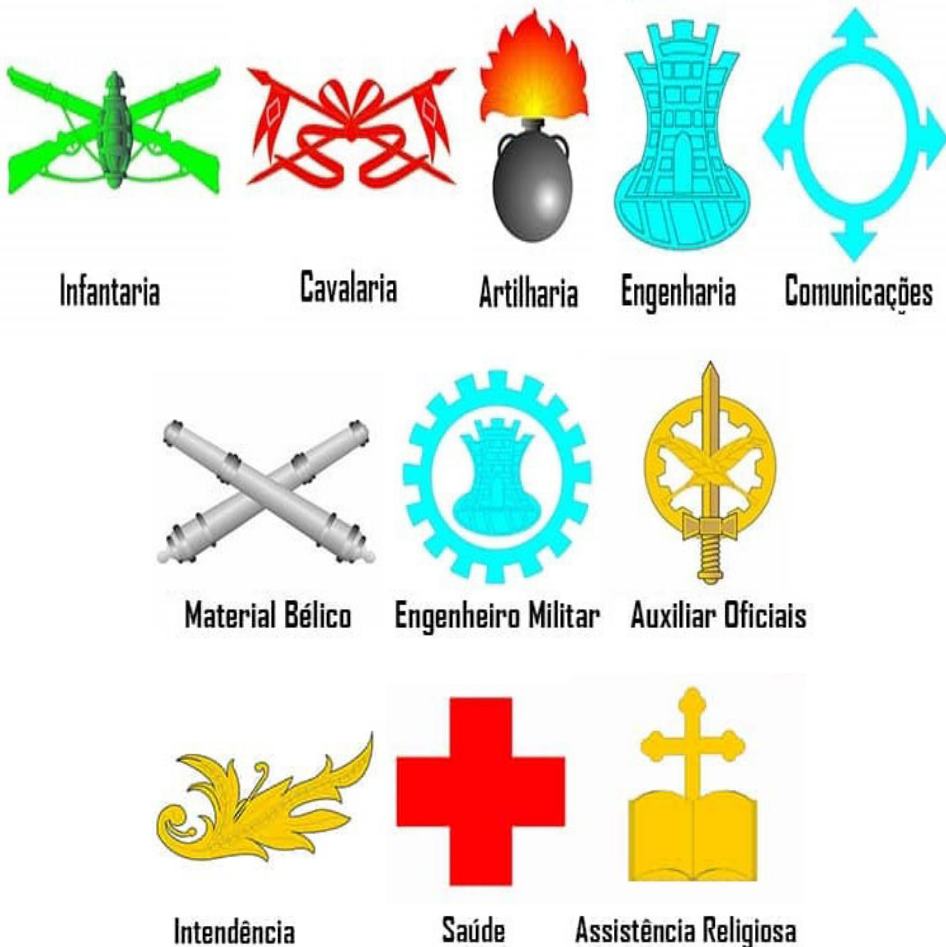
A HISTÓRIA DA ARMA [grifo original]

A Arma de Comunicações teve suas origens na 2ª Guerra Mundial, quando foi verificada **a necessidade de estabelecer e manter o fluxo de informações por todos os escalões no campo de batalha, de maneira que os altos escalões pudessem exercer suas ordens e coordenações. [os grifos são nossos]”¹**

Ainda podemos citar outras divisões, como o Quadro de Material Bélico, e o Serviço de Intendência. O primeiro é responsável por realizar o suprimento e a manutenção dos mais diversos tipos de materiais militares, como armamentos, munições, viaturas e maquinários, dentre

os quais os próprios equipamentos da engenharia. O segundo é voltado ao apoio logístico, atuando diretamente na administração dos quartéis, bem como prestando apoio em transportes, suprimentos e serviços.

Atualmente, ainda existe o Quadro Complementar de Oficiais, Quadro de Engenheiros Militares - IME, Serviço de Saúde, dentre outras capacitações que apoiam, complementam e fazem parte do Exército Brasileiro. Decerto, a instituição é extensa, e composta por outras especialidades, mas por ora esta rápida elucidação é suficiente para o entendimento básico do leitor.



*Figuras 2.1: símbolos de algumas Armas, Quadros e Serviços.
Fonte: E-referências.*

Mas regressemos ao segmento ainda não desvendado com a seguinte pergunta: qual a missão da Engenharia?

A Engenharia é a arma de apoio ao combate que tem como missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e a proteção, caracterizando-se como um fator multiplicador do poder de combate, e constituída por militares que aliam o trabalho técnico da engenharia às aptidões combatentes.

A Mobilidade é o conjunto de trabalhos desenvolvidos para proporcionar as condições necessárias ao movimento contínuo e ininterrupto de uma força amiga. Os engenheiros realizam, entre outros, trabalhos de abertura de passagens em obstáculos; de transposição de cursos de água; de navegação em vias interiores; de conservação e reparação de pistas e estradas; de destruição de posições organizadas do inimigo; proporcionando assim condições para que a manobra tática obtenha rapidamente vantagens sobre a posição do inimigo.

A Contramobilidade é o conjunto de trabalhos que visam deter, retardar ou canalizar o movimento das forças inimigas para, em princípio, contribuir na destruição dessas forças. São trabalhos que proporcionam maior valor defensivo ao terreno, principalmente pela construção de obstáculos de acordo com a intenção do comandante tático, restringindo a liberdade de manobra do inimigo.

A Proteção é o conjunto de trabalhos que visam reduzir ou anular os efeitos das ações do inimigo e das intempéries sobre a tropa e o material, proporcionando abrigo, segurança e bem-estar, além de ampliar a capacidade de sobrevivência das forças em campanha. Os engenheiros, em função do conhecimento técnico do pessoal e material especializados, prestam assistência às tropas em combate ou realizam trabalhos de fortificações, camuflagem e instalações.

Na história da humanidade, foi o imperador greco-macedônio Alexandre, o Grande, quem primeiro realizou a integração da infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia com o apoio logístico e a inteligência. O maior desafio dos seus engenheiros foi operar na mobilidade das tropas para conquistar a poderosa ilha litorânea de Tiro, uma cidade-fortaleza blindada por muros gigantescos e pouca terra fora do perímetro, praticamente impenetrável aos olhos dos moradores. Para complicar a situação dos macedônios, que não dispunham de uma boa marinha, os tírios eram reforçados por uma ampla frota naval.

A solução adotada para contornar o impasse foi levar o campo de batalha para a cidade, construindo uma grande calçada de aproximadamente 800 metros de comprimento, 60 metros de diâmetro, e 6 metros de altura, garantindo assim a mobilidade das tropas. Ampliando o poder de combate, os engenheiros ainda projetaram torres de cerco à prova de fogo, devido a uma cobertura de couro cru sobre a estrutura de madeira, responsáveis por abrigar soldados que golpeariam o topo das muralhas durante dias. Quando Alexandre finalmente abriu uma brecha no baluarte outrora inexpugnável, o general macedônio desencadeou uma onda de terror sobre a cidade, ampliando os seus domínios na costa asiática.



Figura 2.2: o cerco da cidade-ilha de Tiro, por Alexandre, o Grande.

Fonte: E-referências.

É possível encontrar bons exemplos da engenharia também em localidades de estudos militares pouco aprofundados, como o Quilombo dos Palmares, território composto por negros fugitivos da escravidão que descendiam dos exércitos africanos, à época uns dos mais poderosos do mundo, motivo pelo qual a África foi colonizada apenas em fins do século XIX.

Legando um pujante exemplo de resistência através do apelo a contramobilidade, estes guerreiros não hesitaram em montar um amplo sistema de defesa com paliçadas, estacas e fossos camuflados, recheados de cobras e mais estrepes, para impedir e retardar o avanço das tropas inimigas que, distantes do núcleo quilombola, não granjeavam bombardear a capital do reduto, como bem relatou Edison Carneiro:

“Os negros defendiam-se com uma tranqueira dupla – duas ordens de paliçada protegidas por troncos de árvores, fojos e estrepes [...] que, juntamente com a posição em que se encontrava, “lugar forte por natureza”, a tornava inexpugnável.

Contra essa “cerca” o Mestre de Campo viu-se forçado a empregar artilharia, tanto quanto se sabe sem resultado (2011, p.10).

A gente de Domingos Jorge Velho notou, com estupefação, que o inimigo “se tinha fortificado com uma triplicada cerca no cume da... Serra [do Barriga], lugar forte por natureza [...] era absolutamente impossível chegar alguém à dita cerca [...] Era impossível, aos homens de Domingos Jorge Velho, pouco numerosos, mal equipados, alimentados com raízes de croatá, assaltar a praça-forte do Zumbi.” (CARNEIRO, 2011, p.115-116)

Desta feita, o mais renomado quilombo das américas durou quase um século, sendo necessário cinco anos de cerco para a conquista daquele território que ficou conhecido como a “Troia Negra”², tamanha a dificuldade de subjugá-lo.

No que tange à proteção, podemos citar até mesmo a herança deixada por artistas durante a mais notável revolução cultural da modernidade: o Renascimento. Durante boa parte deste período, a Península Itálica estava constituída por um caos de pequenas repúblicas rivais e vulneráveis, mal protegidas por muralhas medievais altas e esbeltas, porém frágeis demais para suportar não apenas o poder de fogo dos novos canhões, mas também o próprio peso do armamento balístico.

Quando Carlos VIII, rei da França, decidiu invadir o território em 1494, os artistas da renascença, antes destinados à construção de monumentos que exaltassem a grandeza da humanidade, agora seriam recrutados para colocar as inovações e tecnologias da arquitetura e engenharia à serviço do exército.

Estes artífices projetaram as fortificações das maiores cidades italianas, através da construção de novas e mais eficientes muralhas: inclinadas, mais baixas e espessas, e com proteção em cada um dos lados, capazes de neutralizar o fogo dos potentes canhões franceses. Este legado renascentista fez do bastião o novo modelo de fortificação defensiva, despertando o interesse militar por toda a Europa.

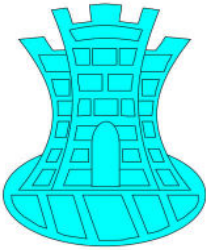
Mas no que concerne às nossas raízes luso-brasileiras, é importante salientar que as atividades da engenharia sempre existiram desde a colonização, sobretudo nos setores de fortificações para a defesa da costa. Numa época em que as batalhas ainda eram marcadas por “guerras estáticas de posição e sítio”, as fortalezas exerciam considerável influência na defesa das suas regiões. Em caso de ataques, ocupar uma região significava ter a posse da fortaleza, o último bastião da resistência de um povoado. Quando esta sucumbia, o domínio territorial despencava junto. Segundo o General Lyra Tavares:

“Era a época das fortificações estratégicas, com canhões de grande calibre e alcance, devidamente protegidos por grossas muralhas de pedra e de observatórios dominantes, que desafiavam o poder dos canhões inimigos, podendo neutralizá-los com tiros convergentes e maciços, pelo sítio ou pela destruição.

[...] Vivia-se, então, a época da fortificação permanente, cujos projetos tornaram famosos os seus realizadores. Em seu poder se escudavam a autoridade e a supremacia dos chefes dominantes e dos príncipes, sobretudo na Europa [...] **nos castelos feudais cuja grandiosidade arquitetural representava a escala do poder dos reis e dos príncipes.** Vem desde esses tempos já remotos a significação do atual símbolo da Arma de

Engenharia, a que se refere a sua canção oficial: “o castelo lendário, da Arma azul-turquesa³, que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia.”

Foi desde aí que o castelo, ou castro, passou a servir de símbolo à Engenharia, erigindo-se a Engenharia Militar em arte castrense, sinônima de Arquitetura militar, formando um binômio indissociável com a Artilharia, que dava aos castelos, com o poder dos canhões, os instrumentos ativos da sua defesa.” [os grifos são nossos] (TAVARES, 1981, p.201-202)



*Figuras 2.3/ 2.4/ & 2.5: o símbolo da Arma de Engenharia.
 / O Forte Orange (lusu-brasileiro), construído sobre o antigo forte holandês para defender o litoral pernambucano na Ilha de Itamaracá.
 / os canhões da artilharia que protegiam a referida fortaleza.
 Fonte: E-referências/ Idem/ 1º Tenente R/2 Pinheiro.*

A ENGENHARIA DO COMBATE É A MESMA DO PROGRESSO

Ademais, além das missões clássicas tipicamente militares, as primeiras contribuições efetivas do Exército em prol do desenvolvimento nacional também se dariam no campo da engenharia militar. Desde a chegada das primeiras caravelas portuguesas até meados do século XIX, todos os principais trabalhos de construção no Brasil, e não apenas os tocados pela necessidade de defesa, seriam fruto dos engenheiros militares europeus e brasileiros, que detinham o monopólio do conhecimento científico. Em outras palavras, citar “engenharia” e “engenharia militar” caracterizava redundância por não haver, naqueles tempos, uma engenharia civil.

Desde o final do século XVIII, a engenharia militar luso-brasileira contribuiu na execução das obras de infraestrutura de transportes, cujo primeiro registro histórico data de 1792, com a inauguração de uma estrada na Baixada Santista, planejada e realizada pelo Real Corpo de Engenheiros do Exército Português. Esta memorável pavimentação foi lançada com lajes de pedras, enterrando assim o problema da má conservação das estradas que prejudicavam o escoamento do comércio açucareiro.

Entretanto, com a virada do século, as guerras napoleônicas e a consequente fuga da família real portuguesa para o Brasil em 1808, todo o tabuleiro do xadrez político ocidental sofreria modificações, com amplos reflexos em todos os setores, inclusive o militar.

Sob o comando do império marítimo português desde a declaração de insanidade da rainha D. Maria I, o Príncipe Regente D. João preocupou-se em modernizar a nova sede da monarquia, realizando inúmeras adaptações em suas engrenagens administrativas, além de melhorias profundas responsáveis por diminuir cada vez mais a dependência política brasileira em relação a Lisboa. Dentre estas providências, vale destacar o fortalecimento da engenharia militar da colônia:

“Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1808, uma das preocupações de D. João foi com a defesa da colônia. Várias providências foram sendo tomadas para o fortalecimento do militar. Aos

poucos, foi sendo criado o Exército do Brasil, que durou até 1822, com a Independência, quando passou a ser Exército Brasileiro. [...] Por Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810, D. João criou a **Academia Real Militar**, provisoriamente instalada na Casa do Trem. Dois anos depois, foi instalada no Largo de São Francisco, onde passaram a ser formados os oficiais de artilharia e **engenheiros**, em curso de sete anos.” [os grifos são nossos] (MOURA, 2009, p.127-128)

Com a adoção de abundantes medidas desta natureza em múltiplos setores, aos poucos o Brasil se fazia nação. Desta forma, faltava apenas a declaração formal de independência, consolidada pelo brado retumbante de D. Pedro I em 07 de setembro de 1822, às margens plácidas do Riacho do Ipiranga, tal como bem descrito em nosso Hino Nacional.

Poucas décadas depois, o país foi contemplado com a construção da primeira ferrovia, denominada “Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petrópolis”, inaugurada em 30 de abril de 1854 para interligar o Rio de Janeiro àquela cidade. Cabe frisar que esta obra pioneira para o despontar do progresso nacional, mesmo se tratando de um empreendimento privado que rendeu ao magnata Irineu Evangelista de Souza o título nobiliárquico de Barão de Mauá, contou com a participação especial dos engenheiros do Exército Imperial.

Foi então através do seguinte relatório ministerial da pasta da Guerra que Luís Alves de Lima e Silva, então Marquês de Caxias e futuro patrono do Exército Brasileiro, destacou a necessidade da ampliação do conhecimento para o segmento acadêmico não militarizado:

“[...] os oficiais do Corpo de Engenheiros do Exército são os únicos que as empresas públicas e privadas podem lançar mão no Brasil para trabalhos de engenharia. É incontestável que existindo uma classe de

hábeis engenheiros civis, contratáveis livremente pelas empresas, diminuirá progressivamente a necessidade de engenheiros do exército, até restringir-se unicamente à da administração militar.” (In: Relatório do Ministério da Guerra de 1857. Acervo do Arquivo Histórico do Exército). (Apud DARÓZ, 2010, p.104)

Nasceria assim a instituição da engenharia civil no seio do militarismo quando, em 1858, a Escola Central do Exército criou o primeiro curso desta categoria, graduando assim engenheiros civis juntamente com oficiais combatentes, e ampliando desta forma a prosperidade do país.

Onde há engenharia, há desenvolvimento! Esta é uma máxima válida para todas as eras, em todo e qualquer lugar do mundo. Seriam as fortificações, erigidas para abrigar as guarnições e postos militares do litoral às regiões interioranas, genuínas matrizes de núcleos populacionais, expandindo o território e consolidando paulatinamente as fronteiras do Brasil.

A sensação de segurança e infraestrutura, proporcionada por este símbolo da defesa da integridade territorial, atraía as populações periféricas dando origem a cidades, e garantindo desde cedo a colonização das regiões mais longínquas, a exemplo da selva amazônica. A própria cidade de Manaus-AM tem o seu surgimento intrinsecamente atrelado ao Forte de São José do Rio Negro, posto militar edificado para guarnecer estrategicamente a confluência dos rios Negro e Solimões, objetivando a manutenção daquele território já conquistado e demarcado.

Vale destacar que na atualidade, mesmo sem a construção de esbeltas fortificações, essa relação povo-quartel continua sendo uma realidade, sobretudo nas faixas de fronteiras ou regiões interioranas, a exemplo do próprio Oeste Baiano, região de grande potencial econômico alavancado pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Entretanto, um século antes do 4º BEC começar a escrever os anais da sua trajetória, o Imperador Dom Pedro II, ladeado pelo Ministro

da Guerra Pedro de Alcântara Bellegarde, reescreviam as páginas da história do Brasil com a assinatura do decreto nº 1.535 de 23 de janeiro de 1855, ao criarem oficialmente o Batalhão de Engenheiros.

Esta nova unidade não estaria mais restrita às obras de construções e reparações na capital, tarefa desempenhada desde 1808 pelo Batalhão de Artífices. Atrelado a Arma de Artilharia⁴, este quartel foi organizado sob os novos princípios militares adotados no século XIX, imbuído então da realização do apoio estratégico e tático do exército em campanha, não mais resumido ao sítio de fortalezas.

A arte da guerra, outrora de natureza estática e localizada, cedia espaço à guerra de movimento. Fazia-se necessário usufruir de uma mobilidade que assegurasse a rapidez das manobras das tropas por todo o terreno, sobretudo das baterias de canhões instaladas no teatro de operação, facilitando assim a execução de marchas, estacionamentos e batalhas que se revelavam cada vez mais dinâmicas.

Foi durante a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai (1864-1870), o maior conflito da América Latina, que este batalhão viveria o seu verdadeiro laboratório⁵, enfrentando problemas e improvisando soluções nos pântanos paraguaios, que tornariam este prélio “A grande escola para a transformação da Engenharia puramente técnica em Arma combatente especializada (TAVARES, 1981, p.204)”. É desta feita que imortalizaram-se grandes nomes, como José Carlos de Carvalho, Conrado Bittencourt, e o próprio Tenente Coronel Vilagran Cabrita, patrono da Engenharia.

Outrossim, é importante acrescentar que mesmo com os seus batalhões atualmente divididos em duas vertentes, o combate e a construção, a Arma da Engenharia ainda é marcada por um notório diferencial: seja na paz ou na guerra, o treinamento é sempre real, e os seus efeitos invariavelmente estarão materializados no terreno. No combate, uma explosão deixará uma cratera na estrada, e na construção, uma ponte erigida assim permanecerá para que a população possa desfrutar das suas benesses.

DO BRASIL AO NORDESTE: SURGE O 4º BEC

Com o golpe da Proclamação da República, o Brasil atravessou décadas nas mãos das oligarquias agrárias, sem contribuições significativas para o desenvolvimento nacional. Esta realidade sofreria

mudanças após a Revolução de 1930, responsável pela ascensão da Era do Presidente Getúlio Vargas (1930-1945), que além de iniciar fortes investimentos na indústria através do capital oriundo do café, daria início a uma série de obras e ações que permitiriam gradativamente a integração com o interior da nação.

Todavia, estes trabalhos gravitaram majoritariamente em torno do Rio de Janeiro, então capital federal, proporcionando por um lado uma grande expansão agrícola e industrial no tronco sul do país, mas alijando o Norte-Nordeste do processo. Deste modo, acentuava-se a grave disparidade regional que atrasaria em décadas o desenvolvimento desta região.

Paulatinamente, esta realidade sofreria mudanças. Após o suicídio presidencial no Segundo Governo Vargas (1951-1954), e a consequente assunção do seu vice, o Presidente Café Filho lançou o histórico decreto nº 36.787 de 19 de janeiro de 1955, que passou a vigorar de forma imediata com a seguinte redação:

“Art. 1º São criados para organização e instalação imediatas nos territórios das 7ª e 10ª Regiões Militares, o 1º Batalhão Rodoviário com sede em Caicó (Rio Grande do Norte), o 3º Batalhão Ferroviário com sede em Campina Grande (Paraíba) e o 4º **Batalhão Ferroviário com sede em Crateús (Ceará)**. [...]

Art. 3º **As unidades** de que trata o presente decreto **executarão serviços técnicos rodoviários e do obras contra as secas** custeados pela s dotações orçamentárias vigentes, por meio de convênios a serem firmados entre os Ministérios da Guerra e da Viação e Obras Públicas.

Art. 4º Êste Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1955; 134º da Independência e 67º da República.

JOÃO CAFÉ FILHO

Henrique Lott

Lucas Lopes⁷⁶ [os grifos são nossos]

Despontava assim o 4º Batalhão Ferroviário, instalado em 31 de março do mesmo ano na Cidade de Crateús-CE, com a finalidade de construir obras rodoferroviárias e combater a seca nos estados do Ceará e Piauí.

Pouco tempo depois, o decreto nº 37.221 de 27 de abril do mesmo ano criou, na Cidade de Campina Grande-PB, o escalão superior na figura do 1º Grupamento de Engenharia⁷, surgido da necessidade de assegurar a conjunção dos esforços das três unidades criadas no decreto anteriormente citado.

Hoje, o 1º Grupamento de Engenharia está sediado na capital paraibana (João Pessoa-PB), e em conjunto com os demais grupamentos existentes pelos rincões do Brasil, são responsáveis por gerir um imenso acervo de obras como ferrovias, rodovias, portos, aeroportos, pontes, dentre outras joias da técnica edificadas para integrar localidades do país antes inatingíveis.⁸

Sob o comando do crateuense Tenente-Coronel José Liberato Souto Maior, responsável por coordenar as atividades iniciais, o 4º Batalhão Ferroviário ocupou provisoriamente as acomodações do grupo Lourenço Filho, até que as próprias instalações à margem direita do rio Poti estivessem prontas e oficialmente inauguradas, fato sucedido no dia 04 de julho de 1956, após um garboso desfile pelas ruas da cidade.

Ampliando o leque das suas missões, e em concordância com a reestruturação do 1º Grupamento de Engenharia, o Presidente Juscelino Kubitschek extinguiu simbolicamente o 4º Batalhão Ferroviário através do decreto nº 42.921 de 30 de dezembro de 1957, apenas para o mesmo portar a sua atual denominação de 4º Batalhão de Engenharia de Construção (4º BEC), mais condizente com a sua extensa gama de funções.

Além disso, O Presidente JK ainda determinou caráter prioritário na distribuição de recursos aos quartéis relacionados no decreto, a fim de não prejudicar a execução dos serviços técnicos, frequentemente em regiões inóspitas e de dificultoso acesso. Pouco tempo depois, este Chefe de Estado visionário ainda criou, no intuito de reduzir a disparidade socioeconômica

frente ao eixo econômico Sul-Sudeste, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), órgão governamental que teve no 1º Grupamento de Engenharia o seu precursor, tamanha a importância desta instituição no cenário nordestino.



*Figuras 2.6 & 2.7: obras do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, na Fase Crateús-CE.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 2.8: entrada do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, durante a Fase Crateús-CE.
Fonte: 4º BEC.*

O 4º BEC impulsionou fortemente o comércio dos sertões cearenses, notabilizando-se como uma das maiores fontes de progresso para a região. Além disso, empregou centenas de pessoas, muitas das quais transportadas ao local de trabalho por um ramal ferroviário construído pelo próprio batalhão, responsável por conectar a sede à rede ferroviária, conforme as recordações de Flávio Machado e Silva, citadas na obra *A engenharia do exército na construção do desenvolvimento nacional*:

“Com a construção do ramal até a sede do batalhão, os funcionários civis passaram a ser transportados ao seu local de trabalho em trem. Algumas pranchas, com assentos, acomodavam dezenas de homens e o tráfego era feito quatro vezes, todos os dias, duas indo e duas voltando. Em 1957 eu morava no Bairro da Ilha, pertinho dos trilhos, dezenas de vezes, vi o tráfego daquela gente. Eram pedreiros, carpinteiros, e outras pessoas que ajudaram na edificação dos prédios do trabalho. O batalhão dispunha de três pequenas locomotivas movidas a óleo e uma Maria-Fumaça, a de nº 21. As máquinas pequenas, em tom de brincadeira, foram apelidadas pelos trabalhadores e ficaram conhecidas com o nome de Adalgisa Colombo, Terezinha Morango e Marta Rocha. Uma conduzia os funcionários à sede do batalhão e as outras eram utilizadas em atividades diversas, nas viagens à Serrinha, ao Castelo e Campo maior, quando da construção da ferrovia ligando o Ceará ao Piauí. Também faziam outros percursos necessários ao desenvolvimento dos trabalhos.” (Apud FIGUEIREDO [et al], 2014, p.96)

Dentre as obras realizadas nos dezenove anos da Fase

Crateús, o 4º BEC efetuou neste município a construção do Aeroporto Lúcio Lima; da estrada Crateús-Solonópole, no Ceará; e da ferrovia Oiticica-Castelo-Altos, até o Piauí; além de trabalhos de irrigação, açudes, poços artesianos, aguadas, dentre tantas outras empreitadas que permanecem beneficiando a população local, como a barragem do rio Poti, que até hoje abastece a cidade.

Desta feita, não é difícil concluir que os esforços envidados nas obras de infraestrutura do Exército Brasileiro têm contribuído para amenizar as desigualdades entre as diversas regiões da nação, atendendo às demandas estratégicas, e atraindo assim diversos investimentos a localidades onde poucas empresas privadas teriam interesse ou capacidade de atuar.

Sendo assim, além de adestrar a tropa para operar as atividades de reconstrução em um cenário pós-guerra, os batalhões de engenharia contribuem de forma significativa para articular as regiões do nosso país, tal como sucedeu com a própria Cidade de Barreiras após a conclusão da estrada Salvador-Brasília.

No sesquicentenário da independência do Brasil, mais especificamente em 1972 - mesmo ano em que ocorreu a transferência oficial do 4º BEC de Crateús-CE para o município de Barreiras-BA - o Estado Maior da Força Terrestre lançou a obra HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO dividida em três volumes, e, no capítulo concernente às atividades então atuais, a primeira missão realçada foi que:

“O exército constrói rodovias e ferrovias em todo o país e realiza atividades paralelas a estas, em convênios com o Ministérios dos Transportes e outras entidades do governo. (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 1972, p.1081)

A presença do Exército no campo dos transportes tem sido das mais destacadas e intensas, sendo, em geral, bem conhecida pelos estudiosos do assunto. [...] **Os esforços no setor objetivam anular a realidade do desequilíbrio entre as várias regiões geoeconômicas do país, e que demanda**

sistema circulatório minimizando o problema ainda existente de que o Brasil é formado de um arquipélago de estados.

O sistema permitirá o movimento das populações e a circulação de bens, tantas vezes necessárias em umas e deficientes em outras áreas.” (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 1972, p.1079)

Nesta coletânea, o 4º BEC ainda é dado como sediado no sertão cearense. Exceto por este detalhe, podemos asseverar que cinquenta anos depois, a sina da engenharia de construção no Brasil permanece a mesma: construir e desenvolver.

Em um país que desde o Governo JK (1956-1961) tem na malha rodoviária o alicerce do sistema de transportes, não é exagero afirmar que o nosso batalhão atuou heroicamente ao finalizar as centenas de quilômetros da estrada Salvador-Brasília, rompendo o isolamento existente entre o Oeste Baiano e toda a nação brasileira.

Um grande feito que, ao agregar diversos esforços, proporcionou assim profissionalização, integração e progresso. Uma prosperidade ampliada por outras obras também concretizadas pelos diversos municípios da região, permitindo que lugares dantes dispersos criassem vínculos mais consistentes não apenas com as cidades vizinhas, mas também com os grandes centros urbanos.

A trajetória dos engenheiros militares no mundo, no Brasil, e no Oeste Baiano é farta, e por ora, não convém cansar o leitor enveredando em mais detalhes. Hoje, diante de todo o exposto, apenas não podemos deixar de consolidar o fato de que as atividades da engenharia não extrapolam a alçada das atribuições militares, mas por outro lado, se complementam em perfeita simbiose.

Dispor os soldados nas operações de construção, além de não se tratar de uma ideia isolada, desnorteada, ou invencionice das Forças Armadas, ainda é algo previsto e amparado pela nossa legislação atual, sobretudo pela Lei nº 97 sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso em 9 de junho de 1999, e que estabelece o seguinte:

“Art. 1º As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são

instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.

Parágrafo único. Sem comprometimento de sua destinação constitucional, cabe também às Forças Armadas o cumprimento das atribuições subsidiárias explicitadas nesta Lei Complementar.

[...]

Art. 16. Cabe às Forças Armadas, como atribuição subsidiária geral, **cooperar com o desenvolvimento nacional** e a defesa civil, **na forma determinada pelo Presidente da República. [os grifos são nossos]**⁹

Esta ideia se fortaleceu juridicamente através da Lei Complementar nº 117 de 02 de setembro de 2004, sancionada pelo Presidente Lula, ao acrescentar o seguinte artigo:

“Art. 17-A. Cabe ao Exército, além de outras ações pertinentes, como atribuições subsidiárias particulares:

[...]

II – cooperar com órgãos públicos federais, estaduais e municipais e, excepcionalmente, com empresas privadas, na **execução de obras e serviços de engenharia**, sendo os recursos advindos do órgão solicitante;¹⁰ **[os grifos são nossos]**”

Desta feita, não resta dúvidas que o setor de engenharia do Exército Brasileiro nada mais tem feito do que bem acatar a legislação nacional. Entretanto, cumprir o que determina estas poucas linhas jurídicas aparenta ser muito bonito, fácil e admirável, quando analisado pelas letras

frias do papel, mas o fato é que, trajar a farda camuflada nesta labuta diária pela transformação do nosso país em uma grande nação, é trilhar uma epopeia que requer soberbo sacrifício.

Laborar nos trechos de obras debaixo de um sol escaldante é uma tarefa árdua e exaustiva. O expediente quase sempre inicia antes do raiar da aurora, e geralmente finaliza após o crepúsculo, mas apenas se os serviços não estiverem atrasados, momento em que se trabalha mesmo no período noturno.

O espírito que move estes combatentes é do cumprimento de missão e o amor ao Brasil, sempre tentando realizar os diversos trabalhos e serviços com rapidez e eficiência, a fim de bem cumprir sua missão.

Os prazos das obras são curtos e a necessidade de produzir é grande, o que demanda dedicação, abnegação e desprendimento de horas de lazer e do convívio com a família e amigos.

Atualmente, por força da legislação e das peculiaridades da administração pública, as obras enfrentam desafios logísticos incalculáveis, tais como: meticulosidade no planejamento do emprego das verbas públicas a médio e longo prazo; prestação de contas a qualquer tempo; fiscalização externa e interna; termos de referências cada vez mais detalhados; licitações; contratos; urgência na entrega de materiais; prestadores de serviços por vezes descompromissados; dificuldade em conseguir fornecedores em locais de difícil acesso ou mesmo de pouco interesse econômico; restrições orçamentárias; impedimentos ambientais de toda ordem; teto de gastos; e necessidade de pessoal cada vez mais especializado.

Tudo parece comprometer o êxito da missão, por vezes aparentando uma conspiração de infortúnios que teimam em “remar contra a maré”, porém, a tropa não desiste, permanece, trabalha e segue em frente até a conclusão do objetivo final: entregar a obra com qualidade, e se possível com o custo mais baixo e dentro do prazo.

Na Engenharia de Construção o combate é a obra, razão de ser e missão principal de todo BEC, o front é o trecho, e os inimigos são todos os fatores que visam impedir ou retardar o andamento dos trabalhos. O Batalhão de construção faz na paz o mesmo que fará na Guerra, pois a obra é o seu adestramento.

Em contrapartida, as obras de cooperação executadas pelo exército hoje são bem reconhecidas pela qualidade técnica, assim como por eficiente gestão dos recursos públicos, materializada na economia e, por vezes, pela

velocidade de execução. Estas características apenas se tornam possíveis graças ao senso de disciplina, ao espírito de cumprimento de missão, e ao amor à pátria, qualidades inerentes ao militar que contribuem para o êxito da Engenharia de Construção.

Atualmente, os amplos avanços tecnológicos minimizaram a maioria dos problemas de outrora. Entretanto, em tempos remotos, viver e conviver em um canteiro de obras nos lugares mais recônditos do país, sem ter notícias do que acontece pelo mundo afora, e correndo constante risco de vida em atividades laborais naturalmente perigosas, certamente era uma façanha mais espantosa do que é hoje. Estes personagens anônimos que labutaram insanamente, imersos sob as mais penosas condições, e abrindo mão dos momentos de lazer e do convívio familiar para entregar aos seus filhos um Brasil melhor, são também, sem exagero, grandes heróis da nossa nação.

Uma simples estrada construída é um socorro prestado mais rápido a um doente, ou um caminhão de gêneros alimentícios chegando para abastecer uma população necessitada, ou mesmo uma grávida prestes a dar à luz se deslocando em um carro para a maternidade. Quantos não tombaram para fazer a diferença a tantos outros? Morre uma vida, nasce outra. Para uns, a diferença feita na construção de uma obra pode ser mínima, mas para outros foi a razão de existir.

Contudo, não é apenas neste setor que o 4º BEC tem atuado ao longo da sua história, sobretudo nos últimos cinquenta anos em Barreiras. Trabalhando entre o malho da construção e o fuzil do combate, tal como bem expressado nas letras da sua canção, o Batalhão do Soldado Operário¹¹ antes de pertencer à Arma de Engenharia, integra a Força Terrestre, e o seu militar deve estar sempre apto a servir a população nas mais diversas atribuições, como por exemplo: operações contra a seca; operações de garantia da lei e da ordem; apoio à saúde e à educação; combate a enfermidades; ações cívico-sociais; eventos esportivos; dentre tantos outros feitos que tornaram a história desta organização militar coroada de luz e de glórias.

Sem mais delongas, encerro este panorama citando o poeta Fernando Pessoa, mas com uma adaptação de minha autoria, em agradecimento a toda a sabedoria que me foi presenteada pelas dificuldades sobrevividas para fazer deste livro, literalmente, mais uma obra arquitetada pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção: “Pedras no caminho? Guardei todas! Um dia vou construir meu castelo. E o meu: será azul-turquesa!”

CAPÍTULO 3

A ODISSEIA¹ DA BRASÍLIA-SALVADOR

*“Governar é povoar; mas, não se povoa sem se abrir estradas,
e de todas as espécies; governar é, pois, fazer estradas!”
- Washington Luís, 13º Presidente do Brasil (1926-1930) -*

O 4º Batalhão de Engenharia de Construção é nacionalmente reconhecido como o grande protagonista da ligação rodoviária Brasília-Salvador, o mais insigne marco do seu acervo de obras, responsável por atrair imensuráveis benefícios a todo o país.

Entretanto, muitos ignoram que a trajetória desta operação, e a sua importância para o nosso território, é recheada de peripécias, aventuras e desventuras que estão intrinsecamente conectadas a alguns dos principais fatos históricos do país, sobretudo na segunda metade do século XX.

Para entender a magnitude do paulatino processo de libertação do Oeste Baiano das amarras desta maldição geográfica chamada isolamento, é necessário viajar pelas páginas da história do Brasil desde o momento em que esta região nem mesmo pertencia a Bahia, tal como veremos a seguir.

UMA “GRANDE ILHA” CHAMADA OESTE BAIANO

O Oeste Baiano está hoje compreendido entre a margem ocidental do Rio São Francisco, e os estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Piauí e Pernambuco. Contudo, durante longos anos esta região pertenceu à comarca do Sertão de Pernambuco.

Devido ao seu amplo território e às consequentes necessidades de facilitar a aplicação da justiça, atendendo às reivindicações da então Vila da Barra, protagonista no cenário local, a região foi desmembrada e instituída em uma comarca própria, embora ainda pernambucana, através do alvará régio de D. João VI de 03 de junho de 1820: nascia assim a Comarca do Rio São Francisco.

Poucos anos depois, a localidade foi desligada dos seus antigos domínios e anexada a Minas Gerais, por Dom Pedro I através da assinatura do decreto imperial de 07 de julho de 1824, em represália à histórica Confederação do Equador, uma tentativa frustrada dos pernambucanos em criar uma república independente após uma guerra civil. Três anos depois,

a região foi retirada de Minas Gerais e anexada à Bahia através do decreto de 15 de outubro de 1827, em um ato provisório que permanece até hoje:

“Tendo resolvido a Assembléia Geral Legislativa que a comarca do Rio de S. Francisco, que se acha provisòriamente incorporada à Província de Minas Gerais em virtude do decreto de 7 de julho de 1824, **fique provisòriamente incorporada à Província da Bahia, até que se faça a organização das províncias do Império**: Hei por bem, sancionando a referida resolução, que ela observe, e tenha o seu devido cumprimento.”² [os grifos são nossos]



Figura 3.1: mapa do Brasil Imperial, com a província de Pernambuco abrangendo a Comarca do Rio São Francisco, atual Oeste Baiano. Fonte: E-Referências.

Esta área em questão, hoje o Oeste Baiano, é conhecida por abranger uma ampla bacia hidrográfica alimentada pelo aquífero Urucuia, e composta por dezenas de rios perenes, representados por três importantes afluentes do Rio São Francisco: os rios Grande, Corrente e Carinhanha, além dos seus numerosos subafluentes.

Abençoada também por um sistema regular de chuvas e de extensa superfície composta por planaltos cobertos de cerrados, a agricultura familiar e a pecuária não tardaram a se desenvolver nos vales à beira dos rios, dotados de solos férteis, já representando considerável riqueza, principalmente baseada na produção de alimentos e do algodão, que, além de suprirem as necessidades locais, eram exportados para outras regiões por via fluvial.

Neste sentido, a região desde cedo apresentou-se como atrativa ao desenvolvimento agrícola, mas que para se implantar em larga escala, necessitava da abertura de estradas que interligassem o Oeste Baiano às demais regiões do Brasil. Enquanto isso não ocorria, o Além São-Francisco não passava de uma grande ilha: apenas os caminhos líquidos do rio São Francisco e os seus afluentes, percorridos pelos barcos, faziam a comunicação entre o seu território e os grandes centros, como Salvador, São Paulo, e a antiga capital federal: o Rio de Janeiro; Não obstante, ainda fazia-se necessário completar o percurso em estradas de ferro, finalizando assim uma rota de transportes onerosa e demorada, mas essencial, por ser a única.

O povoamento da Cidade de Barreiras, hoje considerada a capital econômica e de serviços da região Oeste da Bahia, remonta aos idos de 1870, originando-se do eixo de transportes que interligava o seu porto no Rio Grande, principal afluente do Rio São Francisco, com as primitivas estradas reais ou cavaleiras, palco da circulação de riquezas conduzidas por boiadas e lombos de burros desde a Era do Brasil Colonial.

Neste propósito, desde cedo a região também se integrara em âmbito local ao sul do Piauí e ao norte do Goiás (atual Tocantins³). Foram pelas barcas à vela, e mais tarde pelos navios a vapor e barcas movidas a óleo diesel atracados no cais de Barreiras, que chegavam todos os produtos industrializados, tais como: medicamentos; tecidos; ferramentas; querosene; louças; artigos de metal (como painelas); e outros necessários à sobrevivência.

Em contrapartida, as tropas de burros carregavam para o porto a produção regional, composta por: cereais; carne seca e charque; couros; açúcar; rapadura; cachaça; borracha; mamona; algodão; além do ouro e diamante extraído dos garimpos goianos e dos sertões baianos, como a Chapada Diamantina.

É importante frisar que, apesar de algumas pessoas e livros afirmarem que as estradas federais foram construídas no mesmo traçado das estradas cavaleiras, trata-se de um equívoco. As antigas estradas, fruto do empirismo, não possuíam o traçado ideal que a tecnologia contemporânea imprime às rodovias federais.

Das águas barreirenses, as barcas realizavam o transporte para os centros consumidores do Vale do São Francisco e, chegando em Juazeiro-BA, muitos produtos seguiam para a Cidade de Salvador, como a borracha, o ouro e os couros de boi.

A partir de 1937 se iniciou, pelos norte-americanos representados em princípio pela empresa aérea Pan American, como é registrado em jornal barreirense da época, a construção do aeroporto de Barreiras, que operou como base aérea militar americana durante a Segunda Guerra Mundial. Destaque-se que, em contrapartida a esta cessão temporária de pequena parte do território brasileiro, tal como ocorreu com o aeroporto de Parnamirim Field em Natal-RN⁴, construído com o mesmo fim, o Presidente Vargas obteve dos Estados Unidos da América o financiamento para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, potencializando assim o processo de industrialização do Brasil.

Com o fim do conflito mundial, o aeroporto foi repassado à companhia aérea Panair do Brasil, já sendo essencial como ponto de apoio para reabastecimento de combustível nos voos internacionais que, passando por Belém-PA e Barreiras-BA, viajavam de Miami para o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Outrossim, este aeroporto também serviu de ponto de apoio no fornecimento de combustível e refeições também para as linhas aéreas domésticas que ligavam o eixo Sul-Sudeste ao Norte-Nordeste do Brasil, operando através das seguintes companhias aéreas: Cruzeiro do Sul; Real; Aerovias; e Nacional.

Portanto, é fato que o avião se tornara um importante meio de transporte para o Oeste Baiano, sem tirar-lhe, porém, a condição de ilha: os deslocamentos aos principais centros urbanos eram realizados em boas condições apenas através de barcos ou vias aéreas.

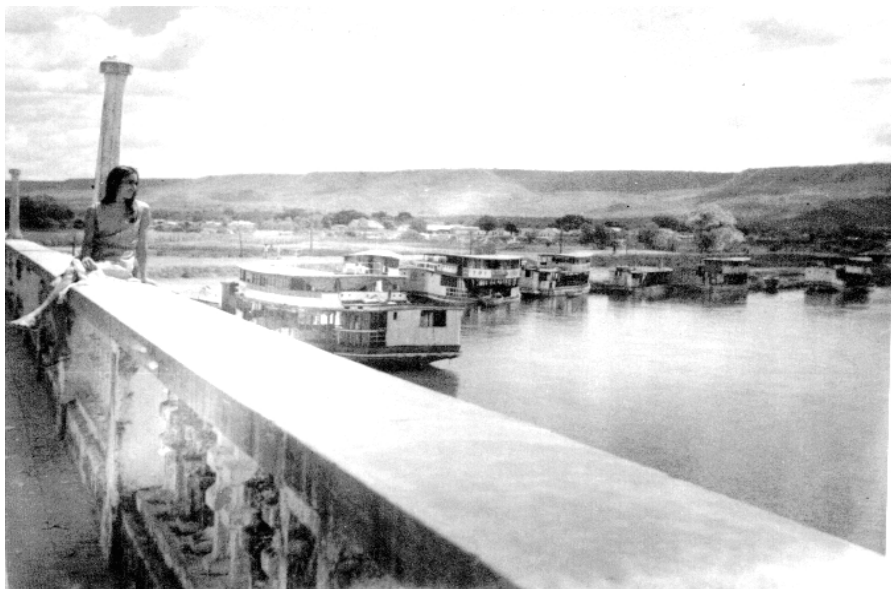


Figura 3.2: Cais de Barreiras.
Fonte: Museu Municipal Napoleão Macêdo



Figura 3.3: Aeroporto de Barreiras
Fonte: Museu Municipal Napoleão Macêdo

Todavia, a invenção e o aperfeiçoamento dos veículos automotores vieram trazer modificações no cenário dos transportes em Barreiras, sobretudo a partir da década de 1940, com a chegada dos primeiros caminhões que trafegavam para o Goiás através das antigas estradas cavaleiras, apesar da sua extrema precariedade.

Ainda no início do século 20, o pai do Coronel Abílio Wolney alargou a estrada de Barreiras até Dianópolis-TO (então território goiano, e ainda chamada São José do Duro), e construiu na parte baiana uma ponte sobre o Rio de Janeiro, um pouco acima da turística Cachoeira do Acaba Vida, no mesmo local em que até hoje existe a ponte que dá acesso à catarata. Esta ponte era vital por dinamizar o comércio entre os polos de Barreiras e Dianópolis, além de outras cidades tocantinenses, ainda goianas.⁵

A estrada aberta, de notável importância para a região devido ao comércio com o Goiás, recebeu inúmeras melhorias do Prefeito Emígdio Balbino na década de 1930.

Nos anos 40, outro Prefeito de Barreiras, Sabino Dourado, deu grande incentivo às estradas em todo o município, com a reconstrução da Ponte Serafim, no Rio de Janeiro, na estrada para Dianópolis, e mais dezenas de pontes sobre inúmeros rios que cortam o município, à época bem mais extenso, pois abrangia os territórios de São Desidério, Catolândia, Baianópolis (todos desmembrados de Barreiras na década de 1960), e o de Luís Eduardo Magalhães (emancipado no ano 2000).

Na década de 1950, o Prefeito de Barreiras Elpídio Nunes da Mata, também dedicou sua administração à abertura de estradas. Em acordo com os Prefeitos de Correntina-BA e São Domingos-GO, construiu as estradas através do município de Barreiras até chegarem aos pontos das divisas, no então distrito de São Desidério, em que se encontrariam com os trechos construídos pelos prefeitos daqueles dois municípios.

Frutos das iniciativas municipais, estas primeiras estradas possibilitaram, apesar das enormes dificuldades, uma maior integração do comércio regional ainda que de forma tímida, com promessas de sólidas mudanças na década seguinte.

TODOS OS CAMINHOS LEVAM A BRASÍLIA

Com a posse de um novo presidente em meados da década de 50, e a promessa de fazer o Brasil crescer cinquenta anos em cinco⁶ através do Plano de Metas, o país passaria por significativas transformações nas mais diversas esferas, promovendo reflexos profundos a serem irradiados por toda a nação: desde a nova capital até as solidões dos sertões barreirenses.

Até aquele momento da história, o Brasil teve duas capitais: Salvador, fundada por Tomé de Souza em 1549, e de suma importância para o escoamento das riquezas do nordeste açucareiro; e o Rio de Janeiro, fundamental para o transporte da produção aurífera das capitanias de Goiás, Mato Grosso, e sobretudo Minas Gerais, ambas sem saída para o mar, tendo como local mais formidável o porto do Rio de Janeiro.

Estas duas capitais surgiram como fruto da colonização brasileira pelos portugueses que, interessados apenas na exploração do nosso território, escolheram como sede os locais mais convenientes para o transporte das principais mercadorias que a colônia tinha a oferecer.

Com as invasões napoleônicas e a transferência da Família Real Portuguesa, o Rio de Janeiro consolidou-se como capital, apesar da queda da produção aurífera. Toda a administração voltou-se para a modernização da cidade onde o monarca residia, fato nada alterado após a nossa independência.

Todavia, com o passar dos anos, surgiu a ideia de criar uma nova capital bem no centro do país, de importância militar e econômico-social: a primeira pelo fato do Rio de Janeiro ser uma cidade litorânea, e, portanto, de fácil acesso e mais exposta a invasões inimigas; a segunda, por permitir uma maior integração de todo o Brasil, tornando a capital equidistante de todos os extremos da nação.

Esta nova capital no Planalto Central, que haveria de se chamar Brasília, já havia sido idealizada durante a Inconfidência Mineira de 1789, e mesmo após a emancipação brasileira, por José Bonifácio, conselheiro do Imperador Dom Pedro I. Entretanto, a ideia só foi oficializada como promessa de criação após a promulgação da constituição federal de 1891, no Governo Provisório Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do Brasil.

E foi já no sucessor Governo Floriano Peixoto, que partiu a primeira missão de reconhecimento, conhecida como Missão Cruls, em referência a liderança do engenheiro belga Louis Cruls.

Entretanto, inúmeros presidentes sucederam os mandatos, com novas constituições federais lançadas com as mesmas promessas, mas que não brotavam das letras frias do papel. Brasília era uma dívida constitucional inconveniente, e não havendo credor para cobrá-la, seria mais oportuno para a classe política sequer lembrar da sua existência.

Coube a um presidente sair da zona de conforto e da boemia das praias cariocas, para construir e transferir a capital federal ao cerrado brasileiro: Juscelino Kubitschek, mais conhecido como Presidente JK.

O seu programa de governo, historicamente conhecido como o Plano de Metas, estava constituído em trinta objetivos iniciais, divididos em cinco setores: energia, transporte e indústria de base (93%); alimentação e educação (7%). Por fim, ainda haveria a meta de número 31 (meta-síntese), que seria a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para uma região inóspita e desabitada: o coração do Planalto Central.

Não sem motivo, energia e transportes constituíram o eixo central do plano de metas, com a criação de novas rotas que corrigissem a distorção geográfica e econômica das demais regiões perante o Eixo Sul-Sudeste, motivo pelo qual também foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Foi neste propósito, objetivando a interiorização do desenvolvimento do Brasil através de uma eficiente integração territorial, que o Presidente Juscelino Kubitschek deu início a construção de diversas estradas federais, que irrompiam da nova capital em direção aos quatro cantos do país: a Brasília-Fortaleza; a Brasília-Cuiabá; a Brasília-Acre; A Brasília-Rio de Janeiro; a Brasília São-Paulo; e a epopeica Belém-Brasília. Para o povo brasileiro, a partir daquele momento histórico: todos os caminhos levam a Brasília, um sonho ainda em construção!

E foi assim que, em meados da década de 1950, o Presidente Juscelino Kubitschek fez abrir a primeira rodovia federal a passar por Barreiras, a Brasília-Fortaleza (BR-020), com uma extensão total de 2.038,5 quilômetros. Esta estrada, atravessando então, na Bahia, a área que é hoje de São Desidério, chegava a Barreiras com um percurso de 100 quilômetros a menos que a atual, pois foi traçada, na época, de modo a contornar as nascentes dos diversos rios, a fim de evitar a construção de pontes.



Figura 3.4: o Presidente JK apresenta as estradas do Plano de Metas.
 Fonte: E-Referências



Figura 3.5: mapa da rodovia BR-020.
 Fonte: E-Referências

No dia 21 de abril de 1960, sob pomposas celebrações, o Presidente Juscelino Kubitschek finalmente inaugurou Brasília, o novo cérebro das decisões nacionais bem no centro geográfico do país. Todavia, as estradas que deveriam fazer a ligação para a nova capital ainda estavam longe de serem concluídas, especialmente a Fortaleza-Brasília.

A posse do sucessor Jânio Quadros marcou o fim da política nacional-desenvolvimentista do Governo JK. O novo presidente determinou a extinção da Rodobrás, empresa estatal criada para a manutenção das rodovias federais, ocasionando assim a suspensão dos trabalhos da BR-020: enquanto muitos trechos estavam apenas com o caminho de serviço aberto sem haver sequer uma terraplenagem; outros foram naturalmente fechados pela vegetação em virtude da falta de conservação; e alguns sequer haviam passado da fase de planejamento, forçando os motoristas a sempre buscarem rotas alternativas, como a BR-135, para chegarem ao seu destino.

Contudo, apesar das imensas dificuldades que apresentava, sobretudo nas travessias dos riachos e atoleiros, a abertura desta nova estrada mudou rapidamente o eixo dos transportes e dos negócios em Barreiras, ao proporcionar a conexão rodoviária com a nova capital federal, além de grandes polos como Anápolis, Goiânia e São Paulo. Devido, porém, a sua absoluta precariedade, ainda não podia representar um fator determinante para a integração da região ao resto do país.

Não obstante a débil ligação com a capital federal, o Oeste ainda sofria a fragilidade na integração com a capital do próprio estado. A Bahia possui a BR-242 como uma das suas principais rodovias federais, cujo itinerário inicia no município de Maragogipe-BA (próximo a Salvador-BA), atravessa o estado do Tocantins, para finalizar em Sorriso-MT. Esta estrada, famosa por ser a principal via de acesso ao ecoturismo da Chapada Diamantina, intersecciona-se com a BR-020 no município de Barreiras, motivo pelo qual seria apelidada de Rodovia Salvador-Brasília, apesar da maior parte deste percurso estar, até aquele momento, praticamente intransitável.

A falta de estradas robustas para Salvador tornava Barreiras dependente dos navios a vapor ou das barcas a óleo diesel, que demoravam até oito dias para chegar ao município de Juazeiro, onde um trem de ferro ainda gastaria vinte e quatro horas até a capital baiana.

Sendo assim, as estradas federais até então abertas, BRs 242 e 020, permaneceram por longos anos sem asfaltamento, sendo destruídas pelas enxurradas nas épocas de chuva, representando um entrave para o progresso da nossa região.

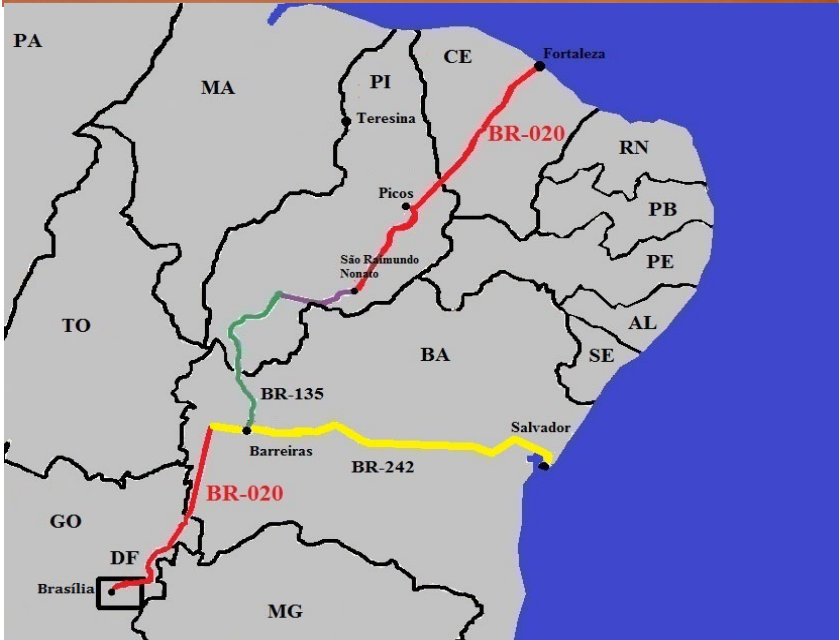
Os caminhoneiros demonstravam muita valentia ao enfrentar os atoleiros em que se transformavam essas estradas, carregando consigo um arsenal de ferramentas, como machados, enxadas, pás, e até mesmo carrinhos de mão, dentre outros meios, com os que iam cortando árvores para colocar os seus troncos nos locais mais críticos e assim poderem atravessar os longos trechos em que os veículos atolavam; utilizavam, inclusive, cupinzeiros, para vencer as terríveis condições de tráfego, entre charcos e brejos.

Em outras palavras, iam refazendo precariamente a estrada enquanto viajavam... e eram dias e mais dias nesta labuta para se chegar a Brasília em tempos de chuva! Quanto aos passageiros das linhas de ônibus, já entravam nos veículos preparados para as peripécias e sofrimentos que os aguardavam: entravam passageiros, e saíam sobreviventes!

Somente no fim da década de 60, o Governador Luiz Viana Filho iniciou a construção do trecho baiano da BR-242, havendo concluído em seu mandato, no início dos anos 70, a parte inicial até o município de Ibotirama-BA. O asfalto estava agora às margens do rio São Francisco: foi a integração para toda uma área esquecida!

Mas faltavam 208 quilômetros para a pavimentação chegar até Barreiras, alcançada apenas pela estrada de terra recém aberta, o que não impediu a implantação das linhas de ônibus, bem como o tráfego dos caminhões de carga, embora enfrentando terríveis dificuldades, pois o trecho sem asfalto se tornava quase intransitável nas épocas de chuvas! Por longos anos este trecho, acrescido da falta da ponte sobre o Rio São Francisco, foi um poderoso gargalo para o nosso progresso.

As enchentes anuais do São Francisco atingiam uma área muito grande no percurso da estrada, inundando tudo e muitas vezes interrompendo-a com desabamentos, por onde as águas irrompiam como caudalosos rios. Para o contingente dos ônibus, nessas ocasiões, tinha que ser feita a baldeação para outro veículo, do lado oposto ao trecho interrompido, sendo os passageiros obrigados a atravessar o trecho alagado amarrados em cordas, com verdadeiro risco de vida.



*Figuras 3.6 & 3.7: a precariedade das estradas,
destruídas com as inundações.
/ mapa do encontro das rodovias BR-020/242/135
Fonte: 4º BEC/ E-Referências*

Desta forma, a conclusão desse trecho, e da ponte sobre o rio São Francisco, em Ibotirama, mostrava-se de vital relevância para toda o Nordeste, que encontrava nas linhas geográficas do Oeste Baiano o portal para a nova capital federal.

Entretanto, os trabalhos permaneceram parados por mais longos anos. Fazia-se então necessário estimular a faísca de qualquer nova circunstância que acendesse a chama da disposição política, atando assim o útil ao agradável, ou mesmo ao desagradável.

O ÚTIL AO DESAGRADÁVEL: O CASO LAMARCA

Logo após a Segunda Guerra Mundial, o planeta mergulhou em um conflito ideológico historicamente conhecido como a Guerra Fria, que dividiu o mundo em dois blocos: o capitalista, liderado pelos Estados Unidos e baseado em princípios como o Livre Mercado e a meritocracia; e o comunista, liderado pela União Soviética, inspirado na filosofia de Karl Marx, que pregava o surgimento de uma ditadura popular revolucionária através de um golpe do proletariado, responsável pelas mais repugnantes atrocidades já vivenciadas pela história humana.

Embora jamais um tiro tenha sido disparado entre os dois principais países, todas as nações do mundo alinharam-se a algum dos regimes, seja através de uma declaração formal de apoio, seja assumindo conflitos externos, ou mesmo anunciando guerras civis.

Nas palavras do político britânico Winston Churchill, o mundo inteiro seria dividido em uma grande cortina de ferro, responsável por separar os blocos capitalista e comunista. Não havia a opção de “estar em cima do muro”, e sendo assim, o Brasil decidiu alinhar-se desde o início ao bloco capitalista, já no Governo Dutra (1946-1951).

Não obstante a sua denominação histórica, a Guerra Fria esquentou para valer no início dos anos 60, década em que despontara episódios críticos, como a construção do Muro de Berlim (1961) e a Crise dos Mísseis (1962), desencadeando uma forte tensão diplomática por todo o planeta através do fenômeno da Globalização.

Neste contexto, o Brasil assistiu dentro das suas fronteiras a ascensão dos ideais comunistas nos efêmeros sete meses do Governo Jânio Quadros⁷ (1961), mas sobretudo no do seu vice e sucessor, João Goulart (1961-1964). Em contrapartida, no dia 31 de março de 1964,

aclamados pelo povo após a Marcha da Família com Deus pela Liberdade⁸, os militares brasileiros assumiram o controle da nação através de uma revolução cívica.



Figura 3.8: Marcha da Família com Deus pela Liberdade.
Fonte: E-Referências



Figura 3.9: assunção do poder pelos militares, em 1964.
Fonte: E-Referências

Esta intervenção militar, tratada como golpe de estado até hoje pelas correntes historiográficas opositoras, contou com o apoio de parcela da população, da Igreja Católica, bem como do próprio Congresso Nacional, que oficialmente depôs o Presidente João Goulart em 02 de abril de 1964. Nove dias depois, este órgão legislativo elegeu indiretamente o Presidente Castelo Branco, inclusive com o aplaudido voto do Senador Juscelino Kubitschek.

Quartéis de todo o país se mobilizaram neste momento ímpar, como o próprio 4º BEC na pequena cidade de Crateús-CE, tal como consta na publicação do efetivo atuante em seu livro de registros históricos:

“Nas ações desenvolvidas pelos Escalões Superiores, que culminaram com a eclosão da Revolução Democrática de 31 de Março de 1964, participaram os seguintes militares, conforme fez público o BI nº 64, de 06 de abril de 1964: [...]” (LIVRO DE REGISTROS HISTÓRICOS DO 4º BEC, 1955-1988)

Apesar da assunção do poder pelos militares, o país não estava pacificado. Os opositores do regime empreenderam uma série de lutas armadas, denominadas guerrilhas, objetivando a instauração de uma ditadura do proletariado, como atualmente confessam muitos dos seus remanescentes. Na obra *Golpe de 1964: o que os livros de história não contaram*, os autores Itamar Flávio da Silveira e Suelem Carvalho destacam a guerrilha como a causa, e não a consequência do regime militar:

“O financiamento de Cuba para a luta armada no Brasil era algo público e notório. Antes dos militares romperem com a ordem institucional, em 1964, vários jornais já haviam noticiado a existência dos campos de treinamento guerrilheiros financiados pelo regime cubano.”(SILVEIRA; CARVALHO, 2016, p. 60-61)

Dentre os guerrilheiros, destacou-se em nível nacional Carlos Lamarca, justamente por ser um capitão do Exército Brasileiro que, seduzido pelos ideais comunistas, optou por trair as Forças Armadas.

“[...] cumprindo a quarta condição do Estatuto da Internacional Comunista para a admissão dos partidos, onde era possível ler “deverá ser feita ampla campanha de agitação e propaganda nas organizações militares, particularmente no Exército”, os comunistas brasileiros deram início à infiltração nas Forças Armadas.” (IDEM, p.54-55)

Lamarca filiou-se sigilosamente a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), organização guerrilheira de extrema-esquerda, e desertou do 4º Regimento de Infantaria (Osasco-SP) em 1969, levando consigo sessenta e três fuzis roubados.

Na liderança da VPR, Carlos Lamarca participou do sequestro do embaixador suíço Giovanni Bucher, e assaltos a bancos para financiar o movimento, se aproveitando do próprio amplo conhecimento de estratégias e táticas militares para adestrar os revolucionários nas florestas de Eldorado-SP, mesmo local em que assassinara o já rendido Tenente Alberto Mendes Júnior, da Força Pública de São Paulo.

“A violência é a própria essência do movimento revolucionário. Dentro desse pensamento, não se concebe a derrubada do capitalismo sem o uso ostensivo da força bruta. Todos os revolucionários tinham plena consciência dessa realidade [...] Todos os “meninos” que foram para Cuba com o objetivo de realizar treinamento para a guerrilha armada estavam imbuídos desse sentimento odioso que é o desejo de matar.” (IDEM, p.53)

Com a descoberta do ponto de treinamento pelos setores de inteligência do Exército Brasileiro, Lamarca e os seus correligionários

fugiram para a Bahia com a intenção de formar um novo campo de guerrilha na zona rural, e reiniciar assim o movimento pelo campo, tal como fizera o seu ídolo Che Guevara, durante a Revolução Cubana de 1959.

Neste sentido, decidiu refugiar-se nos sertões do Oeste Baiano, mais especificamente próximo à divisa com o Goiás, provavelmente pelo precário policiamento e a completa ausência das Forças Armadas.

Com o Exército em seu encalço, Lamarca refugiou-se nas imediações de Ibotirama, e fugindo pela mata com o seu principal companheiro, José Campos Barreto (Zequinha), foi encontrado e fatalmente alvejado pela Operação Pajussara no dia 17 de setembro de 1971, no povoado de Pintada, município de Ipujiara.

A presença de um dos principais ícones da extrema-esquerda da história brasileira organizando um movimento guerrilheiro nas solidões vastas dos sertões baianos, expôs nacionalmente o quanto as regiões mais interioranas sofriam pela ausência do Estado, carecendo de uma maior integração política, econômica, social e também militar. O quartel do Exército Brasileiro mais próximo era o 35º Batalhão de Infantaria, até hoje sediado em Feira de Santana-BA, município próximo a Salvador e conhecido como “O Portal do Sertão”. Guarnecer aquela recôndita região oestina era então necessário, algo que só ocorreria de uma maneira eficaz através de uma sólida integração por rodovias.

E neste propósito, unindo o útil fato de que o Oeste Baiano é a entrada para a nova capital federal, ao desagradável episódio que evidenciou o quanto a região estava abandonada e vulnerável - devido as enormes distâncias e dificuldades para ser coesamente integrada a todo o país - é que foi decidida a transferência do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, de Crateús-CE para Barreiras-BA, local em que as estratégicas rodovias federais BR-020 e 242 se interseccionam para formar a Estrada Brasília-Salvador, onde haveria de concluir esta importante obra, bem como reforçar a defesa da região.

Os versos da canção do “Batalhão do Soldado Operário que nas mãos traz o malho e o fuzil”, escritos anos depois, nunca fizeram tanto sentido!

Morte de Lamarca é anunciada pela 6.ª R. Militar



No governo Médici os órgãos de segurança se mobilizaram numa guerra sem tréguas à esquerda. Os agentes da repressão passaram a agir por conta própria e em pouco tempo escapariam ao controle do governo. A tortura no Brasil começou a freqüentar as páginas dos jornais estran-

geiros e a provocar manifestações de organismos internacionais. As mortes do ex-deputado Carlos Marighela e do ex-capitão Carlos Lamarca, os dois mais importantes líderes terroristas, marcaram as mais importantes vitórias do regime.



As feições de Lamarca mudaram muito pouco e foi facilmente reconhecido pelo seu irmão

República, 100 anos
82

Suplemento de 21 de Setembro de 1971
Sexta-feira, 21 de Setembro de 1971
PÁGINA 1

Polícia uruguaia acusa careceiros de cumplicidade com os tupamaros

Correio da Manhã

TERROR NO FIM: LAMARCA MORREU

COLUNA LEVI

Em São Paulo, Carlos Lamarca, líder do grupo de guerrilha, morreu na noite de ontem em um acidente aéreo. O avião em que viajava caiu no Rio de Janeiro, próximo ao aeroporto de Guarulhos. O piloto, Carlos Lamarca, foi morto. O avião também levou a bordo o irmão de Lamarca, Carlos Lamarca Junior, e outros passageiros. O acidente ocorreu às 22h30, quando o avião estava em descida para o aeroporto. O piloto informou que o avião sofreu problemas técnicos durante a descida. O acidente ocorreu em um tempo de chuva e com visibilidade reduzida. O avião era um Cessna 441, com matrícula FAB 8888. O acidente resultou na morte de todos os ocupantes do avião. O corpo de Carlos Lamarca foi encontrado no rio de Guarulhos. O corpo de Carlos Lamarca Junior foi encontrado em outro local. Os corpos foram levados para o Instituto Médico Legal para identificação. O acidente ocorreu a poucos minutos da aterrissagem. O avião estava em uma altitude de aproximadamente 100 metros quando ocorreu o acidente. O acidente ocorreu em um trecho de aproximadamente 100 metros de pista. O acidente ocorreu em um trecho de aproximadamente 100 metros de pista. O acidente ocorreu em um trecho de aproximadamente 100 metros de pista.

Fluminense joga hoje suas últimas chances

América Latina

anexo

Políticos argentinos oprimem calendário eleitoral fixado por Lanusse

Figuras 3.10 & 3.11: jornais noticiam a morte de Carlos Lamarca.
Fonte: E-Referências

A LIBERTAÇÃO DO OESTE BAIANO

Cumprido o seu destino no sertão cearense, o 4º BEC agora seria investido de outra nobre missão: a conquista e o progresso do solitário cerrado brasileiro pelos pioneiros⁹, em uma odisséia que mudaria o curso da história do interior baiano.

Historicamente, esta é a sina de alguns batalhões de construção: desenvolver certas localidades e, finalizado o objetivo, ser transferido em prol das outras. Sendo assim, um contingente de aproximadamente cinco mil pessoas composto por militares, funcionários civis e as suas famílias, gradativamente se acomodaria no município de Barreiras, em um processo migratório iniciado no alvorecer de 1972, e concluído ao final do ano seguinte.¹⁰

Estes imigrantes corajosamente desbravaram os sertões baianos em comboios de caminhões FMN, ônibus e caçambas C10, que além do pessoal, transportavam bens materiais, armamentos e munições. Em razão das precárias condições de tráfego, dificultada nos períodos de chuva intensa, cada comboio demorava cerca de sete dias para alcançar a Cidade de Barreiras, ainda sem estrutura para receber os novos moradores, motivo pelo qual foram inicialmente abrigados em barracas montadas em frente ao Antigo Frigorífico (Matadouro).

Desde o dia 31 de março de 1972, a administração do 4º BEC instalou-se provisoriamente em um prédio da empresa Companhia Sertaneja¹¹, onde funcionou posto de comando; tesouraria; almoxarifado; além das seções de pessoal civil, cabos e soldados.

Uma vez instalado em Barreiras, o 4º BEC teria a facilidade de dispor do seu porto no Rio Grande para receber os maquinários e materiais necessários à construção, vindos nas chatas da Companhia de Navegação do São Francisco (FRANAVE). Ademais, outros materiais chegavam por caminhão de Feira de Santana-BA, e Goiânia-GO, enfrentando os obstáculos já mencionados das estradas de barro.

É importante mencionar também a contribuição dos areeiros locais que, a fim de atender a enorme demanda do batalhão, passaram a trabalhar ativamente para extrair artesanalmente a areia apropriada à preparação do cimento, não existente na cidade em estado livre.

O local onde seria construído o quartel foi escolhido por uma comissão chefiada pelo Capitão Diógenes, optando-se pela área atual,

às margens da BR-242, outrora pertencente ao Sr. Ahylon Macedo, mas que fora desapropriada pelo Estado da Bahia.

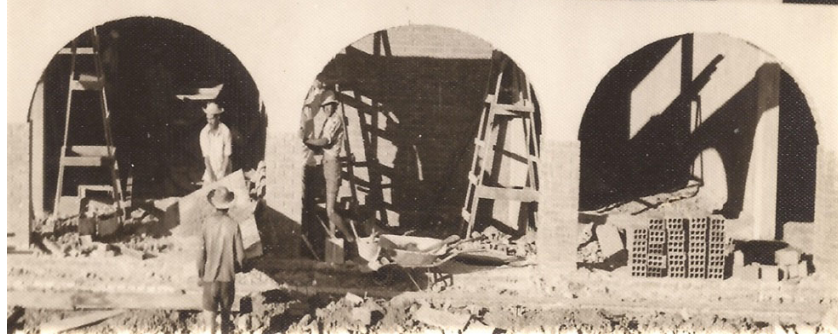
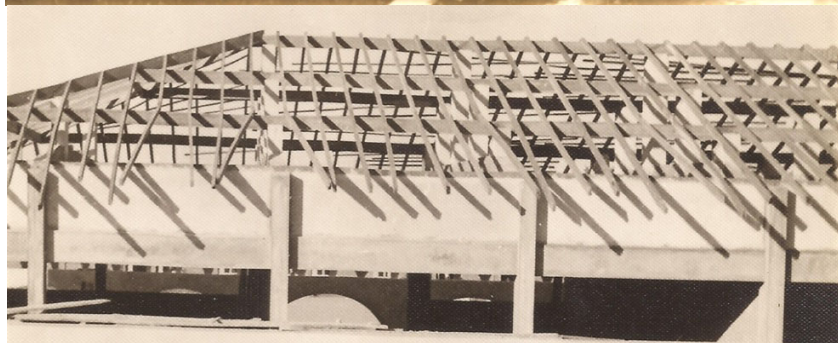
Os funcionários logo iniciariam o processo de construção do aquartelamento, bem como das suas próprias casas, muitas das quais levantadas em um vasto terreno doado pelo barreirense José Braz de Azevedo, onde implantara-se a Vila dos Soldados e a dos Funcionários. Naqueles tempos, Barreiras ainda era um município pacato, com pouco deslocamento de pessoas nas ruas, e quase sem automóveis. Além de injetar consideráveis recursos financeiros na economia local, aquela ampla movimentação na cidade, de uma forma jamais antes vista, era a grande novidade do momento. Naturalmente, os moradores amedrontaram-se um pouco, mas, passado o susto inicial, receberam todos amistosamente.

Havia muito trabalho a ser feito! À frente de onde seria o aquartelamento, iniciaram-se a construção das vilas dos oficiais, subtenentes e sargentos, cujo segmento foi provisoriamente acomodado em residências alugadas na cidade.

Logo que algumas casas das vilas dos funcionários e militares ficaram prontas, iniciou-se a construção do quartel pelo pavilhão 115¹². A Companhia de Comando e Serviço seria acampada em barracas de lona, no local onde hoje está situado o prédio da Companhia de Engenharia de Equipamentos e Manutenção. Já o atual pavilhão de Comando (Pavilhão 118), mais destacado prédio do aquartelamento, teve a sua construção praticamente iniciada já com o batalhão operando no local, cuja instalação oficialmente sucedeu em 31 de março de 1973.

Dotado de refinada elegância em suas linhas arquitetônicas, e da harmoniosa distribuição dos vários edifícios que o compõem, o 4º BEC ainda hoje chama a atenção por sua beleza e primorosa conservação, tornando-se, junto com as vilas militares, um cartão de visita para Barreiras, justamente na entrada do município.

Entretanto, foi bem antes desta instalação definitiva, mais precisamente em alguns meses após a chegada dos primeiros comboios, que o Presidente da República, o General Emílio Garrastazu Médici, consolidou oficialmente a transferência da sede do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, de Crateús-CE para Barreiras-BA, através da assinatura do decreto nº 70.777 de 03 de julho de 1972.



Figuras 3.12 & 3.13: maquinários chegam ao Porto em Barreiras / construção do Pavilhão 115.

Fonte: 4º BEC.

Após esta epopeia dos pioneiros, e do recrutamento dos jovens locais, o 4º BEC foi conquistando força e respeito na região, tornando-se há cinquenta anos o anseio de muitos jovens que almejam ingressar às Forças Armadas.

Vale lembrar que, quando esta organização militar se transferiu no início dos anos 70, Barreiras ainda era um município pequeno com pouca perspectiva de crescimento. Entretanto, esta realidade sofreria mudanças através das ações do visionário Prefeito Baltazarino Araújo Andrade.

Desde quando assumiu o mandato, em 1973, Baltazarino procurou firmar profícuas relações com o 4º Batalhão de Engenharia de Construção, pois reconhecia nesta organização militar a oportunidade de libertação e expansão das potencialidades regionais, de modo que não tardou a conseguir o apoio dos seus maquinários para abrir as principais avenidas da cidade.

Os moradores mais antigos lembram, em tom jocoso, que este político se assemelhava ao subcomandante do 4º BEC, pois atuava mais no quartel do que na prefeitura. Sua relação com a caserna era bastante frutífera, de modo que ambas as entidades se apoiavam mutuamente, motivo pelo qual este prefeito foi, quinze anos após o início do seu mandato, o primeiro cidadão civil a ser agraciado com a maior honraria do 4º BEC, a Ordem do Rio Grande, conforme está registrado na ata de nº 03 do livro da referida comenda:

“Exmo. Sr. BALTAZARINO DE ARAÚJO ANDRADE Prefeito Municipal de Barreiras. Pela colaboração espontânea, lealdade, elevado espírito comunitário, dedicação e entusiasmo ao trabalho junto à comunidade Barreirense; por ter enaltecido o nome do 4º BECnst em todas as suas realizações e manifestações públicas desde a chegada do Batalhão no município em 1973 até nossos dias e finalmente pela amizade e camaradagem que conquistou e tem mantido junto ao Comando e integrantes desta unidade lhe

é conferido o diploma nº 05 da ORDEM DO RIO GRANDE no grau RECONHECIMENTO.” (LIVRO DA ORDEM DO RIO GRANDE, ATA Nº 03)

Esta referência, somada ao fato de que o nome desta personalidade histórica se destaca por batizar a Galeria de Prefeitos Baltazarino Araújo Andrade¹³, torna incontestemente a magnitude da parceria firmada entre ambas as instituições. E foi assim que, com o apoio das prefeituras municipais, da população em geral, e dos demais órgãos públicos e privados, o 4º BEC esteve pronto para dedicar-se à sua mais célebre missão de engenharia: a conclusão da rodovia entre a capital federal e a capital do estado.

Em 25 de setembro de 1972, o 4º BEC iniciou oficialmente as obras do longo trecho de aproximadamente 750 quilômetros, entre Ibotirama-BA e Formosa-GO, para findar a ligação asfáltica Brasília-Salvador. Entretanto, havia ainda a necessidade de localizar pedreiras para a extração do material a ser utilizado na construção das estradas.

Tal impasse foi solucionado no quilômetro 32 do trecho de Barreiras a Brasília, onde foi identificada uma jazida que oferecia material de excelente qualidade. Neste local, logo arrendado pelo 4º BEC, implantou-se um destacamento que vigorou de 1973 a 1978.

No outro extremo da empreitada, também foi encontrada uma mina de pedras de muito boa qualidade, no local chamado Lagoa do Oscar, pertencente ao município de Cristópolis-BA, tendo esta pedreira, também arrendada pelo 4º BEC, produzido material para a construção de todo o trecho entre Barreiras e Ibotirama. Destaque-se também a montagem de mais um destacamento no referido local, onde cerca de duzentas pessoas da 1ª Companhia residiram de 1978 a 1982.

Naquela época, o cerrado era uma imensidão desabitada, realidade paulatinamente transformada pela obra, posto que ao longo daquele trecho foram sendo instalados outros destacamentos, como os de Posse-GO e Muquém do São Francisco-BA.

Embora menos extenso que o de Brasília, o trecho Barreiras-Ibotirama era mais trabalhoso, pois havia que atravessar várias

serras muito acidentadas, como a da Piragiba e a do Muquém, abrindo caminho à força de explosivos.

Nas áreas sujeitas às inundações do Rio São Francisco, foi feita uma banca bastante elevada e bem reforçada, cortada por pontes de três em três quilômetros, a fim de dar vazão à água das inundações anuais, e evitar-se assim os desabamentos que antes interrompiam o leito da estrada.

Toda esta operação de engenharia tratava-se do mais árduo trabalho, que, devido às prementes necessidades, imediatamente liberava o tráfego dos trechos já terminados. O primeiro trajeto a ser entregue foi o de Barreiras-BA/Posse-GO, cuja liberação foi solenemente celebrada no dia 06 de novembro de 1978, com a presença do Ministro de Estado dos Transportes, do Governador da Bahia, e de outras autoridades militares.

Aos poucos, toda a estrada foi sendo construída, até a sua completa inauguração em 09 de novembro de 1982. Essa data tem, portanto, para Barreiras e o Oeste Baiano, o sabor de um 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel: tratava-se da libertação de uma riquíssima área do domínio da inacessibilidade, das distâncias e dos atoleiros e inundações nas estradas de terra!

Aquele momento histórico foi também solenemente celebrado com a presença de autoridades militares e políticas, além do comparecimento massivo da população, quando foi inaugurado um monumento comemorativo ao evento em frente ao trevo de entrada do batalhão.

Por fim, houve a construção da ponte de Ibotirama, sobre o Rio São Francisco, cujas obras o 4º BEC supervisionou, vencendo assim o último obstáculo transposto na integração da nossa região.

Todo este legado, hoje registrado nas letras frias do papel, parece simples. Entretanto, para esta obra desenvolver-se nos lugares mais inóspitos da Bahia, imersa em soberbas dificuldades, fez-se necessária toda a abnegação dos nossos pioneiros, inclusive com acidentes dolorosos e perdas de vidas. Ainda assim, mesmo perante os infortúnios, a disposição em bem cumprir a missão não arrefeceram a nobreza moral dos soldados operários, dignos do epíteto de libertadores do Oeste Baiano.



Figura 3.14 & 3.15: Tenente-Coronel Celso Viana de Araújo, 1º Comandante do 4º BEC em Barreiras (foto antiga e atual).

Fonte: 4º BEC.



Figura 3.16: militares do 4º BEC abrem a estrada.

Fonte: 4º BEC.



Figura 3.17: Prefeito Baltazarino, e o Coronel Fernando Porres Ferreira, 2º Comandante do 4º BEC em Barreiras.

Fonte: 4º BEC.



Figura 3.18: trevo da entrada do 4º BEC, com o monumento alusivo à rodovia Brasília-Salvador.

Fonte: 4º BEC.

A EXPANSÃO: DO AGRONEGÓCIO À CIDADE COSMOPOLITA

O Brasil possui vinte e cinco por cento da sua superfície constituída por solos de Cerrado, formação que devido ao grande teor de alumínio, torna esses terrenos ácidos e nocivos ao desenvolvimento das raízes das plantas, exceto aquelas nativas. Neste sentido, outros cultivos ali não vicejam, apesar de serem terrenos amplos e ricos em oferta de água, sendo, durante muitos séculos, considerados solos inférteis e inaproveitáveis para a agricultura.

Nessa condição estavam os imensos cerrados do Oeste Baiano, que medem mais de dez milhões de hectares. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, órgãos governamentais desenvolveram pesquisas para o resgate da região, determinando a adição aos solos ácidos de calcário moído, promovendo assim a neutralização da acidez, e complementando depois com a aplicação de fertilizantes, conforme determinar a análise da terra.

Em Brasília, em meio à década de 1970, o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD-DF) implementou mais uma pesquisa do cerrado, concluída com êxito total. Após a sua conclusão, dois agrônomos participantes do estudo e mais um amigo, vieram conhecer a região em questão: eram os gaúchos Antônio Guadagnin, Hilário Kappes e Constantino Oliveira, que se maravilharam com o potencial dos cerrados, entrecortados de rios perenes, e decidiram-se a conquistá-los!

Pertencentes a famílias numerosas, voltaram ao Rio Grande do Sul, no final de 1979, retornando com muitos familiares logo no ano seguinte, para dar início à saga de fertilizar e cultivar essas terras, agora tornadas fecundas com o emprego da tecnologia.

Paralelamente a estes estudos do solo, e à construção das estradas, vários sulistas sofreram a desapropriação das suas terras em virtude da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, cujas obras iniciaram-se no Governo Geisel (1974-1979), mais precisamente em janeiro de 1975. Estes latifundiários então, atraídos pela nova possibilidade de utilização do solo, e aproveitando-se do baixíssimo preço das terras ainda não assediadas, optaram por desbravar o Oeste Baiano.

Devido à falta de rodovias ideais nesta extensão do cerrado, todas as potencialidades representadas pelo solo fértil e a bacia de rios

perenes, além de um sistema regular de chuvas, que hoje desabrocham na produção agropecuária e agroindustrial, gerando riqueza e empregos, antes não podiam progredir. Todavia, após a conclusão da estrada Brasília-Salvador, todo um investimento maciço de capital pôde ser injetado no agronegócio local de maneira que, apostando em pesquisas avançadas, os agricultores aperfeiçoam e expandem cada vez mais a sua produção.

Todo este êxito só se tornou possível graças a BR 020/242, por onde hoje trafega um número considerável de veículos, com amplo destaque para os ônibus e as carretas de carga que, abastecendo na imensidão das fazendas regionais, contribuem na alimentação do Brasil e do mundo.

Quem para cinco minutos defronte à rodovia, e analisa o fluxo constante de veículos, observa a importância desta obra para o cerrado brasileiro. Foram mais de dez anos de construções realizadas sob condições penosas, cujas tropas eram rendidas em cada turno para que os trabalhos não cessassem, no intuito de conectar mais rapidamente o Oeste Baiano ao mundo globalizado: uma integração que atrairia não apenas capital e mão-de-obra brasileira e estrangeira, mas também viajantes, imigrantes, cultura, conhecimento, tecnologia, gêneros alimentícios, dentre outras benesses que transformaram Barreiras em um polo interiorano cosmopolita, por onde circulam riquezas provenientes de todo o planeta.

Desta forma, a transferência do 4º BEC de Crateús-CE para Barreiras-BA revelou-se o fator determinante para o desenvolvimento das potencialidades e do novo dinamismo econômico da região, transformando uma antiga promessa rodoviária em um radioso presente de investimentos e geração de empregos.

Hoje, situado no entroncamento da BR 020/242, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção permanece sediado neste vasto terreno que lhe foi doado, sob a proteção da imponente Serra da Bandeira, testemunhando o crescimento da cidade de Barreiras e de todo o Oeste Baiano, com o justo orgulho de reconhecer a prosperidade atual como a consequência do seu trabalho e sacrifício de outrora: uma história que não se reescreve e nem se apaga.

No tão sonhado dia em que se encerrou a odisseia da Estrada Brasília-Salvador, uma faixa carregada por populares, em suas pouquíssimas palavras, externava o sublime sentimento de satisfação à garbosa herança transmitida pela engenharia do Exército Brasileiro: AO 4º BEC NOSSA ETERNA GRATIDÃO!



*Figura 3.19: inauguração da rodovia Brasília-Salvador.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 3.20: produção agrícola no Oeste Baiano.
Fonte: E-Referências*



*Figura 3.21: Barreiras antigamente, com baixa densidade demográfica..
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 3.22: Barreiras atualmente, com maior densidade demográfica.
Fonte: E-Referências.*

CAPÍTULO 4 OUTRAS OBRAS

“A Engenharia de Construção não apenas participa, mas modifica o curso da história da região onde honesta, sofrida e bravamente assina o nome do Exército Brasileiro nas obras que realiza.”

- General de Exército Rodrigo Octávio J. Ramos -

Ao longo da sua existência, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção coligiu um imenso acervo de obras, que contribuíram satisfatoriamente para o desenvolvimento do país: ferrovias; açudes; barragens; poços tubulares; sistemas urbanos de abastecimento de água; sistemas de irrigação; redes de distribuição de água; drenagens superficiais e profundas; implantação de rodovias; pavimentação; estradas vicinais; pontes; passarelas; trabalhos de conservação e restauração; gabiões; terraplenagem; módulos cozinha/banheiro; escolas; levantamento topográfico; construção de quartéis; milhares de casas; e construção e recuperação de aeroportos - estes são só alguns dos trabalhos realizados pela Unidade ao longo destas décadas, beneficiando não apenas a Bahia, mas também outros estados como o Ceará, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Goiás, Minas Gerais, Tocantins, e mesmo nações amigas como o Haiti.

Em Barreiras, além das próprias instalações e da Rodovia Brasília-Salvador, que hoje beneficia inúmeros municípios, o 4º BEC construiu o quartel do 10º Batalhão de Polícia Militar (hoje 10º Batalhão de Ensino, Instrução e Capacitação – 10º BEIC); a estrada de acesso e a pista de concreto do aeroporto (1.580 metros de comprimento e 30 metros de largura), além da ampliação da pista de pouso; executou a terraplenagem do terminal de combustível da Petrobrás; e realiza, periodicamente, a manutenção nas estradas federais.

São inúmeros os trabalhos realizados também no próprio estado, como a construção de um grande número de açudes e barragens em diversos lugares; as estradas vicinais nos projetos de assentamento da reforma agrária nos municípios de Angical e Serra do Ramalho; escolas de ensino fundamental na zona rural de Carinhanha e Sítio do Mato; pavimentação asfáltica de algumas ruas na cidade de Luís Eduardo Magalhães, Correntina e São Desidério; a passarela entre os municípios

de Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe; dentre tantas outras oportunidades que distinguem o 4º BEC como uma instituição verídica e confiável, integrada de forma ativa à nossa região.

Só por um momento, caro leitor, imagine um histórico acúmulo de construções em setores diversos e essenciais à cidadania, que possa resgatar o ser humano à uma vida mais digna e próspera, e poderás dimensionar um pouco da importância desta organização militar.

Após a conclusão do serviço, não existe nada que pareça mais natural e integrado à paisagem que uma barragem ou uma estrada pavimentada... como se elas sempre estivessem ali, e não tornadas realidade após uma grande jornada, envidada a suor e sangue das nossas resilientes tropas.

Decerto, o acervo é imenso, e cada empreitada possui o seu próprio valor histórico, hoje guardado na memória dos honrosos soldados operários. Entretanto, por ora só iremos explorar algumas destas obras, deixando aqui às futuras gerações de historiadores a motivação e o desafio para dar prosseguimento ao registro minucioso destes outros brilhantes trabalhos.

LIGAÇÃO NORTE-SUL: A BR-135

Na década de 1990, o 4º BEC recebeu um trecho da BR-135, que se entronca na BR-242 na zona urbana de Barreiras, e de fundamental importância por integrar os grandes produtores agrícolas da região econômica do MATOPIBA (acrônimo para os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí, e Bahia), além dos onze municípios baianos que atravessa: Formosa do Rio Preto; Santa Rita de Cássia; Riachão das Neves; Barreiras; São Desidério; Catolândia; Correntina; Santa Maria da Vitória; Jaborandi; Coribe; e Cocos.

Esta rodovia, que inicia em São Luís-MA e abrange 2.432 quilômetros até Montes Claros-MG, quando estiver concluída solucionará outro grave problema da região: a volta tão extensa que é preciso fazer, até Brasília-DF, para atingir Belo Horizonte-MG e São Paulo-SP.

Vale lembrar que o 4º Batalhão de Engenharia de Construção concluiu satisfatoriamente o asfaltamento do seu trecho, entretanto

não foi contemplado com o restante da obra, que até o momento permanece inacabada.

SURGE UMA POTÊNCIA: LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

A história da capital do MATOPIBA remonta a um simples posto de combustível: o Mimoso do Oeste. Instalado bem próxima a casa do único morador da época, Enedino, e estrategicamente situado à cerca de noventa quilômetros de Barreiras, no entroncamento da BR 020/242.

Este ponto mostrou-se de grande valia para os agricultores, que não precisaram mais se deslocar à capital do Oeste Baiano para abastecerem os seus automóveis e tratores agrícolas.

A partir do dia 02 de abril de 1982, inúmeras famílias passaram a se estabelecer em um loteamento também aberto no local, apostando no grande potencial da agricultura modernizada, de alta tecnologia, com terras imensas e águas fartas para se desenvolver. Desta forma, nascia o Povoado Mimoso do Oeste.

Esta nova localidade despontou e progrediu rapidamente às margens da rodovia, primeiro na condição de distrito de Barreiras, e desde o dia 30 de março de 2000 como município emancipado, já portando o nome do falecido político baiano: Luís Eduardo Magalhães.

Crescendo de forma vertiginosa, em virtude do agronegócio – cujo investimento só foi possível graças ao escoamento pela Rodovia Brasília/Salvador – a Cidade de Luís Eduardo Magalhães recebeu o 4º Batalhão de Engenharia de Construção para asfaltar muitas das suas vias, e hoje representa a vitória do trabalho, talento e perseverança do homem, quando lhe são dadas as condições de infraestrutura para conquistar uma vasta e inexplorada área, antes inacessível, pela falta de estradas!

OS BREJOS DA BARRA

A histórica cidade da Barra, conhecida por sua grande extensão de dunas de areia, além de nascentes e riachos, é geograficamente instalada no encontro dos rios Grande e São Francisco.

Apesar do seu potencial de terras férteis e abundância em água, os habitantes da zona rural viviam em condições sub-humanas,

morando em casas de palha infestadas de barbeiros, insetos transmissores da doença de Chagas. As longas distâncias até à sede do município, sem estradas de rodagem, condenavam os habitantes do local à miséria, posto que enfrentavam imensas dificuldades para viajar mais de setenta quilômetros até a zona urbana na esperança de comercializar os seus produtos.

Foi o Deputado Federal João Leão quem obteve recursos - através de convênios com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF) e a Fundação Nacional de Saúde, para que o 4º Batalhão de Engenharia de Construção resgatasse a dignidade dessas populações - construindo estradas e casas de alvenaria.

Primeiro o 4º BEC construiu cento e cinquenta casas, e depois mais cento e trinta, rompendo o círculo perverso da transmissão da doença de Chagas que assolava a população barreense. Através das estradas, foi possibilitada também a realização de vários outros planos de desenvolvimento, visando à produção e a comercialização de alimentos, acesso a saúde, educação e incentivo ao turismo.

O CONTORNO RODOVIÁRIO

Várias décadas se passaram desde a chegada do Batalhão do Soldado Operário, e Barreiras já não era mais a pequena cidadela de outrora. As estradas construídas pelo 4º BEC atraíram milhares de imigrantes, ansiosos por tentar a vida nesta terra de oportunidades.

Com um crescente aumento populacional, em especial na zona urbana, o tráfego na BR-242 tornou-se bem mais congestionado, posto que esta estrada atravessa o coração da cidade. Em seus momentos de pico, dentre duas a três mil carretas transitavam diariamente pelo centro de Barreiras, ocasionando engarrafamentos quilométricos, e destruindo rapidamente o revestimento asfáltico da cidade.

Na saída da nossa zona urbana destino à Salvador-BA, um pouco atrás da rede de supermercados Atacadão, o 4º BEC foi acionado para construir uma estrada responsável por conectar as BR-242 e 020/135, por onde as carretas deveriam contornar, posto que esta nova via não transpassa o centro da cidade. Desta forma, alivia-se o trânsito urbano, e conserva-se o asfalto do município, à época bem desgastado pelo intenso fluxo de veículos.

A saída da cidade destino à Brasília, mais especificamente em frente à rodoviária e próximo ao nosso quartel, nada mais é que o entroncamento dessas duas estradas. Sendo assim, os motoristas que vêm de Brasília e Piauí com destino à Salvador, e vice-versa, desde então não mais conturbam o trânsito urbano desnecessariamente.

Tratava-se de uma obra simples, mas que se arrastou por alguns anos em virtude da política de descentralização de recursos, sendo oficialmente concluída em 17 de dezembro de 2012. Contudo, restava ainda a ponte, de responsabilidade do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), com a sua total inauguração em setembro de 2013.

Após integrar a cidade ao Brasil, coube ao 4º BEC amenizar o fluxo das alvoroçadas avenidas de Barreiras, uma consequência direta do desenvolvimento a que esteve sujeito a cidade após a conclusão da rodovia Brasília/Salvador, participando assim mais uma vez da melhoria da qualidade de vida dos cidadãos barreirenses.

DUPLICAÇÃO DA BR-101

Mas não é sempre que os batalhões de construção recebem obras próximas à sede. No ano de 2011, a 2ª Companhia de Engenharia de Construção do 4º BEC foi escolhida para atuar na duplicação do Lote 2 da BR-101 - entre os municípios sergipanos de Capela e Pedra Branca, próximos a capital Aracaju, e distantes cerca de 1.100 km do quartel.

Tratou-se de um trabalho grandioso e dispendioso, com uma grande mobilização de material e pessoal, alojados no canteiro de obras conhecido como o Destacamento Barão de Maruim (situado em Rosário do Catete-SE). Outros lotes da BR-101 também contaram com destacamentos do 2º e 3º BEC, visto o vulto das empreitadas em questão.

A obra foi oficialmente entregue no dia 02 de outubro de 2019. É importante ressaltar que a BR-101 atravessa não apenas a região Nordeste, como praticamente todo o leste do país, iniciando o percurso em Touros-RN, e findando em São José do Norte-RS. Esta duplicação no trecho sergipano mostrou-se de fundamental importância para melhorar as condições do tão crescente tráfego nesta rodovia federal, colaborando no escoamento da produção agrícola, bem como no progresso de toda a nação.

RESTAURAÇÃO DAS RODOVIAS TO-040 E TO-110

Em junho de 2013, o Governador Siqueira Campos assinou um convênio com o Exército Brasileiro para a restauração das rodovias estaduais TO-040 e TO-110.

Para tal finalidade, a 1ª Companhia de Engenharia de Construção criou o Destacamento Tocantins, no município de Taguatinga, distante 176 quilômetros da sede.

O trecho total contava com de 213 quilômetros, beneficiando os municípios tocantinenses de Dianópolis, Novo Jardim, Ponte Alta do Bom Jesus, Taguatinga, Aurora, Lavandeira, Combinado, e Novo Alegre.

A obra foi oficialmente entregue em 2017, proporcionando mais conforto e segurança nas estradas, além do escoamento eficiente da safra agropecuária, o que possibilitou maior desenvolvimento para a região.

Estima-se que, por ter sido feita pelo Exército, e não por uma empresa privada, o 4º BEC possibilitou uma economia de 15 milhões de reais aos cofres públicos daquele estado.

REVITALIZAÇÃO DAS MARGENS DO RIO SÃO FRANCISCO

Na manhã da quarta-feira de cinzas de 2017, os militares do 4º BEC seguiram em direção ao distrito de Itacoatiara, zona rural do município de Barra, com a missão de iniciar as obras de revitalização das margens do Rio São Francisco.

O “Velho Chico”, também conhecido como o rio da integração nacional, tamanha a sua relevância para o interior do país, há décadas sofre um intenso processo de assoreamento.

Dentre as ações desenvolvidas pela equipe do Batalhão General Argolo visando a contenção de barrancos e o controle de processos erosivos, destaca-se o assentamento de biomanta no talude; a instalação do sistema de irrigação, escavação, carga e transporte de material de talude; e o assentamento de sacos com solo-cimento em descida d’água no perímetro urbano.

Esta obra foi oficialmente entregue pelo Coronel Bastos, então comandante do 4º BEC, em 20 de novembro de 2019, e contou com a presença de representantes da administração municipal barrense, e da

Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF).

Na oportunidade, o batalhão realizou uma Ação Cívico-Social (ACISO), oferecendo gratuitamente serviços médico-odontológicos; barbearia; e um posto para a regularização de documentos relativos ao serviço militar.

Esta obra de suma importância proporcionou a recuperação ambiental da região, sobretudo das matas ciliares, além da melhoria da navegabilidade.

Objetivando a manutenção do trabalho então realizado, o 4º BEC ministrou uma palestra para a comunidade de Itacoatiara, ressaltando a importância local do Rio São Francisco, e o papel dos moradores na preservação da mata ciliar, e por fim, distribuiu mudas nativas aos ribeirinhos.

FIOL: FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE-LESTE

Sendo um país de dimensões continentais e com premente necessidade de transporte rápido e eficiente, desde o Segundo Reinado o Brasil revelou-se um grande construtor ferroviário, sistema responsável por facilitar o deslocamento de pessoal e material, sobretudo agrícola e mineral.

Todavia, com a ampla abertura de estradas e a conseqüente produção em massa de automóveis no Governo JK, os investimentos em ferrovias foram paulatinamente negligenciados, em favor da construção e adequação de rodovias.

Nos últimos anos, o Brasil decidiu reassumiu o pendor ferroviário, inclusive pela própria Arma de Engenharia: o 10º BEC (Lages-SC) voltou a se denominar 1º Batalhão Ferroviário, assim como o 11º BEC (Araguari – MG) tornou-se novamente o 2º Batalhão Ferroviário.

No que tange a nossa Organização Militar, o 4º BEC retomou a vocação dos trilhos ao receber o Lote 6F (Santa Maria da Vitória-BA) da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL) - cujo termo de parceria entre a estatal Valec e o Exército foi solenemente assinado na localidade de Estiva, em São Desidério-BA, no dia 11 de setembro

de 2020, pelo Presidente Bolsonaro e o Ministro da Infraestrutura Tarcísio Gomes de Freitas, em suas primeiras visitas ao Além São-Francisco. É a primeira vez, desde 1995, que um batalhão de engenharia assume uma obra ferroviária no país.

A FIOL, cujo investimento é estimado em R\$ 8,9 bilhões, inicia em Figueirópolis-TO e será interligada ao futuro Porto Sul, em Ilhéus-BA, totalizando cerca de 1.527 quilômetros. Esta ferrovia, com previsão de operar na Bahia a partir do ano de 2024, é de suma importância para a economia do estado, sobretudo no setor da mineração e do agronegócio, dependentes da modal rodoviária com estradas nem sempre satisfatórias, que reduzem a competitividade e oneram os custos.

Uma vez concluída, a FIOL reduzirá os gastos com transportes para o escoamento da produção ao mercado externo, atraindo assim mais investimentos e prosperidade para a nossa região.

ACERVO DE OBRAS DO 4º BEC¹

- ✓ Construção das instalações do próprio aquartelamento em Crateús, com 28.000 m² (1955-1956)
- ✓ Açude Riacho do Mato, com capacidade para 60.000 m³ (1955-1956);
- ✓ 7 postos telegráficos na região de Castelo do Piauí (1955-1956);
- ✓ Perfuração de 34 poços artesianos na região de Crateús (1955-1957);
- ✓ Açude Vaca Morta, com capacidade para 42.000 m³ (1956);
- ✓ Estrada rodoviária interligando Crateús-CE a Pedro II-PI (1956);

- ✓ 2 estações ferroviárias de 3ª classe, em Castelo do Piauí (1956);
- ✓ 197 km de ferrovia no trecho Oiticica-CE/Castelo-PI/Altos-PI (1956-1958);
- ✓ Sistema de abastecimento de água da cidade de Crateús (1956-1957);
- ✓ 54 km da rodovia cearense Crateús-Ipaporanga (1956-1957);
- ✓ Perfuração de 12 poços artesianos nas regiões piauienses de Paulistana, Castelo, e Altos (1957)
- ✓ 47 km de ferrovia no trecho cearense de Crateús - Piquet - Carneiro (1957-1959)
- ✓ 45 km da rodovia cearense Crateús-Solonópole (1957-1959);
- ✓ Sistema de irrigação do açude Várzea do Boi, em Crateús (1958);
- ✓ Aeroporto Lúcio Lima, com 1.580 m de comprimento e 30 m de largura, em Crateús (1958);
- ✓ 27 km de ferrovia no trecho piauiense Teresina-Piripiri (1958-1959);
- ✓ Rede de canais de irrigação do açude Várzea do Boi, em Tauá-CE (1958-1961);
- ✓ 121 casas para trabalhadores em Oiticica-CE e Castelo do Piauí (1959);

- ✓ 280 casas para famílias de baixa renda em Barreiras (1961-1962);
- ✓ 50 km de ferrovia, no trecho cearense Crateús - Independência (1963);
- ✓ 719 casas em Crateús, em convênio com o IPASE (1965-1966);
- ✓ 6 km de ferrovia no trecho piauiense Teresina-Paulistana (1966);
- ✓ Implantação de 241 km da BR-226, no trecho Crateús-Minerolândia (1967);
- ✓ Implantação de 108 km da BR-308, e construção das devidas obras de arte no trecho Crateús - divisa CE/PI (1967-1969);
- ✓ Pavimentação de 83,3 km da BR-020, no trecho do entroncamento BR-226 – divisa CE/ PI (1969-1971);
- ✓ 227 casas para trabalhadores do 4º BEC, na vila dos funcionários em Barreiras (1972-1974);
- ✓ 21.000 m² das instalações do próprio aquartelamento, em Barreiras (1973-1974);
- ✓ 65 casas para residências de militares, em Barreiras (1973-1974);
- ✓ 3.000 m² de instalações do 10º BPM, em Barreiras (1974);
- ✓ Instalações do quartel do 55º BI com 15.000 m², em

Montes Claros-MG (1974);

- ✓ 25 casas para residência de militares em Montes Claros-MG (1974);
- ✓ Restauração da BR-316, no trecho Teresina/PI - Peritoró/MA (1980);
- ✓ Restauração da BR-135, no trecho Peritoró/MA - São Luís/MA (1980);
- ✓ Pavimentação de 553 Km da BR-020, no trecho Formosa-GO/Barreiras-BA (1980-1982);
- ✓ Pavimentação de 207 km da BR-242, no trecho baiano de Barreiras-Ibotirama (1980-1982);
- ✓ 791 m de pontes na BR-020, no trecho goiano de Formosa a Posse (1980-1982);
- ✓ Pavimentação de 6,3 km de uma estrada de acesso a Posse-GO (1982);
- ✓ Barragem de Angical com capacidade para 120.000 m³, em Monte Azul-MG (1984-1992);
- ✓ Implantação e pavimentação da BR-020/135, incluindo 470 m de pontes (1985-1987);
- ✓ Terraplanagem do terminal de distribuição de combustível da Petrobrás, em Barreiras (1988);
- ✓ Pavimentação de 7,8 km da pista de acesso ao aeroporto de Barreiras (1989-1990);
- ✓ Pavimentação de 1,2 km em concreto da pista de acesso

ao aeroporto de Barreiras (1989-1990);

✓ Recuperação de 215 km da BR-020, no trecho da divisa BA/GO - entroncamento da BR-242 (1990-1991);

✓ Barragem de Catuti, em Mato Verde-MG, com capacidade para 25.000 m³ (1994);

✓ Supervisão das obras de construção da ponte sobre o rio São Francisco (1994-1995);

✓ 264 km de conservação da BR-020, no trecho Km 591-Km 855 (1994-1995);

✓ Barragem do Riacho da Ema, em Santana-BA, com capacidade para 130.000 m³ (1996);

✓ Recuperação da barragem de Icaraí-MG, com capacidade para 60.000 m³ (1996);

✓ Terraplanagem da subestação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) com 47.000 m², no Estado de Sergipe (1997);

✓ 105 km de estradas vicinais nos projetos de assentamento de Angical-BA, e Serra do Ramalho-BA (1997);

✓ Projeto Icó-Mandantes com sistema de irrigação abrangendo 1.630 hectares, em Petrolândia-PE (1998);

✓ Passarela de eventos com 45.000 m², em Petrolândia-PE (1998);

✓ Açudes nas seguintes localidades: Vagner (Arrecifes, 18.468 m³); Iaçú (Lajedo Alto 13.489 m³); Vista do Tupim (Macambira, 22.311 m³); Morpará (Mucambo Alto 23.456 m³);

Mucambo (Branco 33.526 m³); Oliveira dos Brejinhos (B.S. Negra, 24.346 m³); Ibipetum (450.456 m³); Riacho da Telha (25.355 m³); Ibitiara (Caqueiro, 9.876 m³); Palmeiras (8.765 m³); Alagadiço (9.986 m³); Cachoeira (8.234 m³); Bela Vista (120.000 m³); Manoel Joaquim (45.000 m³); Iraquara (Água de Regra, 8.654 m³); Santa Rita de Cássia (Mansidão, 58.300 m³); Poço do Meio (30.000 m³); Vereda (25.345 m³); Angico Novo (45.000 m³); Barreiras (Barroca, 4,324 m³); Serra Dourada (Feirinha, 30.345 m³); Cotegipe (Carvalho, 15.467 m³); Catolândia (Mozondor 23.456 m³); e Barragem Riachão das Neves (580.000 m³)

✓ O anel viário interligando as BR-242 e BR-135, na cidade de Barreiras, com pavimentação de 6 km (2006-2012);

✓ Adequação de capacidade com restauração da pista existente em 11,7 km da BR-101 (Lote 2), no trecho entre os municípios sergipanos de Capela e Pedra Branca (2011-2019);

✓ Restauração de 213 km. das rodovias TO-040 e TO-110, no trecho entre Dianópolis/TO- entroncamento TO -110 - Divisa com o Goiás (2013-2017);

✓ Perfuração de 15 poços artesianos, nas cidades baianas de Anagé, Botuporã, Correntina, Cristópolis, Baianópolis, Angical e Riachão das Neves, em convênio com o Ministério da Integração Nacional (2014);

✓ Revitalização das margens do Rio São Francisco, em Barra-BA (2017-2019);

✓ Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL), Lote 6F (18,34 km, em execução desde 2020, em Santa Maria da Vitória-BA, porém geograficamente mais próximo ao centro de Correntina-BA);



*Figura 4.1: obra da BR-135.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 4.2: obra do Contorno Rodoviário de Barreiras.
Fonte: 4º BEC.*



Figura 4.3: duplicação do Lote 2 da BR-101, no Estado de Sergipe.
Fonte: 4º BEC.



Figura 4.4: restauração das rodovias TO-040 e TO-110.
Fonte: 4º BEC.



*Figura 4.5: revitalização das margens do Rio São Francisco, em Barra.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 4.6: Presidente Bolsonaro em visita ao Lote F7 da FIOL,
para a assinatura do TED com o Exército Brasileiro.
Fonte: Palácio do Planalto.*



*Figura 4.7: Destacamento Guar (canteiro de obras da FIO).
Fonte: 4 BEC.*



*Figura 4.8: militares do 4 BEC labutam na FIO.
Fonte: 4 BEC.*

CAPÍTULO 5 OUTRAS MISSÕES

*"Viver para servir é ser servido de felicidade pela
alegria daqueles a quem servimos."*

- Rivaldo Freitas Cardoso -

Ao longo da sua história, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção tem se mostrado força presente para além das missões de construção, atuando também nas áreas da educação; saúde; operações de garantia da lei e da ordem; socorro a calamidades causadas pela seca ou excesso de chuvas, como a operação pipa, coleta e distribuição de alimentos, roupas e medicamentos; e em outras ações de amplo alcance cívico-social, em parcerias com o poder público, comunidades, creches, escolas, faculdades, asilos, templos, e instituições de caridade.

Assim como no que tange ao acervo de obras, essas atividades também foram inúmeras ao decorrer destes cinquenta anos na Bahia, de modo que apenas algumas serão por nós realçadas. Quando é convidado pelas mais diferentes entidades e não há um interesse político, o 4º BEC deseja sempre estar ligado a essas demandas sociais, não hesitando em ampliar o seu leque de missões tantas vezes se fizer necessário, e assim reforçar a confiança e a credibilidade em sua força perante a sociedade regional.

EDUCAÇÃO

A Escola Duque de Caxias

Ao chegar na pequena Cidade de Barreiras com cerca de mil e quinhentas famílias, o 4º BEC logo sentiu a necessidade de vagas para incluir as crianças e adolescentes nas escolas locais. Neste sentido, imediatamente a organização militar implantou a Escola Duque de Caxias, em uma casa provisória construída na Rua B, na Vila dos Funcionários.

O colégio começou a funcionar logo em agosto de 1972, com o apoio de professoras cearenses e locais. Em seguida, firmou parceria com o Ministério da Educação e Cultura, a Secretaria Estadual de Educação da Bahia, e a Prefeitura Municipal de Barreiras, ainda em 1973, conseguindo construir em tempo recorde um grande prédio escolar, situado em frente à Vila dos Funcionários.

Para os estudantes que cursavam o ginásio, período que atualmente corresponde à educação fundamental de 6º ao 9º ano, e ainda para os do 2º grau (ensino médio), o 4º BEC estabeleceu uma parceria com o Ministério da Educação e Cultura, obtendo bolsas para o Colégio Padre Viera, em cuja administração também passou a colaborar.

A Escola Duque de Caxias destinou-se, a partir do início do ano letivo de 1974, aos filhos de militares e funcionários civis do Batalhão, cujos ônibus conduziam as crianças à instituição. Este colégio foi mantido e administrado pelo próprio BEC até o ano de 1984, quando foi estadualizado.

Visitas escolares

Por se tratar de uma instituição marcada por forte tradição regional, responsável pelo serviço militar, assim como por gerar centenas de empregos diretos e indiretos no Além São-Francisco, o 4º BEC tem despertado através das décadas a curiosidade juvenil em conhecer os detalhes da vivência na caserna.

Neste sentido, desde tempos imemoriáveis, o quartel não hesita em receber anualmente centenas de estudantes através de visitas escolares previamente agendadas, em que os discentes acolhem diversos conhecimentos, como: a importância histórica do batalhão; os desafios da engenharia do Exército Brasileiro; a organização, a rotina, e o serviço militar.

Além de um passeio pelo interior deste notável aquartelamento, famoso por atrair diuturnamente a atenção do público externo pela imponência das suas linhas arquitetônicas situadas bem na entrada da cidade, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção atualmente dispõe de interessantes espaços, a exemplo de: um museu geral no salão nobre, com a exposição de objetos históricos, e da galeria de ex-comandantes; um museu da seção técnica, focado nas obras militares; uma linha do tempo no saguão de entrada; monumentos históricos aos heróis nacionais, como os bustos do Duque de Caxias, Tenente-Coronel Vilagran Cabrita, e o General Argolo; a praça do Expedicionário, em homenagem aos veteranos da Segunda Guerra Mundial, ao centro do bosque dos ex-comandantes; área de acampamento militar, destinada ao adestramento das tropas, e onde já foram realizadas oficinas ao público civil; placas de

inauguração da rodovia Brasília-Salvador nos trevos de entrada do quartel; um auditório para reuniões, instruções e palestras sobre a sua história, e as formas de ingresso na carreira militar; dentre outros setores, marcados diariamente pelo trabalho dos funcionários que revelam o cotidiano administrativo ao público civil.

Além de consolidado como um notório espaço museal a céu aberto, agregando em toda a sua essência um importante elo com o passado, o presente e o futuro da região, o 4º BEC tende a encerrar as visitas escolares em um passeio nas viaturas bélicas, com passagem nas diversas instalações, vilas e clubes militares; fotografias no frontispício do Pavilhão de Comando, e perante os maquinários dispostos na entrada do quartel; além de um lanche servido no rancho do próprio batalhão, tal como é feito aos próprios soldados.

Desta forma, abrindo as portas às entidades educacionais, o 4º BEC desperta a vocação em servir à pátria e oferece uma excelente oportunidade em dinamizar o aprendizado fora dos muros escolares, revelando-se há cinquenta anos para a juventude local como o braço forte e a mão amiga do Oeste Baiano.

SAÚDE

Os profissionais do 4º BEC

Paralelamente à construção das estradas, o Batalhão do Soldado Operário notabilizou-se por prestar assistência médico-odontológica ao homem do campo, inexistente então na nossa área, tendo celebrado um convênio com o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL), através do qual recebeu e administrou uma unidade móvel: um ônibus com instalações de gabinetes médico e odontológico.

Este trabalho exerceu amplo alcance social, por ser o único atendimento voltado à saúde dos moradores da roça, e perdurou até a melhoria dos setores de saúde pelos próprios municípios. No dia marcado para a chegada do ônibus às diversas localidades, a população da zona rural se reunia para receber o atendimento prestado pela equipe do 4º BEC.

Na própria Cidade de Barreiras, o auxílio na área de saúde também foi incontestável. O 4º BEC logo adicionou aos serviços existentes no município os seus profissionais de saúde, como dentistas

e médicos especialistas, que investiram em consultórios para atender a população fora dos seus horários de expediente.

Vale frisar que, naqueles tempos, haviam em Barreiras poucos dentistas e médicos, mas nenhum deles especialista, sobretudo em áreas carentes, como por exemplo, ginecologia e obstetrícia. Aqueles trabalhadores, vindos com o batalhão, inauguraram aqui uma nova era, acrescentando também os seus serviços ao Hospital Geral Eurico Dutra, que atendia a toda a região Oeste, até então com um número de profissionais insuficientes em seus quadros.

Logo após a chegada do 4º BEC, um oficial-médico, ginecologista e obstetra, Dr. Saraiva, emprestou a sua relevante perícia às mulheres barreirenses na missão suprema de transmitir a vida. Era tal a sua competência que, dentre as mulheres por ele atendidas, surgiu a crença de que, além de médico, era também um santo, posto que de tal maneira conseguia transpor os momentos difíceis durante um trabalho de parto.

Em outras situações, algumas mulheres não conseguiam engravidar novamente, devido aos traumas de partos difíceis outrora realizados. Contudo, através da perícia médica do Dr. Saraiva, obtinham o dom da concepção desejada, deixando um sublime sentimento de gratidão a esse oficial médico tão competente, bem como ao seu Batalhão, que o trouxe a Barreiras.

Infelizmente, enquanto ainda se encontrava aqui, o Dr. Saraiva adoeceu gravemente de leucemia, foi transferido, e, com grande dor, a cidade de Barreiras soube depois da sua morte.

Não há dúvidas de que, nas décadas de 1970 e 80, os médicos e dentistas do 4º Batalhão de Engenharia de Construção fizeram ampla diferença no atendimento à população. Hoje, a Cidade de Barreiras cresceu e atrai muitos profissionais de saúde, muitos dos quais chegam ao município através do Batalhão General Argolo como sargentos, aspirantes e tenentes do Exército Brasileiro, ocupando os quadros de técnicos em enfermagem, enfermeiros, médicos, odontólogos, e farmacêuticos. Alguns fazem carreira na Força e posteriormente são transferidos, como de praxe. Outros, apenas cumprem o serviço militar temporário e depois regressam à vida civil, agregando a experiência e a satisfação em ter servido às Forças Armadas, a grande escola de civismo e cidadania do povo brasileiro.

Prevenção e combate a enfermidades

Cumprindo a sua destinação constitucional em cooperar com a defesa civil, o Exército Brasileiro também exerce a sua missão através do combate a epidemias e pandemias.

Em fevereiro de 2016, por exemplo, um mutirão de militares do 4º BEC visitou cerca de quarenta mil residências da zona urbana de Barreiras, a fim de buscar focos do mosquito *aedes aegypti*, bem como orientar a população a combater a proliferação do referido pernilongo, responsável por transmitir doenças como a dengue, zika e chikungunya, cuja epidemia assolou o país naquele período.

No ano de 2020, a pandemia de uma nova doença similar a uma síndrome gripal, o novo coronavírus ou covid-19, alastrou-se pelos quatro cantos do planeta. Mais uma vez, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção atuou nas ações de prevenção e combate a esta enfermidade, através da distribuição de máscaras e álcool em gel, bem como na desinfecção de ambientes.

OPERAÇÃO CARRO-PIPA

Já não é de hoje que o Oeste Baiano vivencia situações climáticas penosas, geralmente com o período de estiagem iniciando em maio, e findando em novembro, com as primeiras chuvas mais intensas. Neste ínterim, toda a vegetação perde a coloração, a poeira paira sobre os municípios, e a saúde dos não aclimatados é prejudicada pelas consequências da baixa umidade do ar: a garganta seca inflama, a pele resseca e o nariz sangra.

Apesar da região ser abastecida pelo Aquífero Urucuaia, com uma oferta regular de água em seus rios perenes, este bem nem sempre é distribuído de maneira eficaz para os moradores da zona rural. Sendo assim, é com o intuito de garantir o fornecimento do mais vital dos elementos que o 4º Batalhão de Engenharia de Construção desde a sua aurora tem realizado ações em socorro a estes cidadãos, com a construção de açudes e barragens, bem como através do fornecimento de água potável aos municípios que se encontram em estado de emergência ou calamidade pública.

Esta última atividade, conhecida como a Operação Carro-Pipa, surgiu no 4º BEC no ano de 2009, tendo o nosso quartel se

responsabilizado pela garantia de água potável aos municípios mais necessitados do Oeste Baiano e Sul do Piauí.

O trabalho consiste na contratação dos pipeiros para a distribuição de água, bem como na fiscalização da atividade. O objetivo é garantir que este elemento esteja realmente atendendo a todas as zonas previstas do município, sobretudo com uma oferta de boa qualidade, que pode fazer a diferença entre a saúde e a doença, ou mesmo entre a vida e a morte.

As tribulações enfrentadas ao longo dos anos têm sido inúmeras, principalmente no que diz respeito ao trajeto às comunidades, isoladas em virtude das estradas sem boas condições de tráfego. Não raro, o lamaçal provoca atoleiros, dificultando o cumprimento da missão.

Mesmo diante das adversidades, a Força Terrestre não mede esforços para penetrar nas zonas rurais e fornecer o mais precioso dos elementos da natureza, infelizmente tão ausente dentro da casa sertaneja. Desta forma, estreita-se o relacionamento com a população local, e fortalece a credibilidade do Exército Brasileiro como o braço forte e a mão amiga no combate à seca.

GARANTIA DA LEI E DA ORDEM (GLO)

O Coronel Nazareno Marcineiro, Ex-Comandante Geral da Polícia Militar de Santa Catarina, em seus estudos sobre o quesito “*Segurança*”, destaca que esta atividade:

“[...] se divide em duas grandes frentes: a segurança interna, que é feita por pessoas treinadas para guerrear e cujo resultado pretendido é a garantia da soberania nacional; e a segurança pública, feita por pessoas treinadas, em tese, para intermediar o conflito humano nos diversos espaços urbanos, cujo resultado desejado é focado na garantia do código de convivência social, consolidado na legislação vigente no país.” (MARCINEIRO, 2011, p.76)

Neste sentido, a segurança pública não é a missão precípua dos militares das Forças Armadas, treinados para garantir a defesa interna e a soberania nacional. As atividades de policiamento ostensivo e preservação da ordem pública, definidas na constituição federal, cabem apenas aos polícias militares. Entretanto, em situações excepcionais, as Forças Armadas estão juridicamente amparadas para atuar em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), de acordo com a Lei Complementar nº 117, de 2 de setembro de 2004, que estabelece o seguinte:

“Art. 13. [...]

§ 3º O planejamento e a execução dos exercícios operacionais poderão ser realizados com a cooperação dos órgãos de segurança pública e de órgãos públicos com interesses afins.” (NR)

Art. 15. [...]

§ 4º Na hipótese de emprego nas condições previstas no § 3º deste artigo, após mensagem do Presidente da República, serão ativados os órgãos operacionais das **Forças Armadas, que desenvolverão, de forma episódica, em área previamente estabelecida e por tempo limitado, as ações de caráter preventivo e repressivo necessárias para assegurar o resultado das operações na garantia da lei e da ordem.**

§ 5º Determinado o emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, caberá à autoridade competente, mediante ato formal, transferir o controle operacional dos órgãos de segurança pública necessários ao desenvolvimento das ações para a autoridade encarregada das operações, a qual deverá constituir um centro de coordenação de operações, composto por representantes dos órgãos públicos sob seu controle operacional

ou com interesses afins.¹⁷ [os grifos são nossos]

Durante toda a sua história e em situações específicas, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção preparou-se para atuar em operações de garantia da lei e da ordem, duas das quais nós destacaremos a seguir:

Operação Bahia

Em 31 de janeiro de 2012, alguns policiais militares iniciaram uma greve em Salvador-BA, fato que se tornou manchete em todos os jornais do Brasil. Durante alguns dias, aquele grande centro urbano esteve entregue ao banditismo através de arrastões, roubos, saques e assassinatos, amedrontando milhões de cidadãos que tiveram as suas rotinas seriamente prejudicadas na capital baiana.

Entretanto, o estado não ficou completamente abandonado, pois os quartéis da 6ª Região Militar, prontamente aprestaram-se às ruas nesta grande força-tarefa denominada Operação Bahia.

A Cidade de Salvador foi o epicentro de todo o movimento grevista, que logo se alastraria por todo o estado, mobilizando desde cedo o 4º Batalhão de Engenharia de Construção: todas as atividades foram suspensas. Algumas missões pendentes adiadas. A escala de serviço tornou-se apertadíssima, e até um efetivo da 1ª Companhia de Engenharia de Construção, que atuava no trecho de obras do Contorno Rodoviário, fora convocado para o que estava por vir.

No dia 03 de fevereiro deflagrou-se a greve em Barreiras, e o 4º BEC logo dispôs as suas tropas nas ruas para um trabalho de policiamento ostensivo.

Assaltos e depredações realizados por gangues assolaram o município. Boatos de tiroteios, assassinatos e mortes se espalhavam por Barreiras neste período, sendo que quase todos não passaram de fake news.

Entretanto, as falsas notícias causaram um grande pânico na população: comerciantes fecharam os estabelecimentos com medo de saques; as escolas e faculdades decretaram o cancelamento das aulas até o término da situação; e algumas ruas do centro esvaziaram a ponto de assemelhar-se aos dias de domingo, sem qualquer movimento.

Apesar do controle exercido pelos substitutos da PM, a situação mostrava-se psicologicamente insustentável. Para a população, era uma agonia que não parecia ter fim, mas para aqueles que estavam dentro das operações e possuíam informações privilegiadas, toda a conjuntura estava sob controle.

E então na quinta-feira do dia 09 de fevereiro de 2012, por volta das 19:00 horas, uma reunião com o Presidente da Associação dos Policiais Militares do Oeste, Comandante do 10º BPM, e o Comandante do CPRO, pôs fim à greve da Polícia Militar na Região Oeste da Bahia, normalizando a rotina da região.

Apesar do desgaste físico e mental numa tarefa para a qual não se tinha quase nenhum preparo ou experiência, diversos elogios foram prestados ao 4º BEC, deixando a sensação de dever muito bem cumprido pelos soldados da engenharia, que acumulando com presteza as suas funções técnicas e combatentes, jamais perderam o espírito militar do bom cumprimento da missão.

Operações das Copas

Nos anos de 2013 e 2014, o Brasil foi sede de dois torneios futebolísticos internacionais: a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, respectivamente.

Após um período de adestramento, uma tropa do 4º Batalhão de Engenharia de Construção deslocou-se para a Cidade de Salvador no intuito de atuar, caso necessário, na segurança destes grandes eventos com as seguintes missões técnicas da engenharia: desobstrução de vias; remoção de escombros; abastecimento com água potável; escavação de valas ou valetas; neutralização de explosivos; lançamento de obstáculos; construção de abrigos; além de trabalhos que envolvem guincho, alvenaria, carpintaria, e redes elétricas.

É importante recordar que durante a realização da Copa das Confederações, o Brasil foi sacudido por grandes protestos que eclodiram por todo o país: uma série de mobilizações de massa ocorreram simultaneamente em mais de quinhentas cidades, inclusive no exterior. Este episódio entrou para as páginas da história nacional como “as Jornadas de Junho ou a Copa das Manifestações”, em alusão crítica aos

amplios gastos governamentais na realização de megaeventos esportivos, em detrimento de outras áreas mais carentes, como a saúde e a educação.

As tropas foram comandadas pelo 2º Tenente Lenon (2013) e o 2º Tenente Felipe (2014), e permaneceram de prontidão em um hospital, próximo ao estádio Arena Fonte Nova, que recebeu três jogos em 2013, e seis jogos em 2014. Apesar do clima tenso que tomou conta do país, inclusive com ações de vandalismo e consequente repressão policial, a organização das duas copas foi coroada de pleno êxito, de modo que mesmo com todo o preparo dos militares do 4º BEC, as equipes não chegaram a ser acionadas nestes eventos que marcaram o calendário esportivo do nosso país.

Quanto aos resultados dentro das quatro linhas do campo, não foram tão animadores assim: a seleção brasileira sagrou-se campeã da Copa das Confederações após vencer a Espanha por 3x0, mas foi eliminada nas semifinais da Copa do Mundo, após ser vergonhosamente goleada por 7x1.

Segurança Presidencial

O 4º BEC ainda se notabilizou por coordenar todo o aparato de segurança de autoridade durante as cinco visitas presidenciais à região.²

A primeira pelo Presidente Lula, em 14 de outubro de 2009, em inspeção às obras de revitalização do Rio São Francisco, promovidas pelo 7º Batalhão de Engenharia de Combate, no município de Barra. A segunda pela Presidente Dilma Rousseff, em 07 de outubro de 2015, quando esta deslocou-se até Barreiras para entregar 1.436 unidades habitacionais do Programa Minha Casa, Minha Vida, no Residencial São Francisco.

As demais visitas foram protagonizadas pelo Presidente Bolsonaro, que em 11 de setembro de 2020 desembarcou no aeroporto de Barreiras, onde foi recebido pelo ex-combatente Eurypedes Pamplona e o seu biógrafo, o 1º Tenente R/2 Pinheiro. Logo em seguida, o presidente cumprimentou uma legião de seguidores, e depois decolou de helicóptero às obras da FIOF (Ferrovia de Integração Oeste-Leste), no município de São Desidério.

No dia 21 de janeiro de 2021, o presidente desembarcou novamente em Barreiras para tomar um helicóptero, desta vez ao município de Coribe, onde inaugurou o Lote 4 das obras de adequação da BR-135, que também atravessa os municípios de Cocos e Jaborandi.

E em 31 de maio de 2022, participou da abertura da Bahia Farm Show, maior feira tecnológica agrícola do Norte-Nordeste, em Luís Eduardo Magalhães, onde promoveu uma motociata e entregou títulos

de posse de terra para moradores dos municípios oestinos de Barreiras, Serra do Ramalho, Angical, Barra, além do próprio LEM.

Como única unidade do Exército Brasileiro atuante na região oeste, coube ao 4º BEC a coordenação da estrutura de segurança das autoridades, que contou com a participação de outras entidades como a PMBA e o Corpo de Bombeiros. Todas estas visitas sucederam sem nenhuma tribulação.

MINUSTAH

No começo do século XXI, o Brasil iniciou a participação na MINUSTAH (sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti – Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti*), uma missão internacional de paz criada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 10 de setembro de 2004, com o intuito de restaurar a ordem no Haiti, pouco após um período de rebeliões, e a deposição do Presidente Jean-Bertrand Aristide.

O nosso país criou então o CONTBRAS (Contingente Brasileiro), por sua vez composto pelo BRABAT (Batalhão de Infantaria de Força de Paz) e pela BRAENGCOY (Companhia de Engenharia Brasileira), que durante cerca de 13 anos atuaram nas operações de paz, cujos maiores desafios foram: a pacificação de Cité Soleil; nos terremotos de 2010; e no Furacão Matthew, em 2016.

O trabalho dos brasileiros contribuiu bastante com a pacificação e a reestruturação do Haiti, de modo que a Companhia de Engenharia Brasileira jamais era encarada pelos nativos como uma ameaça, posto que sempre trazia algum benefício para aquelas comunidades através das atividades de construção e reparação. Em vista disso, os nossos militares eram rotineiramente apelidados pelos gratos nativos de *bombagai* (vocabulário haitiano que significa “bom amigo” ou “sangue bom”).

Ao todo, mais de trinta e sete mil militares brasileiros participaram da missão, oriundas das mais diversas organizações militares, muitos dos quais membros do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, que passaram a integrar a BRAENGCOY, ostentando eternamente a honra de terem servido no exterior como um *peacekeeper* (pacificador).

Certamente, é um trabalho de relevância internacional para o Batalhão do Soldado Operário e o povo barreirense, que não é digno de ser relegado ao esquecimento, e por isso será melhor explorado no apêndice desta obra, sob a ótica de um dos nossos *peacekeepers*.

AÇÃO CÍVICO-SOCIAL (ACISO)

Todos os anos, o 4º BEC destaca-se por promover ações cívico-sociais em benefício da população, geralmente as comunidades barreirenses mais carentes.

Estas ações são realizadas em parceria com as lideranças comunitárias, além de órgãos e entidades federais, estaduais e municipais, e tem como objetivo oferecer diversos serviços ao povo, que dentre os quais podemos destacar os que se relacionam ao: alistamento militar; ingresso nas escolas militares; carteira nacional de habilitação; vacinação de animais; realização de palestras de conscientização de trânsito e prevenção às drogas; atendimentos médicos e odontológicos; e atividades lúdicas para as crianças, dentre outras, visando o bem estar da comunidade e vizinhança.

Em cada ação cívico-social, centenas de pessoas são beneficiadas com estes serviços, de forma gratuita e sem fundo político-partidário, reforçando assim os laços do 4º BEC com as comunidades, bem como com as diversas instituições envolvidas na promoção do evento.

EVENTOS ESPORTIVOS

Como não poderia deixar de ser, o Batalhão General Argolo também vem promovendo eventos esportivos no decorrer da sua história, muitos dos quais abertos a participação do público externo. Estas competições geralmente não possuem um calendário fixo, e variam conforme as circunstâncias e a disposição dos comandantes.

Um destes eventos foi a Corrida Duque de Caxias, na modalidade rústica, que ocorreu em 27 de agosto de 2017, como parte das comemorações alusivas ao Dia do Soldado.

Esta competição ocorreu dentro do próprio batalhão, com enormes parâmetros de segurança, e contou com cerca de trezentos e cinquenta competidores, com a parceria de diversas entidades privadas e públicas que ofereceram os mais variados serviços, além de grupos de corrida da região.

O evento, além de incentivar a prática saudável de atividades físicas, notabilizou-se por aproximar a população do quartelamento, tão bem quisto pela sociedade, e por suceder sem quaisquer transtornos, sendo um completo sucesso, amplamente elogiado pelos competidores que anseiam por mais uma edição da corrida.



Figura 5.1: visita escolar ao 4º BEC.
Fonte: Sd Caio Pereira & Cabo Manoel Neto.



Figura 5.2: onibus do FUNRURAL, realizando atendimento médico-odontológico na zona rural.
Fonte: 4º BEC.



Figura 5.3: profissionais de saúde do 4º BEC, em atendimento à população da zona rural.

Fonte: 4º BEC.



Figura 5.4: Operação Carro-Pipa.

Fonte: Subtenente Ferreira.



Figura 5.5: militares do 4º BEC atuam na segurança pública de Barreiras, durante a greve da Polícia Militar da Bahia.

Fonte: 4º BEC.



Figura 5.6: militar do 4º BEC atua em Operação de Paz, no Haiti.

Fonte: Cabo R/2 Honório.



Figura 5.7: realização de ACISO no Destacamento Itacoatiara (Barra-BA).
Fonte: 4º BEC.



Figura 5.8: realização de ACISO na comunidade de Ponte Velha,
próxima a obra da FIOCRUZ.
Fonte: 4º BEC.



*Figura 5.9: 4º BEC realiza maratona durante a Semana do Exército, em ano desconhecido..
Fonte: 4º BEC..*



*Figura 5.10: I Corrida Duque de Caxias, na modalidade rústica, em 2017.
Fonte: 4º BEC..*

CAPÍTULO 6 O PATRONO GENERAL ARGOLO

*“Marechal! Se for possível, está feita!
Se for impossível, vamos fazê-la!”
- General Argolo -*

O patrono é um título de reconhecimento patenteado a um ícone, defensor, ou padroeiro de uma seleta coletividade. Concede-se a uma personalidade que, por seus méritos, emana uma áurea, tocada de forte simbolismo, a ser reverenciada pelos seus semelhantes.

Um exemplo notório é o próprio Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Certamente, trata-se da figura militar mais proeminente registrada nos anais da nossa história, tendo participado ativamente de oito conflitos, e logrando êxito na manutenção da integridade nacional em quase todos: Guerra da Independência; Guerra da Cisplatina; Balaiada; Revolução Liberal de São Paulo; Revolução Liberal de Minas Gerais; Revolução Farroupilha; Guerra do Prata; e a difícil e inesquecível contribuição na Guerra do Paraguai. A trajetória do Marechal Lima e Silva o imortalizou como exemplo de estadista, pacificador e militar a ser seguido, além de um exímio patriota apaixonado pelo Brasil, em menor grau apenas que o Imperador Dom Pedro II.

Neste capítulo, trataremos de outra figura militar importantíssima para a história brasileira, consagrado patrono do 4º Batalhão de Engenharia de Construção: o General Argolo.

Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho nasceu na Bahia em 08 de agosto de 1821, fruto de uma relação extraconjugal do Barão de Cajaíba. Apesar de renegado pela família de sangue em razão da sua condição de filho ilegítimo, Argolo Filho notabilizou-se ao conquistar um título de nobreza por méritos próprios, distinguindo-se pelos combates em que atuou nos diversos estados brasileiros, muitos dos quais para consolidar a integridade nacional do país, com uma independência ainda recente.

Assentou praça como 1º Cadete aos 16 anos de idade, no 1º Batalhão de Artilharia, em 2 de dezembro de 1837, combatendo logo a Revolta da Sabinada, cujo batismo de fogo sucedeu na Ilha de Itaparica.



*Figuras 6.1/ 6.2/ & 6.3: Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro.
/ Vilagran Cabrita, patrono da Arma de Engenharia.
/ General Argolo, patrono do 4º BEC.
Fonte: E-Referências.*

O segundo dos seus combates ocorreu no Maranhão durante a rebelião da Balaiada, sufocada pelo então Coronel Luís Alves de Lima e Silva, logo Barão de Caxias. Após uma atuação bem sucedida onde evidenciara o seu inegável talento para a arte da guerra, foi convidado pelo próprio barão para sufocar as rebeliões liberais em Sorocaba-SP e Barbacena-MG. Também prestou um significativo apoio ao debelar outro movimento subversivo, em Alagoas, sendo por isto promovido a Capitão.

Pelos seus relevantes serviços prestados à pátria, em 1847 foi agraciado com a comenda de Cavaleiro Imperial da Ordem da Rosa, recebendo dois anos depois a comenda da Ordem de Cristo, por combater a Revolução Praieira em Pernambuco.

Como Major, foi comandante do Corpo Policial da Bahia durante um curto, mas significativo período de pouco mais de um ano, sendo também reconhecido como um dos patronos da Polícia Militar deste estado. Vale ressaltar que esta não foi a sua primeira experiência como policial, visto que ainda como cadete esteve adido ao Corpo de Polícia, durante a própria Sabinada.

É natural que tal situação suscite algumas confusões ao leitor, afinal, porque um militar do Exército, instituição responsável pela soberania nacional, estaria atuando também na Polícia, focada na segurança pública?

Entretanto, naqueles tempos em que a nação apenas despontava, as missões da Polícia e do Exército não eram tão bem definidas como o são hoje pela Constituição Federal de 1988, chegando mesmo a se confundir:

“Com a declaração da independência do Brasil, em 1822, a segurança da população passou a se confundir com a própria segurança do país. Não se tinha nesta época a noção que temos hoje a respeito da segurança pública, nem tampouco organizações que se dedicassem exclusivamente a esse mister. A própria legislação era omissa quanto a este assunto. A constituição do Império, de 1824, por exemplo, nada referenciava a respeito de segurança pública.” (MARCINEIRO, 2011, p.42)

Mas foi o seu desempenho na Guerra do Paraguai que o fez patrono do 4º BEC, quando esteve à frente de várias tropas, como a 13ª.

Brigada e a 1^a. Divisão de Infantaria, recebendo as promoções de Brigadeiro e, posteriormente, Marechal-de-Campo.

Esta última guerra do Prata, sem sombra de dúvidas, foi o mais difícil e polêmico dos conflitos externos que transpassam as páginas da história militar brasileira. Nesta pugna, o exército paraguaio alimentava um efetivo muito superior aos seus inimigos da Tríplice Aliança, composta pelas tropas brasileiras, uruguaias e argentinas. Em resposta, o governo do nosso país passou a recrutar os brasileiros comovidos pela causa da guerra, que se tornaram conhecidos como *os voluntários da pátria*, tendo o próprio Imperador Dom Pedro II se alistado como o voluntário número um.

Vale destacar que, ao convocar 9.164 combatentes, a Bahia foi a província que mais cedeu voluntários à última guerra do Prata, com exímia participação do próprio Corpo Policial da Bahia. Segundo o Coronel Marcineiro:

“Durante o período Imperial, o Brasil se viu envolvido em muitos conflitos, internos e externos. Em função disso, a força policial passou a atuar no campo da defesa interna e da segurança nacional, agindo em conjunto com o Exército Brasileiro, tendo muitas vezes colaborado com este enviando tropas para compor seu efetivo.” (IDEM, p.44)

Após grandes atuações bélicas, especialmente nas renomadas batalhas de Tuiuti e Curupaiti, o Exército promovera o General Argolo a conselheiro de Guerra, e foi justamente em um dos seus conselhos que surgiu a ideia de uma manobra histórica que mudaria os rumos do conflito: a Estrada do Chaco, considerada a mais ousada e criativa estratégia de todo o conflito, imortalizada no óleo sobre tela do artista Pedro Américo.

Neste cenário, uma boa parte das tropas inimigas estava taticamente situada às margens dos rios Piquissiri e Paraguai, em Angostura, caminho para a captura do ditador Solano Lopez. As fortalezas estavam estrategicamente construídas de modo a se favorecerem pelas próprias condições geográficas, muito bem equipadas com cerca de setenta bocas de fogo voltadas para os dois cursos d'água: qualquer ataque pela Esquadra (Marinha Imperial) certamente era sinônimo de derrota.

Com um espaço estreito para dispor as suas tropas, o Exército não poderia se estender o suficiente na linha de frente, posto que o terreno não permitia (vide mapa na página 127). Foi então que surgiu a ideia de construção da Estrada do Chaco!

Enquanto Divisões brasileiras e argentinas manteriam um frágil combate para distrair o inimigo na linha de frente do Piquissiri, o grosso do Exército da Tríplice Aliança deveria desbordar largamente a posição de Angustura, para realizar um ataque surpresa pela retaguarda.

Poderia se tratar de uma simples estratégia militar, se não houvesse um fator extremamente transtornador a se considerar: o próprio terreno da manobra, imerso em um pântano insalubre, repleto de doenças, animais perigosos, e atoleiros que tornariam impossível a travessia de todo o material bélico, especialmente os canhões da artilharia, fundamentais para definir a vitória na guerra.

Vale lembrar que o ditador Solano Lopez jamais descartou a possibilidade dos seus inimigos arriscarem aquela marcha pelo flanco de Angustura. Entretanto, conhecendo bem as intempéries da região, convenceu-se de que os próprios infortúnios do ambiente tratariam de aniquilar a Tríplice Aliança.

É então que, no meio do pantanal, o Marquês de Caxias, Comandante de todas as forças da Tríplice Aliança, confere a missão àquele que julga mais competente para tal empreitada:

“Argolo recebeu a missão de dirigir os trabalhos do Chaco. Eles iriam importar na construção de uma estrada em pleno pântano, a despeito das cheias do rio Paraguai, cujas águas subiam alarmantemente. Ela constituiu um depoimento muito significativo e brilhante, em abono da Engenharia do nosso Exército.” (TAVARES, 1981, p.185-186)

Ao embarcar em Humaitá, ficaram à disposição do General Argolo 06 oficiais e 135 praças do Batalhão de Engenheiros; 327 homens do Corpo de Pontoneiros; e uma Comissão de Engenheiros chefiada pelo coronel Rufino Galvão, responsável por tomar a direção técnica dos trabalhos.

Mesmo sem qualquer certeza das condições ideais para a construção de uma estrada naquele local, o General Argolo Ferrão não

esmoreceu, demonstrando desde sempre um forte espírito de cumprimento do dever. Conta-se que, ao ser indagado pelo Marquês de Caxias sobre a viabilidade da missão, Argolo corajosamente respondeu engendrando a sua célebre máxima: “Marechal! Se for possível, está feita! Se for impossível, vamos fazê-la!”¹

É importante realçarmos que, embora fosse a mais complexa, esta não seria a sua primeira missão de engenharia. Durante o conflito, o general sempre se destacou pela realização de trabalhos que reforçaram a defesa e a proteção das tropas aliadas, conforme explicita o historiador Paulo de Queiroz Duarte:

“Era neste tipo de missão que mais se sentia bem. Argolo, durante todo o tempo da campanha, foi um constante executor de obras de fortificação passageira. Conhecido esse seu natural pendor, a tropa o intitulara de “brigadeiro tatu”, visto que dava igual importância às pás e picaretas e às armas de combate.” (DUARTE, 1981, p.100)

A Guerra do Paraguai foi o verdadeiro laboratório aonde a Engenharia Militar Brasileira se desenvolveu. De um lado, havia o Batalhão de Engenheiros, formado por soldados responsáveis pelo trabalho braçal, comandados por oficiais de Armas combatentes, especialmente da Artilharia, como o próprio General Argolo e o Tenente Coronel Vilagran Cabrita (hoje reconhecido patrono da Arma de Engenharia). Por outro lado, a Comissão de Engenheiros estava composta por técnicos diplomados, peritos na projeção dos trabalhos de construção a serem realizados. Desta forma, o Batalhão aliava a técnica empregada por aqueles que detinham o conhecimento científico, ao espírito combatente dos militares, transformando a Engenharia desde a sua gênese em Arma técnica e combatente.

Cerca de trinta mil palmeiras foram derrubadas para a execução da grande empreitada do Chaco, cujos troncos foram utilizados não apenas na construção da estrada, mas também em oito pontes de mais de cinco metros que necessitaram ser levantadas, devido à profundidade de alguns pontos. Uma linha telegráfica também foi estabelecida ao longo do percurso, além de posições taticamente preparadas para a defesa.

Vale realçar que as tropas de infantaria também reforçaram aquele trabalho de difícil execução: como as tropas de bois afundavam no lamaçal, restaram aos soldados nada mais que a própria força física para carregar os troncos, quase sempre com a água nos joelhos, atrapalhando a movimentação dos membros inferiores. O calor, somado à umidade e a enorme quantidade de mosquitos tornava tudo psicologicamente insuportável. Animais como cobras e jacarés também ameaçavam o êxito da operação, sorratamente imersos no terreno alagadiço, cujo volume do rio se alterava, desmanchando alguns serviços já realizados.

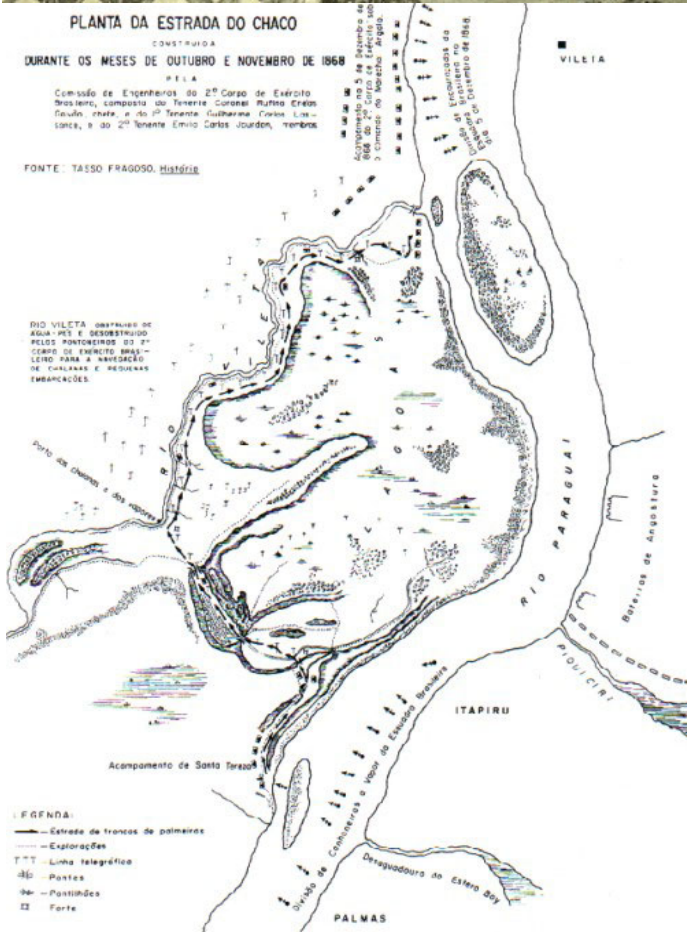
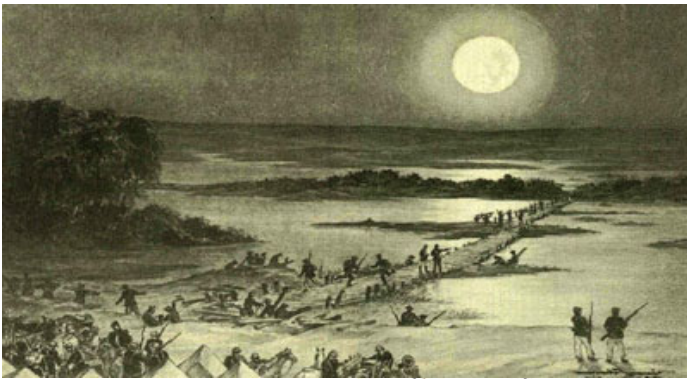
Ainda assim, mesmo diante das adversidades, Argolo e os seus compatriotas não desistiram e altearam a estrada com lama e troncos tantas vezes se fez necessário, trabalhando até a construção de um caminho verdadeiramente sólido, capaz de suportar tanto a passagem das tropas, quanto a rodagem da artilharia.

Foram quase onze quilômetros (mais especificamente 10.714 metros) de estrada, construída em meio a um ambiente de uma hostilidade sem precedentes. Este trabalho por si próprio mostrava-se inovador, mas o que tornou o feito ainda mais impressionante foi a velocidade da construção: em apenas vinte e três dias, a Estrada do Chaco saiu do papel e se tornou uma realidade, surpreendendo os militares brasileiros que teimavam em não crer na própria façanha.

Não obstante a resistência aos diversos males que tiveram de enfrentar nesta jornada, o sucesso da operação se deveu principalmente ao curto tempo empregado para a conclusão dos trabalhos, pois “dias depois, as águas do Paraguai subiriam; se então ainda estivéssemos passando pela estrada, seria o desastre: a estrada foi toda inundada.”(COSTA, 2001, p.195)

Com a moral elevada pelo sucesso da operação promovida pelo Marechal Argolo, a Tríplice Aliança não perdeu tempo: no dia 27 de novembro de 1868, as tropas finalmente marcharam sobre a estrada, desbordando as fortificações de Angustura, para surgir novamente no Rio Paraguai e, atravessando-o, surpreender o inimigo pela retaguarda das trincheiras paraguaias.

Naquele momento, dava-se início ao período da guerra conhecido como a Dezembrada, em virtude das sucessivas vitórias ocorridas no mês de dezembro.



Figuras 6.4 & 6.5: a construção da Estrada do Chaco.
/ a planta da Estrada do Chaco, para a manobra do Piquissiri.
Fonte: E-Referências.

É importante destacar a força do elemento surpresa nas históricas manobras militares, tal como realça o consagrado estrategista chinês Sun Tzu, autor do aclamado best-seller *A Arte da Guerra*: “Inimigo surpreendido é inimigo meio vencido (TZU, 2009, p.65) o sábio combatente é aquele que surge de repente onde ele não te aguarda e arremete quando ele menos espera.” (IDEM, p.53-54)

Sendo assim, não há dúvidas de que a Estrada do Chaco e o conseqüente aparecimento repentino das tropas no outro lado do Rio Paraguai encurtaram uma guerra que, se arrastando já por quatro anos, já havia ceifado milhares de vidas inocentes.

Argolo Ferrão foi elogiado por Caxias por aquele brilhante feito imortalizado nas páginas da História Militar Brasileira. Todavia, os seus dias de glória não durariam muito mais tempo. Durante a própria Dezembroada, mais precisamente na sanguinolenta Batalha de Itororó, Argolo recebeu graves ferimentos que o fizeram ser recolhido em um hospital de sangue, e logo após em um encouraçado, onde obteve a permissão para se retirar do prélio.

Pelos seus relevantes serviços prestados à nação, sobretudo no maior conflito sul-americano, Argolo foi agraciado pelo Imperador Dom Pedro II com o título nobiliárquico de visconde, escolhendo então honrar o nome de Itaparica para rememorar seu batismo de fogo naquela ilha, durante a Sabinada.

Todavia, aqueles novos ferimentos trariam severas conseqüências à saúde do Visconde de Itaparica, deixando-o agonizar em Salvador, até vir a óbito no dia 23 de junho de 1870, encerrando assim aos quarenta e oito anos a sua curta, mas imponente carreira militar.

Diante dos fatos, é inegável que o General Argolo tem méritos por estar imortalizado nas páginas da história do Exército Brasileiro, instituição conhecida por cultuar os heróis nacionais e os feitos por eles protagonizados. Neste propósito, considerando que o General Argolo é baiano e responsável por um dos mais brilhantes feitos da recém-nascida Engenharia Militar Brasileira, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção não poderia ter sido honrado com melhor denominação histórica, posto que é o único quartel de Engenharia do Estado da Bahia:

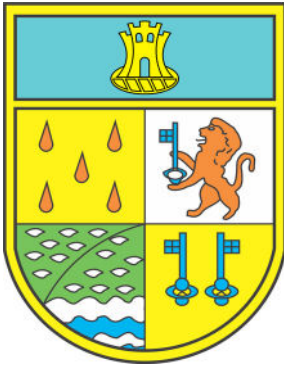


Figura 6.6: estandarte histórico. Fonte: 4º BEC.

“PORTARIA Nº 395, de 16 de agosto de 1994 [...]

O **MINISTRO DE ESTADO DO EXÉRCITO**, no uso da competência que lhe confere [...] e de acordo com o que propõe a Secretaria-Geral do Exército, ouvido o Centro de Documentação do exército, resolve:

Art. 1º Conceder ao **4º Batalhão de Engenharia de Construção**, com sede em Barreiras-BA, a denominação histórica “**BATALHÃO GENERAL ARGOLO**” e o respectivo estandarte histórico [...]” (PORTARIA Nº 395, DE 16 DE AGOSTO DE 1994)

No campo superior da referida heráldica, o castelo e o fundo azul-turquesa simbolizam a Arma da Engenharia. Abaixo, nos quadrantes esquerdos, temos respectivamente o sangue derramado na Batalha de Itororó, e a Estrada do Chaco. Ao lado direito, dispõem-se os brasões da Família Argolo.

As tradições do Visconde de Itaparica são revividas cotidianamente não só neste Batalhão, mas em todos os que acreditam na realização do impossível², inclusive nas unidades da Polícia Militar da Bahia, grande defensora da pátria durante o maior conflito da América do Sul, e que também é a casa do nosso ilustre marechal, cuja efígie está cunhada em prata de lei numa das mais importantes condecorações outorgadas por esta Corporação:

“DECRETO Nº 26.101 de 05 de abril de 1978
 Institui na Polícia Militar do Estado, a
 MEDALHA DO MÉRITO MARECHAL
 ARGOLO - VISCONDE DE ITAPARICA e
 da outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA
 BAHIA , no uso de suas atribuições,
 DECRETA

Artigo 1º - Fica instituída, na Polícia Militar do
 Estado, a Medalha do Mérito Marechal Argolo

- Visconde de Itaparica, destinada a agradecer os integrantes da Corporação que se hajam distinguido no cumprimento do dever policial-militar, na manutenção da ordem pública e na segurança interna e tenham prestado serviços destacados à Polícia do Estado da Bahia.

Parágrafo único - Poderão também ser agraciados com a Medalha do Mérito Marechal Argolo - Visconde de Itaparica:

a - Militares das Forças Armadas e de outras Polícias Militares que, pelos serviços prestados, tenham-se tornado credores de homenagem da Polícia Militar da Bahia;

b - Civis que hajam prestado relevantes serviços à Polícia Militar do Estado da Bahia;

c - Corporações Militares, Policiais Militares e, excepcionalmente, Instituições Civis, suas Bandeiras ou Estandartes, pela prática de ações que a credenciem ao reconhecimento do povo baiano e de modo particular, ao da Polícia Militar do Estado.

Artigo 2º - A Medalha do Mérito Marechal Argolo – Visconde de Itaparica será concedida por ato do Governador do Estado, mediante proposta do Comando Geral da Polícia Militar.

Parágrafo único - O Diploma de concessão será assinado pelo Comandante Geral da Polícia Militar do Estado.

[...]

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, em 05 de abril de 1978.”
(DECRETO Nº 26.101 DE 05 DE ABRIL DE 1978)

Certamente, Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho é um dos maiores ícones da história que representam a integridade e o decoro para a Bahia, o Brasil e a América do Sul.

A Guerra do Paraguai terminou, mas as batalhas do dia-a-dia impelem os legítimos militares baianos, engajados no fiel cumprimento da missão, para a realização do possível e do impossível. Os empecilhos decerto são muitos, porém, diante deles a nossa Estrada do Chaco será honrosamente construída todos os dias.



Figura 6.7: Passagem do Chaco (tela de Pedro Américo).
Fonte: E-Referências.



Figura 6.8: diploma da Medalha Mérito Marechal Argolo (PMBA).
Fonte: E-Referências.

CAPÍTULO 7

A MAIOR OBRA: O SERVIÇO MILITAR

*“Mais do que estradas e açudes, o 4º BEC construiu vidas?”
- Tenente-Coronel Olyntho, 29º Comandante do 4º BEC -*

A história do povo barreirense confunde-se com a história do próprio 4º BEC, e vice-versa. Não existe no município uma única pessoa adulta sem um familiar ou conhecido, ainda que de vista, que não tenha atuado no 4º Batalhão de Engenharia de Construção, seja como militar ou servidor civil. Este fato é facilmente averiguado em qualquer diálogo firmado sobre o assunto com as pessoas da cidade, momento em que se ouve comentários do tipo: *“meu pai serviu lá”*; *“a família do meu avô veio do Ceará para cá por causa do 4º BEC”*; *“meu filho se incorporou agora”*; *“servi lá quando mais novo!”*; *“meu tio alugou equipamentos para as obras durante muitos anos”*; dentre tantas outras expressões que denotam o quanto o Batalhão do Soldado Operário há meio século integra o cotidiano da cidade.

A sina não poderia ser diferente! Quando o 4º BEC foi transferido de Crateús-CE em 1972, cerca de cinco mil pessoas desembarcaram numa cidade de apenas trinta mil habitantes. Desta forma, um sétimo da população barreirense estava constituído pelos novos imigrantes, tornando praticamente impossível que os cidadãos nativos não tivessem tecido qualquer tipo de relação social com algum membro deste aquartelamento. As trajetórias de vida dos dois povos estão profundamente entrelaçadas desde aquele momento, de modo que hoje, temos cinquenta anos de história que não pode ser escrita sem levar em conta a importância do 4º BEC para a vida do barreirense, assim como deste para aquele.

Sendo o único quartel do Exército Brasileiro na região oeste, o Batalhão General Argolo realiza o sonho de muitos jovens de se incorporar nas fileiras das Forças Armadas, grande escola de ética, moral e civismo, responsável também por profissionalizar os cidadãos nas mais diversas áreas, e depois entregá-los às cidades locais, tão clamantes por mão-de-obra especializada.

Todos os anos um efetivo de aproximadamente trezentos conscritos, dividido nos meses de março (Grupamento Alfa) e agosto (Grupamento Bravo), são incorporados no batalhão como soldados do

efetivo variável, popularmente conhecidos como recrutas. A palavra soldado por si mesma carrega um forte significado extensivo à toda a Força Terrestre: somos todos soldados, independentemente do posto ou graduação. O próprio dia do soldado tem como data o 25 de agosto, em celebração ao nascimento do Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias e patrono do Exército Brasileiro; de fato, é o militar mais importante da nossa história, que sempre honrou com magnanimidade os seus subordinados, e apesar de jamais ter sido soldado no posto, portou toda esta essência na carreira castrense.

E são inspirados nesta dignificante ideia que, há meio século os cidadãos do Oeste Baiano, em especial os da Cidade de Barreiras, têm a honra de servir a esta Força Armada. Jovens que desde o ano de 1972 são recrutados para prestar o serviço militar obrigatório, oriundos não apenas de Barreiras, mas dos diversos municípios como: São Desidério; Riachão das Neves; Ibotirama; Paratinga; Bom Jesus da Lapa; Santa Maria da Vitória; São Félix do Coribe; Coribe; Seabra; Barra; Xique-Xique; Luís Eduardo Magalhães; Santa Rita de Cássia; Mansidão; dentre outros que se apresentam voluntariamente para inaugurar a maioria no Exército Brasileiro.

Durante a seleção, os conscritos são submetidos a uma série de testes vocacionais, além dos exames de aptidão física. Com raríssimas exceções, todos os que se incorporam são voluntários, mas uma vez que trajem a farda camuflada, devem cumprir com os seus deveres por quase um ano, até o dia do licenciamento por término do serviço militar obrigatório.

A primeira etapa da formação iniciada em toda unidade militar é o período de instrução básico, momento em que os conscritos adentram simbolicamente ao Portão das Armas¹ para vivenciar todo um processo de militarização, divididos nos pelotões da Companhia de Comando e Apoio: agregam conhecimentos sobre hierarquia, disciplina, educação moral e cívica, história militar; além das atividades inerentes à caserna, como atirar de fuzil; transpor cursos d'água e obstáculos; camuflagem; dentre outras.

Para coroar este período de instrução, os soldados seguem para um exercício na autêntica sala de aula do combatente: o acampamento militar, onde são submetidos a diversas proações físicas e psicológicas sob simulação de estresse de combate, potencializado em meio a um

terreno extenuante. Neste sentido, necessitam desenvolver atributos como cooperação, persistência e equilíbrio emocional: forja-se então o soldado combatente brasileiro!



Figura 7.1: conscritos adentram ao Portão das Armas: tornam-se militares.
Fonte: 4º BEC



Figura 7.2: composição de um pelotão da instrução básica.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro



Companhia de Comando e Apoio / 2015



Acampamento IIB do Grupamento Bravo / 2015

1º Pelotão - Pantera / 2º Pelotão - Jaguar / 3º Pelotão - Cães de Guerra

Figura 7.3: composição da companhia de instrução básica.

Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro



Figura 7.4: inspeção do material combatente da tropa.

Fonte: 4º BEC.



*Figura 7.5: soldados transpõem obstáculos no acampamento militar.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 7.6: instrução de rastejo.
Fonte: 4º BEC.*



Figura 7.7: os soldados aprendem a cavar trincheiras.

Fonte: 4º BEC.



Figuras 7.8 & 7.9: soldados aprendem a transportar feridos em combate.

Fonte: 4º BEC.



*Figura 7.10: soldados transpõem obstáculos no acampamento militar.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 7.11: realização da marcha de fim do acampamento militar.
Fonte: 4º BEC.*

Após a conclusão da instrução básica, os pelotões são dissolvidos, e os recrutas são distribuídos para atuar no período de qualificação nas seções das mais diversas companhias do Batalhão: Companhia de Engenharia de Equipamentos e Manutenção; 1ª Companhia de Engenharia de Construção; 2ª Companhia de Engenharia de Construção; ou novamente a Companhia de Comando e Apoio.

É neste momento que os jovens soldados passam por um processo de profissionalização, aprendendo um ofício com os militares e servidores civis mais antigos, responsáveis por transmitir toda a experiência técnica agregada em anos de trajetória no Batalhão General Argolo. Conforme Ignez Pitta, em sua obra sobre os 30 anos do 4º BEC, os soldados são:

“colocados nas oficinas de carpintaria e marcenaria, fábricas de tijolos de cimento, britador usineiro de asfalto; outros treinam como pedreiros, encanadores, armadores do ferro para concreto, capoteiros e eletricitas. Há um empenho em formar o maior número possível de motoristas de todas as categorias; operadores de equipamentos de engenharia (tratores, motoniveladoras, carregadeiras), havendo especial ênfase em que todos os motoristas entendam de Mecânica. Ainda há trabalhos de soldador, torneiro mecânico, pintor, eletricista de auto e lanterneiro, formando-se um grande número de bons mecânicos Na área de eletrônica de micro. Existe também desenho técnico auxiliar de topografia e topógrafo, laboratorista de solo, apropriador (faz levantamento de custo numa obra e acompanha-a em relação ao orçamento previsto). Ainda há funções de garçom, cozinheiro e açougueiro; recepcionista, auxiliar de enfermagem, enfermeiro e auxiliar de dentista.” (PITTA, 2001, p.22-23)



*Figura 7.12: soldados preparam valetas no trecho de obras.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 7.13: soldados recrutas aprendem drenagem no trecho de obras.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro*



*Figura 7.14: soldado em período de qualificação nas obras da FIOI.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 7.15: soldados lançam asfalto no trecho de obras.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro*



*Figura 7.16: soldados lançam meio-fio pré-moldado no trecho de obras.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro.*



*Figura 7.17: soldados lançam placa de concreto no trecho de obras.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro.*

Ao término do ano obrigatório, abrem-se algumas poucas dezenas de vagas para compor o efetivo profissional nos mais diversos quadros, de acordo com as necessidades do Batalhão. Os que optam por continuar a servir e conquistam uma vaga, permanecerão como militares da ativa, se especializando nas suas funções durante um período que pode perdurar por até sete anos. Os demais, são devolvidos à sociedade civil como reservistas das Forças Armadas, mas agora com um compromisso perante à nação brasileira, e certamente como cidadãos melhores do que aqueles que outrora adentraram pelo Portão das Armas. A cerimônia de despedida é realizada em uma formatura de licenciamento que, despertando um sentimento misto de alegria, tristeza e satisfação, habitualmente arrancam lágrimas dos exonerados.

Devido às necessidades inerentes à própria Unidade, a ampla gama de oportunidades de aprendizado nos batalhões de engenharia de construção é incontestável. Muitos ingressam ao 4º BEC sem acesso a escolaridade apropriada, mas agregam todo um leque de experiências que, ao se despedirem, o fazem com um grande suporte para o futuro, reconhecendo o Batalhão do Soldado Operário como a escola que não tiveram, mas que os capacitou para uma vida melhor, seja pessoal ou profissional.

Vale lembrar que esta grande experiência de vida proporcionada pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção nem sempre ocorre de maneira compulsória, mas também através do serviço militar temporário não-obrigatório.

Sendo assim, o 4º BEC também inclui em seus quadros militares combatentes temporários, como os soldados e cabos da própria Unidade promovidos a sargentos; além dos aspirantes e tenentes formados nos Núcleos ou Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (a maioria oriunda do CPOR/Recife-PE), que de forma voluntária prosseguem na rotina militar durante um determinado período de tempo, acumulando conhecimentos profundos que os impulsionam ao sucesso fora da caserna.

Além destes combatentes, alguns são convocados através de outro processo seletivo para cumprir um serviço específico como cabo especialista; ou técnicos temporários, como sargentos de: topografia, enfermagem, informática, contabilidade, edificações, mecânica, e etc; ou mesmo oficiais graduados nas áreas de medicina, odontologia, engenharia civil e ambiental, contabilidade, direito, dentre outros.

Os documentos comumente expedidos após a conclusão do serviço militar (obrigatório ou não), como o certificado de reservista, a referência elogiosa, a carta de recomendação e o diploma de honra ao mérito, são diferenciais para o currículo do cidadão brasileiro, não faltando oportunidades para aqueles que se portaram como bons militares, e apresentam estas conquistas ao buscarem a inclusão no mercado de trabalho.

O serviço militar ainda é motivo de inspiração para aqueles que se descobrem vocacionados à Profissão das Armas. Em sua história, o 4º BEC conta com um grande contingente de ex-integrantes aprovados em concursos das Forças Armadas, ou mesmo das polícias e bombeiros militares, não apenas da Bahia, como de vários estados.

A lista de oportunidades projetadas através das experiências vivenciadas por cada ex-integrante é tão extensa, que não caberia em um outro livro. Talvez, nem mesmo nas enciclopédias. Ainda assim, teceremos no apêndice o resumo de algumas destas biografias, que além de exemplificarem o ingresso nos serviços militares, são reveladoras de toda a sua importância atrelada a esta Unidade tão especial. Vale a pena conferir!

Há cinquenta anos, o malho e o fuzil, símbolos peculiares ao Batalhão do Soldado Operário, firmam a pedra angular em que se constroem as mais diversas histórias particulares, profissionais e sociais da região. Sem sombra de dúvidas, a maior obra produzida pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção é o serviço militar, alicerce de carreiras e marco renovador das vidas humanas.



*Figura 7.18: solenidade da despedida dos militares. O Coronel Gazola entrega o documento de reservista e agradece pelo serviço militar prestado.
Fonte: 4º BEC.*



*Figura 7.19: reservistas se despedem pelo Portão das Armas, o mesmo pelo qual entraram um ano antes.
Fonte: 4º BEC.*

PALAVRAS FINAIS

Conforme realçado no decorrer de todo este livro, a história recente do Oeste Baiano está intrinsecamente conectada à trajetória do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, e vice-versa: são cinco décadas de árduo trabalho, servindo ao povo baiano através das obras de cooperação, além de ações sociais em benefício da educação, saúde, garantia da lei e da ordem, e defesa civil.

A lista de personalidades, dos mais diversos municípios, que fincaram qualquer tipo de relação institucional com este aquartelamento é extensa, e digna de estudos pelas próximas gerações de historiadores. Desta forma, não é difícil concluir o quanto a Unidade tem firmado uma presença forte, verídica e confiável na região oeste, alterando o curso das histórias dos seus municípios e respectivos habitantes.

Desde que desembarcara na Cidade de Barreiras há meio século, o Batalhão General Argolo representa um marco na solidez das instituições cívicas, bem integrado à vida cotidiana, empregando o braço forte e a mão amiga em prol da sociedade.

Neste propósito, o 4º BEC diuturnamente age em prol do resgate e do culto às tradições históricas, valorizando o passado sem esquecer de adaptar-se ao presente, para desta forma colaborar eficientemente na construção do futuro patriótico e moral do cidadão brasileiro, sobretudo dos combatentes forjados no coração desta caserna.

O soldado operário, portador do malho e do fuzil, carrega acima de tudo o gratificante sentimento de bem servir ao povo brasileiro, honrado em pertencer a esta dignificante entidade, protagonista dos dias de glória da região, hoje destacada por uma meteórica ascensão econômica, política e social.

Que um pelotão de historiadores, em um futuro breve, possa abraçar esta bandeira, e destrinchar o que há de mais intenso nas trajetórias de vidas que transpassaram as páginas desta unidade operacional. A história só está começando!

Desejamos então que, estas poucas palavras encerrem apenas este livro, frutificando em um novo alvorecer para a produção das mais diversas narrativas que podem ser construídas sobre o 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Por ora, legamos a insigne certeza: que esta nobre organização militar há dezenas de anos bem exerce as suas funções, realizando obras e acima de tudo construindo vidas, ao cumprir destemidamente o mister do Exército Brasileiro, expressado nos versos da canção do próprio Batalhão:

*“O soldado nunca deve recuar,
que a ordem de Deus é marchar!”*

Barreiras-BA, 03 de julho de 2022.

1º TENENTE R/2 JOÃO PAULO PINHEIRO LIMA

Historiador n° 0000002/BA

Membro Correspondente da Academia Barreirense de Letras

&

IGNEZ PITTA DE ALMEIDA

Membra da Academia Barreirense de Letras



Figura 8.1: o 1º Tenente Pinheiro marcha à frente do Pelotão Jaguar.

Fonte: 4º BEC.

GALERIA DOS COMANDANTES

Fase Crateús-CE



Ten Cel José Liberato
Souto Maior
13-03-1955 13-05-1956



Ten Cel Clóvis
Alexandrino Nogueira
23-05-1956 25-05-1957



Cel Venitius
Nazaré Notare
17-07-1957 13-12-1958



Ten Cel
Oswaldo Colares de Novaes
14-12-1958 27-04-1960



Cel Astorico Bandeira
de Queiroz
04-07-1960 10-07-1963



Cel José Sotero
de Menezes
24-07-1964 22-11-1966



Cel Hugo José Ligneul
01-02-1967 16-08-1968



Ten Cel Afonso Augusto
de Toledo Navaro
16-08-1968 07-02-1969



Ten Cel Alisio Sebastião
Mendes Vaz
25-05-1969 09-05-1970



Ten Cel Luiz Caetano
Ceriani
02-07-1970 15-01-1973

GALERIA DOS COMANDANTES

Fase Barreiras-BA



Ten Cel Celso Viana
de Araújo
15-01-1973 28-01-1975



Cel Fernando
Porres Ferreira
28-01-1975 04-02-1977



Ten Cel José Joaquim de
Moraes Sarmento
04-02-1977 07-02-1979



Ten Cel Álvaro de Souza
Gomes Escobar
23-04-1979 30-04-1981



Cel Ari Liotto
30-04-1981 06-05-1983



Cel Antonio Carlos Dias
06-05-1983 31-01-1985



Cel Sérgio Henrique
Carneiro Tavares
31-01-1985 03-02-1987



Cel Darcy Luiz
Schmaedcke
03-02-1987 28-09-1988



Ten Cel Mário
Carmelo Corrêa
25-01-1989 23-01-1992



Ten Cel Hélio Régua
Barcelos Júnior
23-01-1992 17-01-1994



Ten Cel Carlos Alberto
Banhos Moura
17-01-1994 19-01-1996



Cel Carlos Emide
Vasco
19-01-1996 23-01-1998

GALERIA DOS COMANDANTES**Fase Barreiras-BA**

**Cel Manoel
Teixeira Pires**
23-01-1998 28-01-2000



**Cel José Maria
de Souza**
28-01-2000 22-02-2002



**Cel Wagner Oliveira
Gonçalves**
22-02-2002 05-02-2004



**Cel Henrique Corrêa
de Oliveira**
05-02-2004 20-01-2006



**Ten Cel Roberto
Pinheiro Goes**
20-01-2006 22-02-2008



**Cel Eduardo de
Moura Gomes**
22-02-2008 07-12-2010



**Ten Cel Olyntho Alves
Gomes de Sá**
07-12-2010 10-01-2013



**Cel Thadeu Luiz
Crespo Alves Negrão**
10-01-2013 18-06-2015



**Cel Francisco Alexandre
do Couto da Palxão**
18-06-2015 19-01-2017



**Cel Jonny Ferreira
Machado**
19-01-2017 08-01-2019



**Cel Eduardo Henrique
da Silva Bastos**
08-01-2019 09-12-2020

COMANDANTE ATUAL

Cel Miguel Rotundo Barra GAZOLA



APÊNDICE

“É dever do historiador militar identificar esses marinheiros, soldados e aeronautas anônimos que as fizeram, de forma a, através deles, conhecer a sua alma, o patrimônio imaterial das Forças Armadas (MOURA [et al], 2010, p.396).”

Este apêndice objetiva exemplificar algumas das formas de ingresso ao 4º BEC, e a capacidade deste em modificar a vida das pessoas.

Algumas destas personalidades destrinchadas são contemporâneas a este coautor militar, e a sensação ao final de toda a pesquisa nada mais é que a de ter estudado apenas uma gota em um infundável oceano de servidores, que encontraram no Batalhão do Soldado Operário um dos mais intensos episódios das suas particulares trajetórias.

São pequenas biografias de cidadãos comuns, mas nem por isso menos extraordinárias, cujas vidas foram profundamente transformadas pelo serviço militar no 4º Batalhão de Engenharia de Construção, e certamente despertarão interesse e inspiração aos que um dia almejam aderir à Profissão das Armas, e quem sabe, entrar nas páginas da próxima história.

Você não perde por conferir!

O PRIMEIRO ALISTADO

No dia 11 de abril de 1972, o jovem José dos Santos Carvalho foi ao porto acompanhado do seu pai, levando uma carga de rapadura para vender aos barqueiros que realizavam esse comércio.

O jovem morava com a sua família em uma fazenda do povoado Canabravão, em São Desidério-BA, e dedicava-se totalmente ao trabalho rural. Apesar disso, nutria um profundo desejo de se mudar para Barreiras e estudar no Colégio Padre Vieira, o que não lhe era possível pelas condições financeiras.

Após chegar ao porto com uma tropa de burros, e iniciar as transações comerciais, avistou um grande barco rebocador de chatas da FRANAVE, desembarcando um contingente de cinquenta militares, uma camioneta, e mais cinco maquinários pesados.

Aquele povo recém-chegado trajando uma farda desconhecida logo atiçou a curiosidade do garoto, que perguntou ao seu pai se tratava-se da polícia, quando o mesmo respondeu: “Não, meu filho. Isso aí manda na polícia!”

Mas o rapaz da zona rural, com apenas dezenove anos, mal sabia da existência da Polícia Militar. Seu pai então explicou-lhe sobre a existência das Forças Armadas e, falando com os viajantes, soube que logo iniciariam o alistamento para o serviço militar, sendo para isso necessários a apresentação da certidão de nascimento, e uma fotografia. Bastante interessado, o jovem Carvalho prontamente foi ao cartório obter a cópia da sua certidão de nascimento, e conseguiu pagar uma fotografia com três rapaduras. No dia seguinte, no Colégio Padre Vieira, o jovem foi o primeiro a fazer o alistamento militar, que prosseguiria ali sendo realizado por bastante tempo, até ter, naquele ano, trezentos e cinquenta alistados. Mas como a incorporação na condição de recruta só se daria no ano seguinte, seu pai lhe conseguiu um quarto de pensão para ficar em Barreiras, e procurou um trabalho para o seu filho se manter: e este ofício seria logo como pedreiro civil, na construção do próprio quartel, que não demorou a começar.

Os funcionários civis do Batalhão eram cearenses e assim, o primeiro Comandante, Coronel Celso Viana, acompanhando e fiscalizando os trabalhos, percebeu a diferença no porte físico do garoto, identificando-o como baiano e perguntando-lhe quem era. O jovem Carvalho contou um pouco da sua história de vida, explicando que esperava a convocação para iniciar o serviço militar, ao passo que o Comandante já aprovava de imediato a sua disposição para o trabalho.

Quando se iniciou o treinamento dos recrutas, em maio de 1973, um sargento apareceu convocando-o para se apresentar ao Comandante.

O sargento se preocupou e perguntou-lhe se tinha feito algo grave, errado, que o impossibilitasse de servir ao Exército, e o jovem respondeu-lhe que não. O que sucedia ficou logo sabendo: o Comandante convocou-o para trabalhar diretamente com ele na função de ordenança, enchendo-o de orgulho e satisfação.

Servindo ao Exército, começou a estudar à noite no Colégio Padre Vieira; foi engajado como soldado; e, aprovado no concurso para sargento, fez carreira na Força Terrestre, além de conquistar o nível superior.

Regressando a Barreiras, passou a colaborar com a sua antiga escola como professor. Passado algum tempo, ainda foi eleito Presidente da Fundação Educacional Custódia Rocha de Carvalho, mantenedora do Colégio Padre Vieira.

Após dedicar-se tantos anos ao serviço militar, o já Tenente José dos Santos Carvalho entrou para a reserva, com 17 anos só de serviços prestados 4º BEC; além de ter a honra de ser o primeiro jovem da região alistado, é o exemplo pioneiro da dedicação e persistência dos jovens carentes, com poucas perspectivas de crescimento, mas que encontram no Exército Brasileiro as portas abertas para o futuro. Uma história que se repete indubitavelmente até os dias de hoje.

O INÍCIO, O FIM E O RECOMEÇO: DE RECRUTA A CAPITÃO

Claudionor Souza da Silva nasceu e cresceu em Itaberaba-BA, município conhecido como o portal da Chapada Diamantina, e desde cedo alimentava o sonho de servir às Forças Armadas.

Apesar de residir próximo às guarnições militares de Feira de Santana e Salvador, amadureceu ouvindo as histórias dos conterrâneos que serviram em Barreiras, capital do extremo oeste baiano.

Neste propósito, o conscrito Claudionor incorporou às fileiras do Exército Brasileiro no dia 03 de fevereiro de 1983, como soldado do efetivo variável do 4º Batalhão de Engenharia de Construção. No mesmo ano, realizou o Curso de Formação de Cabos, sagrando-se o primeiro colocado da QM-0522 (operador de máquinas).

Após granjear o engajamento no ano seguinte, demonstrando grande liderança e interesse pela profissão, foi convocado para realizar o Curso de Formação de Sargentos Temporários (CFST), no 7º Batalhão de Engenharia de Combate, em Natal-RN, onde estive de junho a dezembro.

No dia 25 de janeiro de 1985, foi promovido a 3º Sargento Temporário, exercendo então a função de monitor de pelotão, tomando cada vez mais gosto pelo militarismo. Neste sentido, decidiu prestar o concurso para a EsSA (Escola de Sargento das Armas / Três Corações-MG) já em 1986, obtendo êxito imediato.

Na Escola, mesmo diante das mais diversas opções, optou pela Arma de Engenharia, concluindo o curso na 10ª colocação de uma turma de 125, e decidindo então já regressar à sua antiga casa, agora já declarado 3º sargento de carreira desde 30 de novembro de 1987.

Ao apresentar-se ao 4º BEC em janeiro de 1988, foi novamente designado para compor a equipe de instrução dos soldados, missão repetida no ano seguinte.

Em 1990, foi escalado para as obras do “SOS Rodovias – Operação Tapa Buracos”, na BR 020/242, nos trechos entre Ibotirama-BA até a divisa com o Goiás, sendo promovido a 2º sargento em 1º de dezembro de 1992.

Nesta segunda jornada em Barreiras, o então Sargento Claudionor serviu por cerca de 07 anos, sendo transferido para o 6º BEC em janeiro de 1995, mas já optando por retornar ao 4º BEC no final do ano seguinte, cumprindo a sua terceira jornada nesta organização militar até dezembro de 2003.

Em janeiro de 2004, o 1º Sargento Claudionor apresentou-se no já conhecido 7º Batalhão de Engenharia de Combate, onde foi promovido a subtenente em 1º de dezembro de 2007. E em 2010, transferido ao 12º Batalhão de Engenharia de Combate Blindado (Alegrete-RS) serviu às forças de paz da ONU pela MINUSTAH, e atingiu o oficialato, sendo promovido a segundo-tenente e a primeiro-tenente nos dias 1º de junho de 2012 e 2014, respectivamente.

No dia 22 de dezembro de 2014, apresentou-se pela última vez ao 4º Batalhão de Engenharia de Construção, quartel em que iniciara a sua carreira como soldado recruta, e onde desejava encerrá-la. Neste sentido, após ser promovido ao posto de capitão em 1º de junho de 2017, decidiu ingressar na reserva em janeiro de 2018, no Comando do Coronel Jonny, encerrando assim o seu ciclo como militar da ativa.

Os seus meses com os coturnos pendurados, e a saudade da vida da caserna não deixaram muito tempo para nostalgias, pois já no ano seguinte, foi convidado pelo novo comandante (Coronel Bastos) para regressar à sua segunda casa na condição de PTTC (Prestador de Tarefa por Tempo Certo), para exercer a função de chefe de escritório da Operação Carro Pipa, missão que executara com reconhecido esmero e versatilidade nos anos finais da sua carreira, retornando então em 1º de novembro de 2019.

Hoje, o Capitão R/1 Claudionor permanece exercendo o seu trabalho com a mesma prestatividade e disciplina aprendida nos tempos em que iniciara a sua jornada no Exército Brasileiro, e por isso nutre uma consideração especial pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção, quartel onde iniciou a carreira como um simples soldado recruta, e concluiu como oficial no posto de capitão.

Rotineiramente, este militar organiza reencontros de contingentes no intuito de fortalecer os laços de amizade e os juramentos professados pela farda, rememorando assim os ensinamentos e a vivência na caserna. O Batalhão General Argolo para ele e os seus compatriotas é inegavelmente uma grande escola de civismo, boa conduta, e acima de tudo oportunidades de progresso pessoal e profissional.

BOMBAGAI: O SOLDADO DA PAZ DA BAHIA, DO BRASIL, DO HAITI E DO MUNDO

Ronni Peterson Honório Sousa nasceu em uma família humilde, já nutrindo desde cedo um pequeno sonho pelas Forças Armadas, implantado pelo seu pai e seu tio, os senhores Carlos Augusto Pereira de Sousa e Francisco Pereira de Souza, ambos veteranos do 3º BEC (Picos-PI). Entretanto, o jovem confessa que, desconhecendo o espírito da instituição militar, ingressou com a intenção maior de auferir um emprego e um salário digno, sem jamais imaginar as peripécias repleta de emoções que o destino o reservaria.

O conscrito Honório Sousa assentou praça no dia 1º de março de 2010, como soldado do efetivo variável do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, realizando o curso de formação básica do Grupamento Alfa através do 4º Pelotão (Caveira), comandado pelo 1º Tenente Vicente.

Durante o período de qualificação, foi lotado na Companhia de Engenharia de Equipamentos e Manutenção (Cia E Eqp Mnt), onde não desperdiçou o ensejo para aprender a operar todas máquinas existentes naquela subunidade, com destaque para as escavadeiras, retroescavadeiras e carregadeiras.

Naquele ano, foi aprovado ainda como recruta nos exames internos para realizar o Curso de Formação de Cabos (CFC), composto por um efetivo total de vinte e nove militares. Após obter êxito no curso,

recebeu a promoção a cabo no dia 1º de maio de 2011, momento em que já estava engajado como soldado do efetivo profissional.

Já no mês de agosto, foi transferido internamente para compor a equipe das obras de duplicação e restauração da BR-101 Sul, Lote 2, em Rosário do Catete-SE, a cargo do Destacamento Barão de Maruim, pela 2ª Companhia de Engenharia de Construção, aproveitando a oportunidade para aprender a operar também a usina de concreto.

Após três tentativas frustradas de representar o 4º BEC no exterior, inscreveu-se novamente e foi surpreendido ao ser convocado pela organização militar para compor o efetivo do 4º BEC, juntamente com os soldados Iago e Silva Ferreira, do 21º Contingente da MINUSTAH, comandado pelo Tenente Coronel Brion.

Realizou adestramentos nas cidades de Brasília-DF (Centro de Comunicação Social do Exército), Araguari-MG (11º Batalhão de Engenharia de Construção) e Natal-RN (7º Batalhão de Engenharia de Combate), passando por instruções tanto de engenharia quanto operacionais, como: perfuração de poços; navegação fluvial; lançamento de pontes; operações de garantia da lei e da ordem; resgate e salvamento; simulação de incidentes como terremotos, furacões e outros desastres naturais; controle de distúrbios; uso de armamento não letal; desobstrução de vias; realização de abordagens. Vale frisar que todas estas instruções sucederam ainda sem a total certeza da sua participação, que só ocorreu no momento da partida aérea, em dezembro de 2014,

Ao desembarcar no Haiti, deparou-se com um país completamente diferente da sua realidade até então conhecida: a língua, a cultura, e até o cheiro e as cores do ambiente lhe causaram um forte impacto. Além disso, o país ainda carregava as cicatrizes do terremoto que sacudiu a sua infraestrutura, no ano de 2010. Foi neste momento que o Cabo Honório Sousa sentiu o peso da responsabilidade de colaborar na sua reconstrução daquele país, tão carente de recursos e políticas públicas, através da sua atuação na BRAENGCOY.

Dentre os trabalhos exercidos por este jovem barreirense, destaca-se a reparação de vias e estradas; manutenção de pontes bailley; além das atividades de construção propriamente ditas, como o campo de futebol no Cité Soleil (tradução: cidade do sol), entregue a uma comunidade carente no bairro mais perigoso da capital que, como tantos outros, mesmo assim não deixava de nutrir intensa simpatia pela

engenharia da nossa Força Terrestre, tornando-se logo mais um *bombagai* (“sangue bom”). E foi no Cité Soleil que o Cabo Honório Sousa assustou-se com a “Cozinha do Inferno”, denominação pejorativa de nível mundial para aquela que é considerada a feira livre mais degradante do planeta.

“Em um canto, mulheres preparam o cardápio da noite: carcaça de galinha ao molho de mostarda. A poucas quadras dali, a expressão “cozinha do inferno” é insuficiente para descrever o centro de distribuição de alimentos da região - a maior parte, podres. Roupas sujas e doadas disputam lugar com pilhas de alfaces estragadas. As vísceras de cabras, porcos e aves, destrinchados em praça pública, formam enormes fogueiras. Qualquer noção de saneamento básico é absolutamente ignorada. O odor da miscelânea ofertada pelos “chefs” inebria os olhos e nariz de forasteiros. Os haitianos barganham o alimento que o restante do mundo rejeita.”¹

Esta cena ultrajante que representa o desespero humano pela sobrevivência, mais uma vez tocou profundamente o Cabo Honório sobre a importância mundial da sua tarefa, em lutar até o fim para conceder um mínimo de dignidade àquele povo.

É importante destacar também que a BRAENGCROY atuou na manutenção da paz em ações de segurança e patrulhamento, muitas delas em diversas operações conjuntas com o BRABAT (Batalhão de Infantaria de Força de Paz), posto que o país ainda estava sacudido por alguns focos de conflitos armados, combatidos com mais firmeza pelos primeiros contingentes. Uma das patrulhas mais frequentes ocorria no Lago Azuei, um ponto sensível entre o Haiti e a República Dominicana, muito cobiçada pelos haitianos que, desesperados, tentam atravessar ilegalmente a fronteira.

Apesar disso, a missão também era marcada por um lado humanitário, através de ações cívico-sociais nos finais de semana, e

da visita aos lares da população. Entretanto, toda e qualquer atividade, por mais pacífica que aparentasse, deveria ser escoltada por uma equipe de segurança, para evitar dissabores.

O terceiro mês da missão foi celebrado com uma solenidade de formatura, com a presença da embaixadora da ONU e o Comandante da MINUSTAH, o General Jaborandi. Neste momento simbólico de grande relevância, os peacekeepers (termo em inglês que significa “pacificadores”) são condecorados com a Medalha da ONU.

Após viver seis meses contínuos no exterior, com curtos períodos de folga aproveitados dentro da própria base militar, o Cabo Honório Sousa regressou com dezesseis dias cumpridos a mais que o previsto. Ao desembarcar no Brasil, toda a tropa participou de mais uma formatura de encerramento, no Rio de Janeiro-RJ, partindo logo após para um período de quarentena de quatro dias, sem poder ter contato com ninguém, até ser devidamente liberado pelos setores médicos e psicológicos para regressar ao seu lar.

De volta para casa, a Cidade de Barreiras conheceu um cidadão completamente diferente daquele que havia partido. Este novo militar até hoje carrega em si um sublime sentimento de satisfação em saber que legou uma parcela de contribuição para ajudar pessoas mais necessitadas através da inesquecível Operação de Paz da ONU, agregando conhecimentos para toda a vida.

Esta experiência, assim como tantas outras, só pôde ser adquirida através das oportunidades proporcionadas como membro da Família General Argolo, que para sempre o batizou perante a sociedade mundial como um “capacete azul”, fato de profunda relevância em sua trajetória, agora imortalizada nas páginas deste livro. O seu acervo da missão, composto pela condecoração da ONU, diploma, boina azul, farda com o distintivo da ONU, e fotos, estão cuidadosamente guardados em sua residência, como uma lembrança inesquecível da sua história.

Retornando ao Brasil, agora como um cidadão profundamente identificado pela profissão das armas, e com a iminência de findar o serviço militar temporário de oito anos, decidiu estudar para prestar certame nas Forças Auxiliares, ingressando pouco depois na Polícia Militar da Bahia, em 27 de março de 2018, juntamente com muitos dos seus colegas contemporâneos do 4º BEC.

Durante o curso de formação de soldados, este militar foi alcunhado pelos companheiros do 10º BEIC de “Haiti”. Após formar-se, optou por servir na sede da 85ª Companhia Independente de Polícia Militar (Luís Eduardo Magalhães), onde é honrado juntamente com o Soldado PM T Costa (oriundo do 22º Batalhão de Infantaria, em Palmas-TO) no dia internacional dos *peacekeepers* (29 de maio). E é nesta nova cidade que se tornou um dos responsáveis pela abertura do Curso Preparatório Spartacus, em Luís Eduardo Magalhães, focado nas carreiras militares, com o intuito de estender estes sonhos àqueles ainda ansiosos por trajar uma farda.

Hoje, o Soldado PM Honório reconhece o 4º BEC como um divisor de águas da sua vida. E por mais que a sua nova casa seja a Polícia Militar da Bahia, tem plena ciência de que o militarismo do Exército de Caxias pulsa forte em suas veias, assim como na de todos os militares que passaram por esta honrosa instituição através do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, indubitavelmente uma escola de grande proveito para aqueles que, através da dedicação, sabem aproveitar as oportunidades ofertadas no seu tempo de serviço.



Figura 9.1: o Cabo Honório em missão de paz no Haiti.

Fonte: Cb R/2 Honório Sousa



Figura 9.2: homenagem da 85ª CIPM aos seus peacekeepers.

Fonte: Cb R/2 Honório Sousa

A PRIMEIRA MULHER MILITAR

“[...] Do outro lado, as mulheres-soldados, quase sempre disfarçadas para lutar ombro a ombro com seus irmãos em armas. A história guardou apenas o nome de algumas delas, mas a cada vez em que defenderam suas terras, seus bens e suas famílias, essas mulheres demonstraram coragem e heroísmo. Se a aventura guerreira foi uma tentação para algumas, a maioria lutou por necessidade e, muitas vezes, sua determinação galvanizou a bravura dos defensores.” (CAIRE, 2002, p.37)

Homens e mulheres são diferentes. Isto é um fato que jamais pode ser negado. Divergem na formação biológica, bem como nas suas maneiras de ver o mundo, e as respectivas diferenças devem distingui-los não como gêneros superiores ou inferiores, mas como seres humanos de peculiaridades que se necessitam e se completam para o progresso de todo o corpo social.

O problema é que, na maioria das sociedades do mundo, em pleno século XXI, a mulher é julgada como o sexo frágil, reduzida ao espaço privado, e incapaz de exercer atividades sujeitas ao estresse físico e mental.

Durante séculos, e ainda em algumas famílias conservadoras, a mentalidade dominante é a de que a mulher nasceu para se dedicar ao casamento, à maternidade e à igreja. Em uma instituição como o Exército, em que vestir a farda é para quem realmente nasceu vocacionado à Profissão das Armas, a mulher não era aceita como dotada dos atributos de resistência e liderança, inerentes ao combatente brasileiro. Entretanto, após um paulatino processo de integração do segmento feminino nas Forças Armadas, hoje é sabido que tal vocação não distingue cor, credo, classe social, nem tampouco o gênero.

Navegando mais profundamente pelo vasto oceano da nossa história militar, descobrimos que o pioneirismo feminino na Força Terrestre veio daqui mesmo, na Bahia. Tudo começaria com o simbólico 07 de Setembro de 1822, em que D. Pedro I fez-se imperador e nos tornou independentes com o lendário grito do Ipiranga. Nesta perspectiva, a metrópole portuguesa obviamente não aceitaria perder a sua maior fonte de riquezas, declarando guerra para tentar reaver a sua colônia. Estavam iniciadas então as Guerras pela Independência do Brasil!

Das capitais aos sertões, armas foram empunhadas em algumas províncias que ainda estavam sob o jugo português, como o Maranhão, o Piauí, o Grão-Pará, a Cisplatina e a Bahia, no intuito de consolidar a liberdade da nação surgente.

“À Bahia reservava-se o destino de ser, nas terras brasileiras, o teatro das maiores violências, na luta por nossa emancipação. [...] Os atos de arbitrariedade calaram profundamente, acendendo o anseio de

libertação. Entre os integrantes dessa notável resistência, distinguiu-se a figura feminina: Maria Quitéria de Jesus, que, emocionada pela causa da independência, abandonou a casa, vestida de homem e assentou praça, num regimento de artilharia, transferida depois para o Batalhão dos Periquitos.” (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 1972, p.419-420)

Maria Quitéria de Jesus Medeiros nasceu no Arraial de São José de Itaporocas, localizado nas atuais imediações de Feira de Santana. A despeito de quem julgava a mulher um gênero militarmente incapaz, esta sertaneja fugiu, cortou o seu cabelo e se incorporou às fileiras do Exército Nacional adotando o nome de Soldado Medeiros, para combater disfarçada de homem.

Todavia, o segredo não duraria eternamente. Em uma situação de banho de rio entre os soldados do quartel, descobriram que se tratava de uma mulher. Apesar da ousadia em ter ludibriado os colegas de farda, aquela demonstração de coragem e resiliência foi muito bem reconhecida pelos seus pares e superiores.

Neste propósito, a humilde sertaneja, por sua bravura, valor e intrepidez durante os combates, recebeu do Imperador D. Pedro I as honras de 1º Cadete, o soldo de Alferes-de-Linha e as comendas de Cavaleiro da Ordem Imperial e do Cruzeiro. Os seus feitos ficaram marcados na história militar brasileira, lhe conferindo o honroso epíteto de “Insigne Patriota e Heroína da Independência”.

Por ser a primeira mulher a integrar uma unidade militar na História do Brasil, cujas páginas foram escritas de forma tão honrosa, Maria Quitéria se tornou a patrona do Quadro Complementar de Oficiais (QCO), onde o gênero feminino foi perfeitamente integrado à nossa Força.

Entretanto, hoje as moças ingressam às nossas tropas também sob outros processos seletivos para além do QCO, motivo pelo qual essa heroína, símbolo e inspiração de toda mulher das Forças Armadas, representa assim todo o seu gênero a serviço do Exército Brasileiro, independente do posto, graduação, Arma, Quadro ou Serviço.



Figura 9.3: Maria Quitéria, a insigne heroína da independência do Brasil, primeira mulher do Exército Brasileiro.

Fonte: E-Referências.

Contudo, o pioneirismo de Maria Quitéria foi um caso à parte do século XIX, tal como os feitos ilustres similarmente repetidos pelas nossas febianas no século seguinte, em especial a já mencionada Capitã Aracy Sampaio, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

No que diz respeito a nossa Unidade, a história das primeiras mulheres a ingressarem no 4º Batalhão de Engenharia de Construção é bem recente, iniciada com uma catarinense radicada nos sertões baianos.

Aline Sandrin nasceu em Chapecó-SC, mas migrou aos quatro anos de idade para Barreiras-BA, cidade que desde a conclusão da ligação asfáltica Brasília-Salvador é alavancada por um amplo processo de crescimento econômico, gerado pela rápida expansão do agronegócio. Foi diante deste cenário próspero, que os seus pais optaram por aproveitar o ensejo para investir em uma fazenda de soja, assim como no Restaurante Chão de Brasa.

Durante a juventude, Aline Sandrin estudou nos colégios Padre Anchieta, Padre Vieira, e concluiu o ensino médio na Escola Monteiro Lobato em 1998. No ano seguinte, mudou-se para Aracaju-SE, apenas para cursar bacharelado em odontologia pela Universidade Tiradentes, diplomando-se em dezembro de 2003.

No início de 2004, regressou à Barreiras e não tardou a ser empregada como dentista pela prefeitura local. Foi então que, com apenas seis meses de formada, soube da abertura do Projeto Soldado Cidadão, destinando uma vaga para odontologia ao 4º BEC.

Aline surpreendeu-se com o acontecimento: além de ignorar completamente a existência de odontólogos no Exército Brasileiro, ou mesmo da possibilidade de mulheres servirem à Força, em nenhum momento da sua vida nutriu qualquer sonho pelo militarismo, e a única lembrança inesquecível que a sua memória guardava do 4º BEC era do saboroso suco de limão, servido durante uma visita escolar.

Diante do fato de que poderia não ter o seu contrato na prefeitura renovado no ano seguinte, em virtude das incertezas do cenário político nas eleições municipais de 2004, a moça decidiu tentar a sorte naquele processo seletivo, sendo aprovada em todas as etapas.

No dia 02 de agosto de 2004, a apreensiva Aspirante-a-Oficial Aline apresentou-se ao Exército Brasileiro, ciente de que personificava um marco na história do 4º Batalhão de Engenharia de Construção: ser a primeira mulher militar deste aquartelamento. Rapidamente, a jovem

tornou-se a grande celebridade desta unidade operacional, de modo que poucos dias após o seu ingresso, o seu nome estendeu-se por toda a Cidade de Barreiras, quando concedeu entrevistas à Tv Oeste já nas celebrações alusivas ao Dia do Soldado (25 de agosto).

A partir daquele momento, não havia mais volta: o peso da responsabilidade pairava sobre a sua farda, pois deveria honrar não apenas o seu nome ou o da sua família, mas também o de todas as mulheres, demonstrando pioneiramente no 4º BEC a capacidade feminina em desempenhar atividades militares, há séculos associadas apenas ao segmento masculino.

Por ser a precursora do seu gênero na região, Aline Sandrin teve de adaptar o fardamento ao seu porte físico, e comprar o par de coturnos que calçava o manequim da loja militar, os únicos disponíveis com o tamanho ideal aos seus pés.

Aos poucos, o próprio quartel teve de se moldar a esta nova realidade, a exemplo das instalações físicas: ainda não havia alojamento feminino, e durante anos a oficial-dentista utilizou um quarto do Hotel de Trânsito dos Oficiais (HTO) para tal finalidade.

A despeito das dificuldades em acomodar-se ao que considerava um “universo paralelo” a tudo o que já havia experimentado, Aline demonstrou esforço, coragem e determinação durante a sua etapa de formação básica, especialmente no acampamento de instrução militar dos jovens recrutas do Grupamento Bravo 2004, onde foi diuturnamente testada pelos comandantes de pelotão, sem externar qualquer sinal de fraqueza: venceu obstáculos, cavou trincheiras, resistiu às pressões psicológicas, e adentrou destemidamente na floresta e no gelado Lago Nass, tanto ao dia quanto pela noite.

Concluindo com pleno êxito esta fase inerente a todos os militares, a pioneira exerceria por quase sete anos não apenas a função de odontóloga, mas também a de chefe da divisão de saúde, e a de gestora do HTO.

As maiores realizações da Tenente Aline foram conquistadas através das oportunidades ofertadas durante a sua jornada no 4º Batalhão de Engenharia de Construção: a promoção aos postos de segundo-tenente (30/04/2005) e primeiro-tenente (30/04/2008); a construção de diversos laços de amizade, preservados mesmo ao longo do tempo e das distâncias; a especialização acadêmica; o casamento com o 3º Sargento Pinheiro; e a maternidade.



*Figuras 9.4/ 9.5/ & 9.6: Aline, a primeira mulher militar do 4º BEC.
Fonte: 1º Tenente R/2 Aline*

Ao término do serviço militar temporário, a primeiro-tenente Aline deixou as fileiras da Força Terrestre em fevereiro de 2011, para ingressar na reserva não-remunerada. Por este período, o 3º Sargento Pinheiro regressava da missão de paz no Haiti, e o 4º BEC abria uma frente de trabalho para as obras de duplicação e restauração da BR-101 Sul, no interior sergipano.

Perante este panorama, o casal decidiu se mudar definitivamente para Aracaju, local onde agora residiam os pais da nossa reservista: com muito esforço e dedicação, o Sargento Pinheiro trabalhou naquele trecho de obras até ser aprovado no certame do DNIT, assim como a Tenente R/2 Aline não tardou a ser admitida em um concurso público na sua área acadêmica, no município de Nossa Senhora do Socorro-SE.

Diante de tamanhas experiências de vida, essa oficial não esconde a adoração pelo militarismo, e o amor ao 4º BEC, instituição que considera exemplo de disciplina e organização regional. Desta feita, considera o seu serviço temporário como uma das fases mais importantes para a construção da sua vida pessoal e profissional, louvando mesmo as más experiências, essenciais para o próprio crescimento como cidadã.

Hoje, mesmo distante das fileiras do Exército Brasileiro, esta odontóloga carrega na memória a sua jornada nesta organização militar, e no peito, um orgulhoso coração verde-oliva.

Desde o momento em que atravessara o Portão das Armas do 4º BEC em agosto de 2004, a 1º Tenente R/2 Aline Sandrin Pinheiro demonstrou que o sonho das mulheres barreirenses em servir ao Exército Brasileiro é possível. A sua história pioneira é um marco por iniciar um gradual período de integração das mulheres militares aos anais da história do 4º BEC, cujas páginas foram escritas também por grandes personalidades femininas, cada qual com as suas próprias historicidades e contribuições inestimáveis ao Batalhão do Soldado Operário.

A lista das pioneiras é extensa, e ficará como sugestões para outras obras. Hoje todas estarão representadas apenas pela pioneira Tenente Aline, e por mais uma jovem audaz, cujos feitos eternizados nas próximas páginas são dignos de um destaque especial.

LUGAR DE MULHER É... ONDE ELA QUISER!

Jéssica Maíra Rocha dos Santos nasceu e cresceu em uma família humilde de Barreiras, estudando a vida inteira em escola pública,

e concluindo o ensino médio integrado ao curso técnico de edificações no Instituto Federal da Bahia.

No ano de 2011, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção abriu um processo seletivo para MOT (mão-de-obra temporária), ofertando duas vagas para servidores civis técnicos em edificações, com destino de atuação no lote 2 das obras de duplicação e restauração da BR-101 Sul, situado nas imediações de Rosário do Catete-SE. Foi então que a jovem decidiu se inscrever, mas apenas para testar os seus conhecimentos, visto que não almejava trabalhar longe da sua terra natal.

Sendo assim, mesmo logrando êxito na prova, dispensou a convocação. Foi por este período que o então Capitão Alexandre Paiva, Chefe da Seção Técnica do 4º BEC, lhe entregou um papel com o site da 6ª Região Militar, apresentando um novo processo seletivo, mas agora para sargento técnico temporário.

Vale ressaltar que a jovem Jéssica nunca teve qualquer parente militar, e jamais cogitou ingressar nas Forças Armadas ou Auxiliares. Não se reconhecendo vocacionada para tal, ainda sorriu diante do capitão, afirmando que jamais usaria um coque no cabelo.

Após refletir melhor em casa, resolveu se inscrever neste processo seletivo, em que mais uma vez conquistou a aprovação. No dia 24 de fevereiro de 2012, se incorporava às fileiras do Exército Brasileiro a 3º Sargento Jéssica, como militar temporária técnica em edificações do 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Assim como todas as outras pessoas que percorreram o mesmo caminho, independentemente do gênero, esta jovem foi mais uma que recebeu um grande impacto ao sair do proveitoso conforto da vida à paisana para adentrar, repentinamente, no curso básico de formação militar, realizado dentro do próprio 4º BEC.

Não obstante o choque inicial, e o fato de ser a única mulher no acampamento de instrução individual básica, em meio a cento e cinquenta recrutas e mais quatro sargentos temporários em período de formação, a 3º Sargento Jéssica demonstrou amplo espírito de corpo, coragem e vibração no desempenho de todas as atividades no terreno, sendo por isso elogiada por instrutores e monitores.

Mas o seu grande desafio ainda estava por vir: empolgada com a nova farda que orgulhosamente trajava, e inspirada nos exercícios

militares então realizados, a Sargento Jéssica perseguiu mais uma conquista: ser a primeira mulher (e até hoje a única) guerreira de Caatinga do 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Ainda naquele ano, apresentou-se para cumprir o estágio de caatinga no 72º Batalhão de Infantaria Motorizado (Petrolina-PE), como a “combatente 35”. No coração do sertão nordestino esta militar passaria por inúmeras provações, potencializadas pelo terreno hostil: sol escaldante, animais peçonhentos, vegetação espinhosa, amplo peso na mochila e pouca água no cantil.

Destemidamente, a 3º sargento Jéssica participou com êxito das mais diversas instruções, como: orientação diurna e noturna; tiro noturno; captura de animais peçonhentos; primeiros socorros; dentre outras; com destaque para a instrução de sobrevivência, momento em que, em plena seca do semiárido pernambucano, teve que dividir um único cantil de água para oito combatentes.

Com um sol flagelante durante o dia, e a brusca queda de temperatura à noite, vários homens sucumbiram durante o curso, mas a perseverança da Sargento Jéssica a conduziu até o final, mesmo diante das condições tão adversas. Neste sentido, ao concluir com êxito a sua jornada, esta militar trouxe para Barreiras não apenas o seu diploma e o brevet de guerreira de caatinga, mas também uma nova página para a história da Família General Argolo.

Entretanto, era apenas o início da longa odisseia enveredada por esta pioneira, destinada a quebrar inúmeros tabus. Ainda em agosto daquele ano, a moça foi a primeira mulher do 4º BEC a voluntariar-se para representar a 6ª Região Militar na competição de pista de orientação, promovida pelos jogos do Comando Militar do Nordeste (CMNE), cuja equipe sagrou-se vice-campeã.

Sem esmorecer diante de novos desafios, pouco tempo depois foi transferida internamente para compor o efetivo do Destacamento Barão de Maruim (2ª Companhia de Engenharia de Construção), nas obras de duplicação e restauração da BR-101 Sul, no interior sergipano: ironicamente, o mesmo que outrora havia rechaçado, como mão-de-obra temporária.

Neste canteiro de obras solitário em meio a um canavial, passou alguns anos imbuída da tarefa de apropriação: missão de produzir o levantamento de serviços realizados para o preenchimento do mapa físico

financeiro da obra. Neste período, manteve pouco contato presencial com a família, cujas saudades eram amenizadas através dos meios de comunicação, sobretudo telefônico.

Cabe ressaltar que a jovem não foi a primeira militar do batalhão a estar na linha de frente do engenheiro de construção, feito já realizado pela 3º Sargento Magali. Entretanto, foi a que mais tempo passou destacada, regressando apenas em 2015, após se ferir em um grave acidente de ônibus, em que infelizmente faleceu o 2º Tenente Guimarães².

De volta a Barreiras, o 4º BEC decidiu apostar no talento da 3º Sargento Jéssica nos serviços de apropriação, para testá-la na realização do controle dos serviços de qualidade e manutenção das viaturas e maquinários do quartel, de forma que foi a primeira mulher a integrar a Companhia de Engenharia de Equipamentos e Manutenção.

Nos mais distintos quartéis de engenharia em que se apresentava para participar das reuniões relativas à manutenção de viaturas e equipamentos, surpreendia a todos por dois motivos: primeiro, por ser uma mulher atuando em um ambiente culturalmente associado ao meio masculino; e segundo, por não possuir qualquer formação na área, mas ainda assim destrinchar tão bem a missão, fruto da sua intensa vontade em aprender, e humildade em dividir o mérito com os seus subordinados.

Neste propósito, como uma líder nata, a 3º Sargento Jéssica geriu a sua equipe com notável esmero, elevando o status, até então deficitário, do aquartelamento no quesito de manutenção perante o 1º Grupamento de Engenharia, motivo pelo qual permaneceu desviada da sua função precípua (edificações) até o fim da sua jornada no Batalhão General Argolo.

Paralelamente, vale destacar que a jovem investiu o tempo livre na formação acadêmica em ciências contábeis, curso concluído em 2018, o mesmo ano em que conhecera o Aspirante Lucas Souza (hoje 1º tenente) oriundo do CPOR (Recife-PE), por quem se apaixonou e hoje é casada.

Com notório pendor operacional, despertado no exercício das suas funções do aquartelamento, a 3º Sargento Jéssica ainda compôs o efetivo do PELOPES (Pelotão de Operações Especiais) do 4º BEC, unificando assim as missões técnicas e combatentes tão características

da Arma de Engenharia. Neste momento ímpar, a jovem passou por diversos adestramentos, juntamente com a 3º Sargento Aurinívia, sobretudo em instruções de GLO (Garantia da Lei e da Ordem).



*Figuras 9.7 & 9.8: a 3º Sargento Jéssica no Estágio de Caatinga.
/ Sargento Jéssica e Sargento Aurinívia em instruções de GLO.
Fonte: 2º Sargento R/2 Jéssica / Idem.*

Em fevereiro de 2020, a Sargento Jéssica finalmente concluiu o serviço militar técnico temporário, ingressando na reserva de 2ª classe do Exército Brasileiro promovida a 2º Sargento, e com a plena satisfação de ter cumprido a sua missão e agregado amplos conhecimentos através das vivências proporcionadas pelo Batalhão do Soldado Operário. Como exemplo, podemos citar a realização de vários cursos no âmbito da Companhia de Engenharia de Equipamentos e Manutenção, motivo pelo qual não tardou a ser empregada na empresa Volkswagen.

Entretanto, profundamente identificada à vida militar que outrora renegara, passou a dedicar-se também aos concursos policiais, sendo aprovada no Curso de Formação de Soldados da Polícia Militar do Tocantins, juntamente com outros ex-integrantes do quartel barreirense. Hoje, ostentando uma nova farda, a Aluna-Praça PM Jéssica serve ao povo tocantinense plenamente realizada por toda a sua trajetória profissional, percorrida com inegável sucesso, e cujo tiro de largada foi dado no 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Ao 4º BEC, a 2º Sargento R/2 Jéssica lega uma brilhante história e a sua eterna gratidão!

Assim são as mulheres do 4º Batalhão de Engenharia de Construção! Algumas delas casadas, e com militares do próprio 4º BEC, tamanha a transformação que esta unidade operacional causa na vida das pessoas. Todas dotadas da fineza e compostura feminina, diuturnamente tomadas pelo sentimento de dever e amor à pátria.

Durante o período de formação participam dos acampamentos de instrução, vencendo obstáculos mesmo diante do peso da mochila e do fuzil, em circunstâncias igualmente adversas à homens e mulheres, mas externando a coragem e a persistência esperada de todo combatente da Força Terrestre do Brasil.

Todos os dias, de olhar altivo, elas vão à caserna para vestir a mesma farda e desempenhar as mesmas atividades que o segmento masculino: marchar junto às tropas; realizar treinamentos físicos; atirar de fuzil e pistola; bem como garantir a segurança e a integridade do aquartelamento.

Igualmente valorosas e dignas de registro são as nossas servidoras civis, há anos dedicando a vida profissional ao quartel, bem como as esposas e filhas da Família Militar que dão todo o suporte enquanto os seus maridos e pais dão o suor e o sangue pelo progresso da nação.

Esposas, filhas, servidoras, sargentos, tenentes, capitães. Em casa ou no trabalho. No cerrado ou na caatinga. No quartel ou no trecho de obras. Construindo ou combatendo, mas sempre servindo. Em cada uma delas há uma Maria Quitéria com o coração verde-oliva.



Figuras 9.9/9.10 & 9.11:

a Aluna-Praça PM Jéssica e os seus amigos do 4º BEC, agora na PMTO.

/ as mulheres militares do 4º BEC / Idem.

Fonte: 2º Sargento R-2 Jéssica / 4º BEC / Idem.

AVOZ CIVIL DO EXÉRCITO NA SOCIEDADE DO AMANHÃ: OS LÍDERES DO FUTURO

No que concerne à esfera do serviço militar temporário, o Exército Brasileiro também contempla o segmento dos oficiais da reserva de 2ª classe (também conhecidos como oficiais R/2), formados nos Núcleos ou Centros de Preparações de Oficiais da Reserva (NPOR/CPOR). Estas unidades militares são renomadas escolas de civismo e cidadania responsáveis por formar aspirantes-a-oficiais que servirão por prazo determinado em suas Armas, Quadros ou Serviços.

Após o ano de formação, e o Estágio de Instrução e Preparação de Oficiais Temporários (EIPOT), estes militares podem ser distribuídos para quartéis em todo o Brasil, onde prosseguirão no serviço ativo como tenentes por um período que pode perdurar mais sete anos³. Posteriormente, ingressam na sociedade civil como oficiais da reserva de 2ª classe, perfeitamente capacitados para o exercício da liderança, haja vista a experiência adquirida no comando das tropas, dentre outras funções de chefia.

Há dezenas de anos, uma grande leva de tenentes da reserva não-remunerada têm construído a história deste BEC, assim como de vários outros. Um dos primeiros oficiais temporários a vir para a Cidade de Barreiras-BA foi o 2º Tenente Haroldo de Barros Oliveira, nascido em 05 de outubro de 1955, e natural do Crato-CE.

Após o falecimento do seu pai, a família decidiu radicar-se na capital pernambucana, e assim Haroldo se alistou para o Exército Brasileiro, integrando a turma de 1975 da Arma de Engenharia do CPOR/Recife. Após concluir o curso, e realizar o EIPOT no 7º Batalhão de Engenharia de Combate (Natal-RN), o jovem foi transferido para o 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Haroldo chegou a Barreiras em 30 de novembro de 1976, apenas cerca de quatro anos após a mudança de sede do Batalhão, quando este ainda executava a imponente missão do asfaltamento da rodovia Brasília-Salvador. Assim como tantos oficiais temporários oriundos dos mais recônditos rincões do país, o Tenente Haroldo trazia consigo apenas a mala, a espada, e a promessa de que retornaria a sua terra tão logo findasse a sua trajetória militar, sem imaginar as peripécias que o destino o reservava.

Naqueles tempos, o “Velho Oeste” ainda era uma região carente, mas já em franco processo de transformações: as obras da ligação asfáltica Brasília-Salvador estavam a pleno vapor, mas enquanto não conclusas, tornavam as viagens ao Recife uma dispendiosa aventura; não haviam universidades a serem cursadas; o meio de comunicação mais utilizado era a carta, que percorria longos dias até o destino final; não havia telefone, e apenas nas datas festivas, como o dia das mães e o Natal, o quartel facilitava uma ligação via rádio com o telefone de Formosa-GO, e deste para a casa do familiar, mas cada chamada não poderia exceder três minutos, considerando-se a multidão aguardando para falar com os seus entes queridos.

No 4º BEC, tal como geralmente sucede aos oficiais subalternos, o Tenente Haroldo foi imediatamente lotado na antiga Companhia de Comando e Serviço (CCS, hoje a Companhia de Comando e Apoio), liderando pelotões durante o período de instrução básica.

Após concluída esta fase, Haroldo colaborou na gestão do quartel, acumulando assim profundos conhecimentos no exercício das mais diversas funções administrativas: tesoureiro do serviço de assistência social (SAS); seção de compras do almoxarifado; oficial de comunicações, tendo em vista esta carência na organização militar, inclusive realizando um curso no 4º Batalhão de Comunicações (4º B Com, Recife-PE); oficial de treinamento físico militar; oficial de tiro; e responsável pelo paiol de munições e explosivos.

Na 1ª Companhia de Engenharia de Construção, trabalhou no desmatamento do trecho de obras Barreiras-Ibotirama. Quando das famosas enchentes que assolaram a região em 1979, foi designado para a banca de Ibotirama, onde teve que reestruturar o terreno do posto fiscal até praticamente a beira do rio, missão esta prolongada por um bom tempo, a ponto de fazê-lo abrigar-se em barracas às margens do São Francisco. Alguns dos trechos haviam sido tão destruídos, que teve de ser remontado com cerca de dezessete metros de aterro.

Naqueles tempos, toda a logística sofria com a precariedade, mas se atuava com profundo afinco, vontade, e uma maior autonomia que hoje, tamanho o respeito inspirado pelo Exército Brasileiro durante os Governos Militares (1964-1985). Com o passar dos anos, o jovem tenente criaria consistentes vínculos com o Batalhão do Soldado Operário,

a Cidade de Barreiras, e o povo oestino, especialmente com a jovem Ana Maria Coelho de Barros, com quem constituiu uma sólida família.

No que diz respeito às obras do 4º BEC, Haroldo sempre serviu nos canteiros da 1ª Companhia de Engenharia de Construção, aperfeiçoando a sua capacidade de comando. E foi assim que, mesmo licenciado após o término dos anos de serviço militar temporário, foi requerido para permanecer como servidor civil no batalhão, mas logo receberia uma proposta mais atrativa: as empresas privadas o convocaram para implantar e gerenciar a Honda Motos em Barreiras, empreendimento em que se dedicou por cerca de vinte e cinco anos. O seu nome, como forte liderança empresarial sempre esteve requisitado no cenário regional, de modo que Haroldo ainda trabalhou para a Chevrolet, a Dafra, e a Construvale, até finalmente gozar da merecida aposentadoria.

Além disso, Haroldo também foi convidado por amigos para fundar, em Barreiras, o Rotary Club, entidade de suma importância que presta um trabalho voluntário social de qualidade, e disposta a acolher todos aqueles que se dispõem a colaborar com os mais necessitados. Nesta instituição, onde assumiu recentemente a presidência pela segunda vez, conquistou inúmeras amizades, ampliando o seu leque de experiências.

Vale destacar que, Haroldo não chegou a concluir os estudos universitários. Embora aprovado como acadêmico em Direito após prestar o vestibular da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), não cursou por estar imbuído do serviço militar. A primeira faculdade a chegar à região oeste foi a Universidade do Estado da Bahia, na década de 80, mas os seus afazeres eram tamanhos que, por isso, não chegou a concluir qualquer curso do ensino superior. Ainda assim, não tem o que lamentar da vida que levou, pois agradece todos os dias a trajetória vivenciada a Deus, à orientação dos seus pais, e à sabedoria proporcionada pela função de oficial do 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Situação semelhante viveu o seu substituto, o 1º Tenente Francisco Anselmo de Sá Libório, com quem firmou estreitos laços de amizade.

Anselmo nasceu no ano de 1963, em Petrolina-PE, mas durante a adolescência mudou-se com a família para a capital pernambucana, onde concluiu os estudos escolares e fora aprovado para o curso de

Engenharia Civil na Escola Politécnica, campus pertencente a Universidade Estadual de Pernambuco (UPE).

Com o advento da maioridade, também optou por prestar o serviço militar obrigatório no CPOR/Recife, e decidido a expandir os seus conhecimentos técnicos universitários, optou pela Arma de Engenharia, tendo assim integrado a turma de 1982.

Após realizar o EIPOT no 1º BEC (Caicó-RN) no ano seguinte, foi transferido em 1984 para servir ao 4º Batalhão de Engenharia de Construção, onde por duas vezes exerceu as funções de comandante de pelotão da instrução básica.

Sem jamais atuar no setor administrativo do aquartelamento, e vocacionado às atividades de construção, o Tenente Anselmo participou dos trechos de obras, colaborando no serviço de terraplenagem entre Formosa do Rio Preto-BA até a divisa com o Piauí (inclusive comandando este destacamento por seis meses); na execução da pista de pouso e decolagem do aeroporto de Barreiras, bem como o pátio de estacionamento; e nas estradas vicinais de Angical-BA, favorecendo um assentamento beneficiado pela reforma agrária.

Sentindo-se profundamente satisfeito com a experiência adquirida no Batalhão do Soldado Operário, optou por encerrar o serviço militar temporário mais cedo, já no ano de 1987, aproveitando uma oportunidade para investir na produção rural em Petrolina-PE, em área irrigada pelo Projeto Maniçoba.

Entretanto, os anos 80 estão gravados na história brasileira como a década perdida: com a especulação financeira, a queda do crescimento econômico nacional, o aumento da dívida externa, o fracasso do Plano Cruzado, e a hiperinflação do Governo Sarney (1985-1990), o investimento não vingou, motivo pelo qual Anselmo decidiu recomeçar a vida em Barreiras, cidade onde, como militar temporário, já evidenciara o seu talento e consolidara os seus contatos.

Neste sentido, aceitou o convite para gerenciar uma retífica de motores, e pouco depois estabeleceu o seu próprio empreendimento na mesma linha de bombas injetoras e motores, através da empresa Cerrado Diesel. Este oficial da reserva atua até hoje neste ramo, mas agora enraizado definitivamente no Oeste Baiano, região onde já havia encontrado a companheira de toda uma vida: a professora Valéria da Silva Libório, com quem se casou em 1989.

Além do sucesso profissional, Anselmo sempre demonstrou profunda abnegação às atividades de cunho social desenvolvidas pela Igreja Católica, motivo pelo qual foi convidado pelo amigo Haroldo a ser um dos socio-fundadores do Rotary Club, entidade em que chegou a assumir a presidência por duas vezes.

Em virtude do dinamismo da vida militar no município ainda em expansão, e do efêmero investimento no agronegócio, Anselmo também não concluiu os estudos universitários, mas considera o 4º BEC como a verdadeira faculdade da sua vida, tamanha a importância para o seu futuro civil em ter praticado atributos tão peculiares à vivência na caserna, como a profunda disciplina, o respeito à hierarquia, a intensa persistência perante às dificuldades mais sombrias, e o exercício da liderança.

As biografias dos tenentes Haroldo e Anselmo figuram entre tantas outras que poderiam ser escolhidas para compor este livro, posto que, com exceção das dificuldades inerentes àquela época, hoje sanadas com o passar das décadas, a história tem se repetido ao longo destes cinquenta anos. Neste propósito, é que também optamos por destacar um exemplo mais recente, sucedido ao 1º Tenente Vítor Câmara Carneiro Leão, da turma de 2004 do Quadro de Material Bélico do CPOR/Recife.

Após concluir o EIPOT e se deparar com a escolha de quartéis a servir, Vítor optou pela guarnição de Barreiras-BA, acreditando ser próxima a capital baiana. Todavia, logo arrependeu-se ao observar o mapa, e descobrir que era a mais distante das guarnições ofertadas, tanto que se perdera no caminho para a nova cidade, penando na estrada por três sofríveis dias.

Alcançando o destino final, o jovem foi bem recepcionado pelo Coronel Corrêa, então Comandante do 4º BEC e que já havia servido outras vezes ao Batalhão, inclusive como tenente contemporâneo ao Haroldo.

Durante a sua trajetória no Batalhão do Soldado Operário, o Tenente Vítor fez jus à sua formação no Quadro de Material Bélico, ao atuar na Companhia de Engenharia de Equipamentos e Manutenção, subunidade em que chegou a assumir o comando por diversas vezes.

Além desta missão, também esteve destacado no intuito de prestar apoio de manutenção aos equipamentos que constituem o coração dos trechos de obras: as viaturas e maquinários, amplamente submetidos a poeira e ao desgaste intrínseco às atividades de construção.

Neste propósito, o Tenente Vítor labutou nos destacamentos baianos de Ibipeba, Riachão da Neves, Formosa do Rio Preto, Riachão do Jacuípe, Ibó, Correntina, além das localidades de Monte Alegre-GO, Goiana-PE, e Rosário do Catete-SE, onde encerrou a sua jornada militar.

Vale lembrar que, em caráter extraordinário, o Tenente Vítor participou das Operações de Garantia da Lei e da Ordem nas eleições de Cristalândia-PI, e na segurança do então Presidente Lula, quando da sua visita à Barra-BA.

Oito anos de serviço militar temporário rapidamente passaram, e muita história sucedeu, impregnando no peito do Tenente Vítor um autêntico amor pela farda, e um nostálgico sentimento de que, se pudesse, passaria mais vinte anos.

Apesar dos obstáculos enfrentados ao decorrer da sua trajetória até o licenciamento, em junho de 2012, o referido oficial realizou inúmeros cursos; conheceu distintas personalidades nas mais diversas viagens; manteve contato com militares e servidores civis que muito lhe ensinaram; fortaleceu o seu talento em manutenção em toda a variedade de maquinários; casou-se com a Tenente Mayara, oficial-dentista do 4º BEC; firmou várias amizades em Barreiras, e acima de tudo, evoluiu como ser humano e profissional, a ponto de que jamais faltou-lhe propostas de trabalho na cidade que agora aceitara como sua.

Sendo o quartel então decisivo para a agregação de experiências à vida civil, sobretudo em questões de convivência, paciência, equilíbrio emocional, gestão e negócios, todos estes oficiais da reserva de 2ª classe não hesitam em aconselhar a prestação do serviço militar no Exército Brasileiro, instituição que, além de maturidade, fornece importante suporte para o cotidiano de qualquer cidadão.

Mesmo distante das fileiras das Forças Armadas, um verdadeiro combatente jamais perde a postura militar. E é neste sentido que os tenentes R/2 residentes na região costumam alimentar um forte vínculo com o 4º BEC, e mesmo após o licenciamento, mantém sólida parceria com todos os sucessivos comandantes da Unidade, sem qualquer interesse pessoal: apenas pelo desejo de, mesmo sem a farda, continuar a servir à Pátria, através da participação em solenidades e ações cívico-sociais que possam elevar o bom nome da instituição perante a comunidade local.

Os tenentes temporários como o Haroldo, o Anselmo e o Vítor, notabilizaram-se pela assunção dos cargos de chefia nos anos em que serviram à Força, tornando-se apenas três das incontáveis biografias referenciadas na sociedade, cuja gênese do sucesso está atrelada ao Exército Brasileiro - sobretudo na figura do CPOR/Recife, e do 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Os atributos inerentes ao oficial da Força Terrestre - dentre os quais podemos destacar liderança, cooperação, persistência, postura e iniciativa, além do intelecto - constituíram a base para prosseguir em evidência, mesmo após o serviço militar temporário. Por toda a Barreiras, é comum encontrar inúmeros tenentes R/2 gabaritados como empresários, gerentes, advogados, engenheiros, e toda a gama de líderes que colaboram na vanguarda da direção política, social e econômica do Oeste Baiano.

Desta feita, estes eternos militares nunca hesitam em honrar as tradições do passado, constituindo-se multiplicadores dos valores, da cultura e das lições históricas do 4º BEC por todo o povo barreirense. Dada a importância desta herança cívica, é que o CPOR do Recife não peca por reiterar o seu principal legado ao final do próprio brado:

“Nós somos os legítimos herdeiros dos heróis de Casa Forte⁴. Em nosso quartel, aprendemos no hoje, a defender a pátria, a conduzir homens, e a ser **a voz civil do Exército na sociedade do amanhã!**”⁵ [os grifos são nossos]

A VOZ MILITAR DO EXÉRCITO NA SOCIEDADE DO AMANHÃ: OS DOIS TENENTES-SOLDADOS

João Paulo Pinheiro Lima e John Lenon da Silva assentaram praça no dia 08 de fevereiro de 2010, como o Aluno Pinheiro e o Aluno Lenon, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Ambos incorporaram no período básico no mesmo 4º Pelotão (Tormenta), comandado pelo então 1º Tenente Andrade, e igualmente optaram por cursar a qualificação na Arma de Engenharia. Ao final do ano de instrução, foram declarados aspirantes-a-oficial em 05 de dezembro de 2010, e respectivamente classificados como o primeiro e

o segundo colocados do curso de engenharia (o zero-um e o zero-dois da turma).

Após realizarem o EIPOT no 7º Batalhão de Engenharia de Combate (Natal-RN), apresentaram-se ao 4º Batalhão de Engenharia de Construção em 27 de junho de 2011, onde atingiram o oficialato no posto de segundo-tenente (31/08/2011) e primeiro-tenente (31/08/2014), e notabilizaram-se por exercerem diversas funções no quartel, dentre as quais na formação básica dos soldados como comandantes de pelotão.

O Tenente Pinheiro, militar comunicativo, destacou-se na Seção de Comunicação Social e Relações Públicas, estreitando os laços do 4º BEC com a sociedade através da organização dos mais diversos eventos e palestras, como as solenidades rotineiras do aquartelamento, e a I Corrida Duque de Caxias, na modalidade rústica. Escreveu ainda, por iniciativa própria, a biografia do ex-combatente barreirense da FEB Eurypedes Pamplona, e capitaneou o Espaço Histórico General Argolo (1º museu da OM, no Salão Nobre). Também cumpriu uma etapa durante quase dois anos nas obras de duplicação e restauração da BR-101 Sul, Lote 2, em Rosário do Catete-SE, como chefe da equipe de drenagem do Destacamento Barão de Maruim (2ª Companhia de Engenharia de Construção).

O Tenente Lenon, também atuou no trecho de obras, mas do Contorno Rodoviário de Barreiras (1ª Companhia de Engenharia de Construção). De hábitos bem mais discretos que o seu colega de turma, ainda se destacou amplamente nas funções administrativas do 4º BEC.

Plenamente cientes de que prestavam um serviço militar com data marcada, ambos jamais cogitaram negligenciar os estudos universitários. O Tenente Pinheiro graduou-se tecnólogo em segurança pública e licenciado em história, além de concluir duas pós-graduações nesta última área. O Tenente Lenon graduou-se tecnólogo em gestão financeira, bacharel em ciências contábeis, além de especializar-se em auditoria e controladoria.

Ambos são nativos das praias pernambucanas, mas assim como tantos oficiais temporários que serviram ao 4º Batalhão de Engenharia de Construção, consolidaram laços sociais e familiares, fincando raízes no coração do cerrado baiano. A semelhança na trajetória dos dois colegas de turma é tamanha que ainda foram aprovados no mesmo concurso para soldado das Forças Auxiliares, porém, em Corporações diferentes.

No dia 27 de março de 2018, o agora Aluno-Soldado PM Pinheiro ingressou no 10º Batalhão de Ensino, Instrução e Capacitação, onde já era vastamente conhecido pelos companheiros da Polícia Militar da Bahia, desde os tempos em que conduziu palestras e chefiara a equipe de comunicação social do 4º BEC; por sua vez, o Aluno-Soldado BM Lenon ingressou no 17º Grupamento de Bombeiros Militares.

Como não poderia ser diferente, ambos ainda se formaram soldados na mesma solenidade, na manhã de 18 de fevereiro de 2019, tendo o Soldado Pinheiro conquistado um prêmio como presidente da comissão de formatura, e o Soldado Lenon logrado outro por sagrar-se primeiro colocado do seu curso.

Enquanto este optou por atuar na mesma unidade, aquele está destacado no 4º Pelotão (Mansidão) da 86ª Companhia Independente de Polícia Militar (Formosa do Rio Preto), mas jamais perdeu o vínculo com o 4º BEC ou com o município de Barreiras, onde também faz jus a sua vocação, integrando o quadro de docentes que lecionam a disciplina de história no Colégio da Polícia Militar Professor Alexandre Leal Costa.

Ambos os soldados também carregam a honra de serem eternamente classificados, perante o Ministério da Defesa, como tenentes da reserva não-remunerada do Exército Brasileiro. A humildade em não se deixarem seduzir por vaidades, pelo fato de não exercerem mais a antiga hierarquia nas novas corporações, bem como a experiência acumulada em oito anos de serviço militar na condição de oficial temporário, aditaram não apenas diversos conhecimentos e atributos, sempre requisitados pelos comandantes e lideranças locais, como também angariaram o respeito da sociedade regional e dos novos irmãos de farda, sobretudo dos colegas de turma que sempre reconheceram e admiraram os seus talentos. O Soldado Pinheiro chegou a receber pelos seus companheiros o epíteto de “Tenente dos Praças”.

São duas histórias de vidas de personalidades distintas, porém quase idênticas e profusamente entrelaçadas, com grande parcela do sucesso construída através das jornadas no 4º Batalhão de Engenharia de Construção, quando oportunamente exerceram atividades de liderança como oficiais temporários. Ao contrário dos correligionários “heróis de Casa Forte”, ambos optaram por adaptar o brado do CPOR às suas novas realidades, revelando-se a voz militar do Exército na sociedade do amanhã.



*Figura 9.12: Tenente Lenon (com a Bandeira Nacional) e o Tenente Pinheiro (com a espada na mão), e amigos do 4º BEC.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro*



*Figura 9.13: Soldado PM Pinheiro e Soldado BM Lenon, na própria formatura de conclusão de curso das Forças Auxiliares.
Fonte: 1º Tenente R/2 Pinheiro*

185

NOTAS

CAPÍTULO 1

1 - Ainda existiu na Barra-BA uma quarta agremiação: o Avaí. Entretanto, este clube rapidamente extinguiu-se.

2 - FORTES, Leandro. **Vestígios de uma guerra: Às margens do Rio São Francisco, uma cidade baiana cultua a memória de heróis que combateram no Paraguai.** ÉPOCA. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT150278-15228-150278-3934,00.html>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

3 - OLIVEIRA, Paulo. **Claudinha Perigo.** MEUS SERTÕES. Disponível em: <<https://www.meussertoes.com.br/2017/06/14/claudinha-perigo/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

4 - DUARTE, Lourismar da Silva. **Repressão e proteção, uma visão dialética da instituição policial.** Repositório Institucional UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37133/1/2009_tcc_lsduarte.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

5 - DUARTE, Ruyter Curvello. **Through the eyes of Aracy.** YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wj6Wbhlf7LE>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

6 - Por ter sido militar temporário, hoje ele é tenente da reserva, além de soldado da PMBA no setor operacional. Exerce também a função de professor do Colégio da Polícia Militar Professor Alexandre Leal Costa, em Barreiras-BA.

CAPÍTULO 2

1 - Comunicações. Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Disponível em: <<https://www.cporr.eb.mil.br/index.php/comunicacoes>> Acesso em: 09 abr. 2021.

2 - Segundo os poemas “Ilíada” e “Odisseia”, de Homero, os muros de Troia resistiram por dez anos, até sucumbirem com a infiltração grega através do ardiloso cavalo de madeira.

3 - Azul-turquesa é a cor do bem estar e do raciocínio lógico. Simboliza o conhecimento, a integridade, o poder e a seriedade. O decreto nº 7.201 de 26 e novembro de 1908, do Presidente Afonso Pena, responsável por trazer alterações no Plano de Uniformes de 1894, citou pela primeira vez a cor azul turquesa como referência à Arma da Engenharia.

4 - Durante 53 anos fazendo parte da Arma de Artilharia, a Engenharia finalmente foi reconhecida como Arma em 04 de junho de 1908, durante às reformas promovidas pelo Ministro da Guerra Hermes da Fonseca, futuro presidente do Brasil.

5 - A Engenharia se notabilizou na Guerra do Paraguai pelas seguintes ações: a Travessia do Rio Paraná, que possibilitou a entrada das tropas brasileiras em território inimigo; a construção da Estrada do Chaco; o reconhecimento em força do Piquiciri; e as batalhas de Tuiuti, Humaitá, Itororó, Avaí, Peribebeuí, e Campo Grande.

6 - FILHO, João Café. Decreto nº 36.787, de 19 de Janeiro de 1955. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-36787-19-janeiro-1955-329340-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 mar. 2021

7 - O 1º Grupamento de Engenharia é o Grande Comando enquadrante de todos os batalhões de engenharia de construção (BEC) desdobrados no Nordeste, além do 7º Batalhão de Engenharia de Combate, unidade híbrida especialmente adestrada para atuar no combate e na construção.

8 - 1º Grupamento de Engenharia sediado em João Pessoa-PB; 2º Grupamento de Engenharia sediado em Manaus-AM; 3º Grupamento de Engenharia sediado em Campo Grande-MS; 4º Grupamento de Engenharia, sediado em Porto Alegre-RS; e o 5º Grupamento de Engenharia, sediado no Rio de Janeiro-RJ.

9 -CARDOSO, Fernando Henrique. **LEI COMPLEMENTAR Nº 97, DE 9 DE JUNHO DE 1999.** Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp97compilado.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Esta é uma lei complementar ao parágrafo primeiro do artigo 142 da Constituição Federal de 1988, ainda em vigor.

10 - SILVA, Luís Inácio Lula da. **LEI COMPLEMENTAR Nº 117, DE 2 DE SETEMBRO DE 2004.** Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp117.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

11 - Alcinha do 4º BEC, conforme a letra da sua canção.

CAPÍTULO 3

1 - A Odisseia é uma das duas obras pioneiras da literatura ocidental, de autoria do renomado poeta grego Homero. O título deste clássico universal deu origem a uma expressão, bem recorrente em

produções literárias e cinematográficas, sempre aludindo a uma grande viagem ou grande aventura.

2 - CÂMARA, Arruda. PROJETO N.º 3011/61. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0pis21su04j0e1efb22i5rcaqw28546.node0?codteor=1203461&filename=Dossie+-PL+3011/1961>. Acesso em: 08 mai. 2022.

Esta citação foi extraída do projeto de lei nº 3011/61, do Deputado Arruda Câmara, em Brasília, com a intenção de revogar e tornar sem efeito os decretos que incorporaram provisoriamente a Comarca do Rio São Francisco à Minas Gerais (1824) e à Bahia (1827), restituindo então o referido território a Pernambuco.

3 - O Estado do Tocantins foi criado no dia 05 de outubro de 1988, com a promulgação da atual constituição federal. Entretanto, esta região sempre manteve históricas relações com o Oeste Baiano.

4 - Após a emancipação, o aeroporto passou a pertencer ao município de Parnamirim-RN.

5 - Ironicamente, esta estrada serviria para Abílio Wolney fugir à violência que assolou aquela cidade, indo abrigar-se em Barreiras, onde participou da política, chegando mesmo a ser Intendente (Prefeito) durante o Estado Novo. Entretanto, antes fora convocado pelo Presidente da República para comandar uma tropa que enfrentou a Coluna Prestes na Chapada Diamantina. O próprio Abílio Wolney afirmou à sua filha, D. Doralina Wolney Valente, não ter tido jamais a intenção de matar nenhum brasileiro integrante da Coluna Prestes, e que se esforçou ao máximo apenas para expulsá-los da Bahia.

6 - Durante a vigência da Constituição Federal de 1946, o presidente do Brasil eleito deveria governar por um mandato de cinco anos, vedada a reeleição de forma consecutiva.

7 - Jânio Quadros condecorou Yuri Gagarin, cosmonauta soviético e primeiro humano a orbitar o espaço; bem como Che Guevara, um dos líderes da revolução cubana.

8 - Uma série de manifestações públicas a favor dos militares, que ocorreram entre 19 de março e 08 de junho de 1964.

9 - Alcinha dos cearenses que migraram com o 4º BEC.

10 - A antiga sede em Crateús-CE, tornou-se a sede do 40º Batalhão de Infantaria.

11 - Vale destacar que esta empresa, assim como o Antigo Frigorífico e a primeira usina hidrelétrica do interior baiano, foram fundados pelo engenheiro Dr. Geraldo Rocha, um dos pioneiros do desenvolvimento da cidade.

12 - Pavilhão onde hoje está localizado a Seção Técnica.

13 - Esta galeria foi solenemente inaugurada no dia 19 de setembro de 2018, na Câmara de Vereadores de Barreiras.

CAPÍTULO 4

1 - Estão apontadas apenas as principais obras. Como fonte de consulta, foi utilizado o acervo listado no seguinte livro: FIGUEIREDO, Washington Machado de [et. al]. **A engenharia do exército na construção do desenvolvimento nacional**. Brasília: Departamento de Engenharia e Construção, 2014.

CAPÍTULO 5

1 - SILVA, Luís Inácio Lula da. LEI COMPLEMENTAR Nº 117, DE 2 DE SETEMBRO DE 2004. Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp117.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

2 - Barreiras já recebeu a visita de outro presidente: Eurico Gaspar Dutra, quando da inauguração do hospital que carrega o seu nome, em 1947, poucos anos antes da criação do 4º BEC. Getúlio Vargas e Fernando Collor também compareceram, mas apenas em campanha eleitoral, sem exercer a função presidencial.

CAPÍTULO 6

1 - Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/opiniaio/general-tatu-o-rei-das-trincheiras-155552/?route=general-tatu-o-rei-das-trincheiras-155552&>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

2 - A exemplo do 19º Batalhão de Caçadores (Batalhão Pirajá/Salvador-BA), que o tem como patrono, e adota a sua célebre frase como lema da Organização Militar.

CAPÍTULO 7

1 - A principal entrada de todo quartel.

PALAVRAS FINAIS

Sem notas.

GALERIA DOS COMANDANTES

Sem notas.

APÊNDICE

1 - BORGES, Laryssa. Na “cozinha do inferno”, haitianos comem o que o mundo rejeita. Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/na-cozinha-do-inferno-haitianos-comem-o-que-o-mundo-rejeita,843897c1068da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

2 - No ano seguinte, o Coronel Couto (31º Comandante) e o Tenente-Coronel Pavão (Chefe da Seção Técnica) batizaram uma das salas da Seção Técnica com o nome de *Ismael Macêdo Guimarães Júnior*, em homenagem ao falecido tenente. Esta homenagem póstuma ocorreu com a presença dos pais do referido militar, que receberam uma referência elogiosa e a espada do filho.

3 - O contrato é renovado anualmente. Destaque-se que, na história dos oficiais R/2, nem sempre houve a possibilidade de servir por um total de oito anos.

4 - Alusão a Batalha de Casa Forte, em 17 de agosto de 1645, durante o processo de expulsão dos holandeses pelas tropas luso-brasileiras. Hoje, o CPOR/Recife é sediado no bairro de Casa Forte, na Avenida Dezesete de Agosto, e fazendo jus a tradição do Exército Brasileiro em cultivar os feitos históricos, os seus militares reivindicam para si o título de herdeiros dos heróis de Casa Forte.

5- ESPER, Gen Ex R/1 Antônio Gabriel. Nosso Brado. Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Disponível em: <www.cporr.eb.mil.br/index.php/nosso-brado>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Este brado é estimulado após o comandante perguntar à tropa: “CPOR do Recife, quem somos?”

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. **Historiografia luso-brasileira contemporânea**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- BALTAZAR, Alessandra. **Patrimônio Cultural: Técnicas de Arquivamento e Introdução à Museologia**. Batatais: Claretiano, 2010.
- BLAJBERG, Israel. **Soldados que vieram de longe: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª. Guerra mundial**. Resende, RJ: AHIMTB, 2008.
- BOEHMER, Elleke. **Mandela: o homem, a história e o mito**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.
- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- CHALTON, Nicola; MACARDLE, Meredith. **A história do século 20 para quem tem pressa. 1ª. Ed.** Rio de Janeiro: Valentina, 2017.
- CORRÊA, Rubens Arantes. **História do Brasil III**. Batatais: Claretiano, 2013.
- COSTA, Marcos. **A história do Brasil para quem tem pressa. 2ª. Ed.** Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

- COSTA, Ricardo. Para o que serve a História? **Sinais 3**, Vol. 1, jun.2008. Vitória: UFES, Centro de Ciências Humanas e Naturais, p.43-70. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/para-que-serve-historia-para-nada>>. Acesso em: 25 fev. 2013.
- COSTA, Virgílio Pereira da Silva. **Duque de Caxias: A vida dos grandes brasileiros - 6**. CAJAMAR, Editora Três, 2001.
- DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Revolução Constitucionalista de 1932. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.
- _____. Participação militar no desenvolvimento socioeconômico do país. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.
- DONATO, Mário. **Tiro de Guerra**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.
- _____. **Sampaio**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.
- DUNANT, Henry. **Lembrança de Solferino**. Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2016.
- EKSTEINS, Modris. **A sacração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo. Vol.I.** Brasília: Fundação IBGE, 1972.
- _____ . **História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo. Vol.II.** Brasília: Fundação IBGE, 1972.
- _____ . **História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo. Vol.III.** Brasília: Fundação IBGE, 1972.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Humana, demasiado humana.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FIGUEIREDO, Washington Machado de [et. al]. **A engenharia do exército na construção do desenvolvimento nacional.** Brasília: Departamento de Engenharia e Construção, 2014.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. **História Contemporânea II.** Batatais: Claretiano, 2013.
- GLASGOW, Roy. **Nzinga: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663.** São Paulo: Perspectiva, 1982.
- GOMES, Alberon de Lemos. As Matronas da Nova Lusitânia: casar, procriar, orar. In: GUIMARÃES, Maria de Fátima (coordenadora). **Gênero e História – Caderno de História do Departamento de História da UFPE.** Publicação do Grupo de Estudo Gênero & História. Ano 2, nº2. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.
- HOMERO. **Ilíada. 25. ed.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

- _____ . **Odisseia. 25. ed.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- JOSÉ, Emiliano; MIRANDA, Oldack. **Lamarca: o capitão da guerrilha. 9. ed.** São Paulo: Global, 1984.
- JÚNIOR, Eduardo Fonseca. **Zumbi dos Palmares: A História do Brasil que não foi contada.** Rio de Janeiro: Yorubana do Brasil, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória. 5ª. ed.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- LOPES, Rodrigo Touse Dias. **Abordagens Temático- Metodológicas para História Regional.** Batatais: Claretiano, 2010.
- LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaque para as Américas. **Afro-Ásia**, Vol. 27, 2002. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, p.9-39. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/27_7_identidade.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.
- MACMILLAN, Margaret. **Usos e abusos da história.** Rio de Janeiro: Record, 2010.
- MARCINEIRO, Nazareno. **Introdução ao estudo da segurança pública: livro didático.** Palhoça: UnisulVirtual, 2011.
- MARRIOTT, Emma. **A história do mundo para quem tem pressa. 4ª. Ed.** Rio de Janeiro: Valentina, 2015.
- MENEZES, Edith Oliveira de. & MORAIS, José Micaelson Lacerda. **Seca no Nordeste: desafios e soluções.** São Paulo: Atual, 2002.

- MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005.
- MOTTA, Aricildes de Moraes (org). **História Oral do Exército: formação de oficiais da reserva**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.
- MOURA, Aureliano Pinto de. Da 1^a. Guerra Mundial à Missão Militar Francesa (1917-1920). In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.
- NARLOCH, Leandro; TEIXEIRA, Eduardo. **Politicamente incorreto: o guia dos guias**. São Paulo: LeYa, 2015.
- NETO, José Maria Gomes de Souza; SILVA, Kalina Vanderlei Paiva da; SCHURSTER, Karl. **Pequeno dicionário de grandes personagens históricos**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2016.
- NORTHUP, Solomon. **Doze Anos de Escravidão: a história real de Solomon Northup, cidadão de Nova York, sequestrado na cidade de Washington em 1841, e resgatado em 1853, em uma plantação de algodão da Louisiana**. 1.ed. São Paulo: Seoman, 2014.
- PARENTE, Paulo André Leira; SANCHES, Marcos Guimarães. **Teoria e metodologia da história**. Palhoça: UnisulVirtual, 2009.
- PAULA, Luiz Carlos Carneiro de; MOURA, Aureliano Pinto de; DIRETORIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. Guerra da Tríplice Aliança contra Solano Lopez. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História**

militar brasileira I: do período colonial ao monárquico.

Palhoça: UnisulVirtual, 2009.

- _____ . Reorganização do Exército e da Marinha do Brasil: “reforma Hermes” e os programas de Júlio de Noronha e Alexandrino, na Marinha. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

- _____ . O “Estado Novo” e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

- _____ . Memória e representações na História Militar. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

- _____ . Das características da profissão militar e dos valores militares. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

- _____ ; BITTENCOURT, Armando de Senna; JÚNIOR, Renato Jorge Paranhos Restier. A Marinha do Brasil no período republicano. In: MOURA, Aureliano Pinto de [et al]. **História militar brasileira II: período republicano**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

- _____ ; DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. A Arte da Guerra no Século XX. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

- _____; NACCER, Carlos Alberto. **Armas e Uniformes como memória e representações na História Militar.** In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares.** Palhoça: UnisulVirtual, 2010.
- _____. **Introdução ao estudo da história militar.** Palhoça: UnisulVirtual, 2014.
- PAMPLONA. Luiz Gonzaga. **Barreiras, Bê-A,... da Barra pra cá!.** Brasília: 2002.
- PEDROSA, Evelyne Arnaud Sampaio. **O sonho das rosas... e dos lírios.** Taguatinga, DF: Expresso Digital Gráfica Rápida, 2009.
- PINHEIRO, João Paulo; PITTA, Ignez Almeida. **No cerrado entre o malho e o fuzil: o Exército Brasileiro no Oeste Baiano.** Barreiras: Aliança, 2012.
- PINHEIRO, João. **Tiro, Guerra e Mito: a história de um barreirense na Segunda Guerra Mundial.** 2ª. Ed. Salvador: ALBA, 2019.
- PINTO, Suely Ramalho. **Simplesmente Barreiras.** Salvador: Gráfica Central Ltda, 1988.
- PITTA, Ignez Almeida. **Documentos Barreirenses – Coleção do Professor – Volume I: Barreiras, uma História de Sucesso – Resumo Didático Desde as Origens até 1902.** Barreiras: Cangraf, 2005.
- REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front.** Porto Alegre: L&PM, 2006.
- RODRIGUES, R. C. B. **Historiografia e Teoria da História.** Batatais, 2013.

- ROHDEN, Humberto. **Mahatma Gandhi: o apóstolo da não violência. 3. ed.** São Paulo: Martin Claret, 2012.
- ROMANO, Clayton Cardoso; ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **História do Brasil IV.** Batatais: Claretiano, 2013.
- SANTOS, Albenzio Eloy dos. **O educador itinerante.** Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia. 1ª. ed.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY. Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de História.** São Paulo: Contexto, 2009.
- _____; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos. 2ª. ed.** São Paulo: Contexto, 2008.
- SILVA, Semíramis Corsi. **História Antiga I.** Batatais: Claretiano, 2012.
- SILVEIRA, Itamar Flávio da; CARVALHO, Suelem. **Golpe de 1964: o que os livros de história não contaram.** São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2016.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.; Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura – Exped Ltda., 2001.
- TAVARES, General Aurélio de Lyra. **Vilagran Cabrita, e a Engenharia de seu tempo.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

- TORELLI, Leandro Salman; PEREIRA, Reginaldo de Oliveira. **Metodologia da História II**. Batatais: Claretiano, 2009.
- TZU, Sun. **A arte da guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- WILL, Daniela Erani Monteiro. **Metodologia da pesquisa científica**. Palhoça: UnisulVirtual, 2012.
- WRIGHT, Quincy. **A guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

FILMOGRAFIA

- **A COBRA Fumou**. Direção de Vinícius Reis. Produção Brasil: BSB Cinema Produções Ltda, 2002. 1 DVD (94 min.).
- **AVATAR**. Direção de James Cameron. Produção EUA: Lightstorm Entertainment, 2009. 1 DVD (162 min.).
- **A ESTRADA 47**. Direção de Vicente Ferraz. Produção Brasil: Três Mundos, Verdeoro & Stopline Films, 2015. 1 DVD (105 min.).
- **CONSTRUINDO um Império. Grécia: A Era de Alexandre**. Direção de Mark Cannon, Dana Ross e Ted Poole. Produção EUA: The History Channel, 2006. 1 DVD (45 min.).
- **CONSTRUINDO um Império. O Mundo de Da Vinci**. Direção de Mark Cannon, Dana Ross e Ted Poole. Produção EUA: The History Channel, 2006. 1 DVD (45 min.).

- **LAMARCA.** Direção de Sérgio Rezende. Produção Brasil: Rio Filme & Morena Filmes, 1994. 1 DVD (130 min.).
- **MARIGHELLA.** Direção de Wagner Moura. Produção Brasil: O2 Filmes; Globo Filmes; Paris Filmes; ArtMattan Productions; Elle Driver, 2021. 1 DVD (155 min.).
- **O 4º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO: BATALHÃO GENERAL ARGOLO.** Direção de CEL HENRIQUE CORRÊA DE OLIVEIRA. JHB Produções, 2004-2006. 1 DVD (14 min.).
- **O CURIOSO Caso de Benjamin Button.** Direção de David Fincher. Produção EUA: Warner Bros, 2008. 1 DVD (116 min.).
- **QUILOMBO.** Direção de Cacá Diegues. Produção Brasil/França: CDK Produções Cinematográficas Ltda, 1984. 1 DVD (119 min.).
- **SENTA a Pua!** Direção de Erik de Castro. Produção Brasil: BSB Cinema Produções Ltda, 1999. 1 DVD (112 min.).

E-REFERÊNCIAS

- **Figuras 1.9 & 1.10 - Aracy jovem/ Aracy aos 90 anos de idade:** disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/cap-enf-aracy^arnaud-sampaio/>> Acesso em: 01 set. 2014.
- **Figuras 2.1 - símbolos de algumas Armas, Quadros e Serviços:** disponível em: <<https://>

www.simbolos.net.br/simbolos-do-exercito-brasileiro/> Acesso em 19 mar. 2022.

- **Figura 2.2 - o cerco da cidade-ilha de Tiro, por Alexandre, o Grande:** <disponível em: <https://www.amusingplanet.com/2020/11/how-alexander-turned-island-of-tyre.html>> Acesso em 19 mar. 2022.

- **Figura 2.3 - o símbolo da Arma de Engenharia:** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Simb_Engenharia_brasileira.jpg> Acesso em 19 mar. 2022.

- **Figura 2.4 - o Forte Orange (luso-brasileiro), construído sobre o antigo forte holandês para defender o litoral pernambucano na Ilha de Itamaracá:** disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_de_Santa_Cruz_de_Itamarac%C3%A1> Acesso em 19 mar. 2022.

- **Figura 3.1 - mapa do Brasil Imperial, com a província de Pernambuco abrangendo a Comarca do Rio São Francisco, atual Oeste Baiano:** disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_in_1822.svg> Acesso em: 23 mar. 2022.

- **Figura 3.4 - estradas do Presidente JK:** disponível em: <<https://jktributo.wordpress.com/category/vida-politica/>>. Acesso em 19 mar. 2022.

- **Figura 3.5 - mapa da rodovia BR-020:** disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/BR-020>>. Acesso em 19 mar. 2022.

- **Figura 3.7 - mapa do encontro das rodovias BR-020/242/135.** Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/BR-242>>

Acesso em: 19 mar. 2022.

- **Figura 3.8 - Marcha da Família com Deus pela Liberdade.** Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade/>> Acesso em: 19 mar. 2022.

- **Figura 3.9 - assunção do poder pelos militares, em 1964.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-03/31-de-marco-militares-consumam-golpe-contra-jango-e-a-democracia>> Acesso em: 19 mar. 2022.

- **Figura 3.10 - jornais anunciam a morte de Carlos Lamarca.** Disponível em: <<https://pagina3.com.br/brasil/morte-do-capitao-lamarca-completa-50-anos-e-sua-atuacao-na-guerrilha-ainda-incomoda-militares/>> Acesso em: 19 mar. 2022.

- **Figura 3.11 - jornais anunciam a morte de Carlos Lamarca.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/472878561/TERROR-NO-FIM-LAMARCA-MORREU-pdf>> Acesso em: 19 mar. 2022.

- **Figura 3.19 - produção agrícola no Oeste Baiano.** Disponível em: <<https://jornalgazetadooeste.com.br/noticias/agricultores-do-oeste-da-bahia-estao-apreensivos-sem-saber-se-poderao-plantar-a-proxima-safra/>> Acesso em 23/03/2022.

- **Figura 3.21 - Barreiras atualmente, com alta densidade demográfica.** <<https://www.antoniopessoacardoso.com.br/2015/03/vista-aerea-de-barreiras-ii.html>> Acesso em: 28/03/2022.

- **Figura 6.1 - Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Alves_de_Lima_e_Silva>. Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 6.2 - Vilagran Cabrita, patrono da Arma de Engenharia.** Disponível em: <<https://engenharia360.com/dia-da-engenharia/>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 6.3 - General Argolo, patrono do 4º BEC.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Gomes_de_Argolo_Ferr%C3%A3o_Filho>. Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 6.4 - a construção da Estrada do Chaco.** Disponível em: <<http://www.dec.eb.mil.br/historico/brasillmperio/estradaChaco.html>> Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 6.5 - a planta da Estrada do Chaco, para a manobra do Piquiciri.** Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/caxico324.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 6.7 - Passagem do Chaco (tela de Pedro Américo).** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manobra_de_Piquissiri> Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 6.8 - diploma da Medalha Mérito Marechal Argolo (PMBA).** Disponível em: <<https://cidademuriae.com/noticia/332345/jornalista-luciana-archete-recebe-medalha-marechal-argolo-da-policia-militar-da-bahia>> Acesso em: 25 mar. 2022.

- **Figura 9.3 - Maria Quitéria, a insígne heroína da independência do Brasil, primeira mulher do Exército Brasileiro.** Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Domenico_Failutti_-_Maria_Quit%C3%A9ria.jpg> Acesso em: 25 mar. 2022.

SITES

- **2º Tenente Enfermeira – ALICE NEVES MAIA.** PORTAL FEB. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/2a-tenente-enfermeira-alice-neves-maia/>> Acesso em: 01 set. 2014.
- **4º Batalhão de Engenharia de Construção.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.4bec.eb.mil.br/>> Acesso em: 06 mai. 2022.
- AGUIAR, Rodrigo; HERMES, Miriam. **Bolsonaro assina termo para Exército tocar obras de lote da Fiol na Bahia.** A TARDE. Disponível em: <<https://atarde.com.br/economia/bolsonaro-assina-termo-para-exercito-tocar-obras-de-lote-da-fiol-na-bahia-1128265?wn=&r1=>>> Acesso em: 11 set. 2020.
- **“A Montanha” – O Filme.** PORTAL FEB. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/o-filme-a-montanha-de-vicente-ferraz/>> Acesso em: 08 dez. 2014.
- **A Rendição Alemã: o Fim da Segunda Guerra Mundial.** JORNAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2012/05/08/a-rendicao-alema-o-fim-da-segunda-guerra-mundial/>> Acesso em: 08 set. 2014.
- **Batalha de Casa Forte.** Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Disponível em: <<https://www.cporr.eb.mil.br/index.php/menu-resumohistorico>> Acesso em: 02 abr. 2022.
- **Bolsonaro viaja a Coribe para entregar parte da obra de adequação da BR-135 na Bahia.** G1. Disponível

em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/21/bolsonaro-viaja-a-coribe-na-bahia-para-entregar-parte-de-obras-de-adequacao-da-br-135.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2022.

- **Bolsonaro visita a Bahia e participa de feira do agronegócio.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/05/31/bolsonaro-chega-a-bahia-para-feira-de-agronegocio-na-regiao-oeste.ghtml>> Acesso em: 01 jun. 2022.

- BORGES, Laryssa. **Na “cozinha do inferno”, haitianos comem o que o mundo rejeita.** Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/na-cozinha-do-inferno-haitianos-comem-o-que-o-mundo-rejeita,843897c1068da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

- CÂMARA, Arruda. **PROJETO N.º 3011/61.** CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0pis2lsu04j0e1efb22i5rcaqw28546.node0?codteor=1203461&filename=Dossie+PL+3011/1961>. Acesso em: 08 mai. 2022.

- **CÂMARA DE BARREIRAS HOMENAGEIA EX-PREFEITOS E FAMÍLIAS DE PIONEIROS E FAZ RESGATE HISTÓRICO.** CÂMARA MUNICIPAL DE BARREIRAS. Disponível em: <<http://cmbarreiras.ba.gov.br/destaques/camara-de-barreiras-homenageia-ex-prefeitos-e-familias-de-pioneiros-e-faz-resgate-historico/>> Acesso em: 24 jan. 2022.

- **Cap Enf Aracy Arnaud Sampaio.** PORTAL FEB. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/cap-enf-aracy-arnaud-sampaio/>> Acesso em: 01 set. 2014.

- CARDOSO, Fernando Henrique. **LEI COMPLEMENTAR Nº 97, DE 9 DE JUNHO DE 1999.**

Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp97compilado.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

- **Comunicações.** Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Disponível em: <<https://www.cporr.eb.mil.br/index.php/comunicacoes>> Acesso em: 09 abr. 2021.

- **Dilma entrega residencial na cidade de Barreiras, região oeste da Bahia.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/10/dilma-entrega-residencial-na-cidade-de-barreiras-regiao-oeste-da-bahia.html>> Acesso em: 31 mai. 2022.

- **Discurso do presidente Lula durante visita a obras de revitalização do rio São Francisco, em Barra, na Bahia.** JORNAL GRANDE BAHIA. Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2009/10/discorso-do-presidente-lula-durante-visita-a-obras-de-revitalizacao-do-rio-sao-francisco-em-barra-na-bahia/>> Acesso em: 31 mai. 2022.

- DUARTE, Lourismar da Silva. **Repressão e proteção, uma visão dialética da instituição policial.** Repositório Institucional UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37133/1/2009_tcc_Isduarte.pdf> Acesso em: 14 dez. 2021.

- DUARTE, Ruyter Curvello. **Through the eyes of Aracy.** YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wj6Wbhlf7LE>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

- ESPER, Gen Ex R/1 Antônio Gabriel. **Nosso Brado**. Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Disponível em: <www.cporr.eb.mil.br/index.php/nosso-brado>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- FERRAZ, Vicente. **A Estrada 47 Trailer Oficial (2014)**. YOUTUBE. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=OIWRIJIMKUM> Acesso em: 21 nov. 2014.
- FILHO, João Café. **Decreto nº 36.787, de 19 de Janeiro de 1955**. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-36787-19-janeiro-1955-329340-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- **Formatura da Tomada de Monte Castelo**. 4º BEC. Disponível em: <http://www.4becnst.eb.mil.br/materias/tomada_monte_castelo.html> Acesso em: 08 set. 2014.
- FORTES, Leandro. **Vestígios de uma guerra: Às margens do Rio São Francisco, uma cidade baiana cultua a memória de heróis que combateram no Paraguai**. ÉPOCA. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT150278-15228-150278-3934,00.html>>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- **HISTÓRIA GERAL SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**. PORTAL BRASIL. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/historiageral_segundaguerramundial.htm> Acesso em 08 set. 2014.
- LIMA, Sergio Cruz. **General Tatu, o rei das trincheiras**. DIÁRIO POPULAR. Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/opiniao/general-tatu-o-rei-das>>

trincheiras-155552/?route=general-tatu-o-rei-das-trincheiras-155552&> Acesso em: 16 mai. 2022.

- Lustosa, DARLAN. **Policial de Mansidão e ex-combatente de guerra são recebidos pelo presidente Bolsonaro.** PORTAL DO CERRADO. Disponível em: <<https://portaldocerrado.com/policial-de-mansidao-e-ex-combatente-de-guerra-sao-recebidos-pelo-presidente-bolsonaro/>> Acesso em: 11 set. 2020.

- MENDONÇA, Angélica. **Convênio feito com Exército garante recuperação de rodovias no sudeste.** TOCANTINS GOVERNO DO ESTADO. Disponível em: <<https://www.to.gov.br/secom/noticias/convenio-feito-com-exercito-garante-recuperacao-de-rodovias-no-sudeste/21cf53gtb644>> Acesso em: 06 mai. 2022.

- OLIVEIRA, Paulo. **Claudinha Perigo.** MEUS SERTÕES. Disponível em: <<https://www.meussertoes.com.br/2017/06/14/claudinha-perigo/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

- **Organizações Militares – Tiros de Guerra.** COMANDO DA 6ª. REGIÃO MILITAR. Disponível em: <<http://www.6rm.eb.mil.br/index.php/organizacoes-militares/tiros-de-guerra>> Acesso em: 21 abr. 2019.

- PAIVA. **4º BEC FAZ ENTREGA OFICIAL DA REVITALIZAÇÃO DAS MARGENS DO RIO SÃO FRANCISCO NA BAHIA.** RÁDIO VALE. Disponível em: <<https://radiovale.com.br/noticia/609753/4-bec-faz-entrega-oficial-da-revitalizacao-das-margens-do-rio-sao-francisco-na-bahia>> Acesso em: 06 mai. 2022.

- REDHIS UFPE. **Baquaqua Comum & Extraordinário part 1.** YOUTUBE. Disponível em:

<www.youtube.com/watch?v=l9FZF9j4UHQ> Acesso em: 11 dez. 2014.

- _____ . **Baquaqua Comum & Extraordinário part 2.** YOUTUBE. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=z4f244nJyzQ> Acesso em: 11 dez. 2014.

- **Rio de sempre dá uma volta na Ouvidor.** O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2011/10/26/rio-de-sempre-da-uma-volta-na-ouvidor-413332.asp>> Acesso em: 27 jan. 2013.

- SILVA, Luís Inácio Lula da. **LEI COMPLEMENTAR Nº 117, DE 2 DE SETEMBRO DE 2004.** Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp117.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

- **Solenidade Comemorativa dos 70 anos de Batismo de Fogo da FEB.** CMNE. Disponível em: <http://www.cmne.eb.mil.br/noticia_completa.php?ID=667¬icias=1> Acesso em: 19 nov. 2014.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- **1936/37 DOCUMENTOS SOLTOS DO TIRO DE GUERRA.**

- **1937 RELAÇÃO DE SÓCIOS TIRO DE GUERRA 128.**

- **1938/39 REGISTRO DE TIRO TIRO DE GUERRA 128.**

- **CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.**
- **CURSO PREPARATÓRIO CIDADE: HISTÓRIA DO BRASIL. APOSTILA ESFCEX 2015.**
 - **DECRETO Nº 26.101 DE 05 DE ABRIL DE 1978, DO PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA.**
 - **ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. VOLUME 20. 1958.**
 - **LEÃO, Vítor Câmara Carneiro. Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp. Mansidão-BA/Barreiras-BA: 08 mar. 2022.**
 - **LIBÓRIO, Francisco Anselmo de Sá. Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp. Mansidão-BA/Barreiras-BA: 05 mar. 2022.**
 - **LIVRO DE REGISTROS HISTÓRICOS DO 4º BEC. 1955-1988.**
 - **LIVRO DA ORDEM DO RIO GRANDE.**
 - **OLIVEIRA, Haroldo de Barros. Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp. Mansidão-BA/Barreiras-BA: 02 mar. 2022.**
 - **PAMPLONA, Eurypedes Lacerda. Meu Diário de Guerra, 1º Caderno. 1944/1945.**
 - **_____. Meu Diário de Guerra, 2º Caderno. 1945.**
 - **PORTARIA Nº 395, DE 16 DE AGOSTO DE 1994 DO MINISTRO DE ESTADO DO EXÉRCITO, DO BOLETIM DO EXÉRCITO Nº 35, DE 02 DE SETEMBRO DE 1994.**

- PINHEIRO, Aline Sandrin. **Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp.** Mansidão-BA/Aracaju-SE: 23 fev. 2022.

- **PROJETO Nº 3011 DE 1961 CÂMARA DOS DEPUTADOS.**

- SANTOS, Jéssica Maíra Rocha dos. **Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp.** Ilha de Itamaracá-PE/Barreiras-BA: 14 jan. 2022.

- SILVA, Claudionor Souza. **Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp.** Seabra-BA/Barreiras-BA: 08 jan. 2022.

- SILVA, John Lenon da. **Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp.** Mansidão-BA/Barreiras-BA: 07 mar. 2022.

- SOUSA, Ronni Peterson Honório. **Entrevista semi-estruturada realizada via whatsapp.** Mansidão-BA/Barreiras-BA: 04 jan. 2022.

“Está mais do que perfeito!

Me emocionei diversas vezes durante a leitura. Lembrei-me da minha infância pelas ruas do batalhão e de ver o meu pai, todos os meus tios, e amigos íntimos da família, fardados de verde-oliva e camuflado, tendo como única esperança o Exército Brasileiro. Emociono ao ver a força do lugar que potencializou a minha vida por inteiro. João, muito obrigada pela oportunidade gratificante de ser a primeira a ler a sua obra. É com lágrimas que escrevo essa pequena nota para ti.

***OBRIGADA!**”*

- Sthefanne Reis -



APOIO CULTURAL



 **PAMPLONA**
A D V O G A D O S

Caminhos

para uma agricultura

sustentável



JCO[®]
BIOPRODUTOS

© MKT JCOB

JCO[®]
BIOPRODUTOS

 77 3612.0881 |  77 3612.0101 |  77 3639-3250
BARREIRAS-BR LUÍS EDUARDO MINGALHÃES-BA

 77 99969-5554  77 99827-4580

    [jcobioprodutos](https://www.jcobioprodutos.com.br)  [jcobioprodutos.com.br](https://www.jcobioprodutos.com.br)



Gen Argolo